



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E
ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc



DÉBORA RIBEIRO CHAVES

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I:
PROCESSOS DE VALORIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO ENTRE
ESCOLA, COMUNIDADE E INSTITUIÇÕES PÚBLICAS EM PROL DO HORTO
FLORESTAL DO CABULA.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Salvador

2016

DÉBORA RIBEIRO CHAVES

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I:
PROCESSOS DE VALORIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO ENTRE
ESCOLA, COMUNIDADE E INSTITUIÇÕES PÚBLICAS EM PROL DO HORTO
FLORESTAL DO CABULA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação e Contemporaneidade, Departamento de
Educação, Universidade do Estado da Bahia, como
requisito final para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Doutora Francisca de Paula Santos Silva

Salvador

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Chaves, Débora Ribeiro

Educação ambiental na Escola Municipal do Cabula I: processos de valorização, mobilização e articulação entre escola, comunidade e instituições públicas em prol do horto florestal do Cabula / Débora Ribeiro Chaves . - Salvador, 2016.
196f.

Orientadora: Francisca de Paula Santos Silva.

Dissertação (Mestrado) . Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I.

Contém referências e apêndices.

1. Educação ambiental - Salvador (BA). 2. Método de projeto no ensino. 3. Comunidade e escola. 4. Interação social. I. Silva, Francisca de Paula Santos. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação.

CDD: 304.2098142

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I: PROCESSOS DE VALORIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E INSTITUIÇÕES PÚBLICAS EM PROL DO HORTO FLORESTAL DO CABULA

DÉBORA RIBEIRO CHAVES

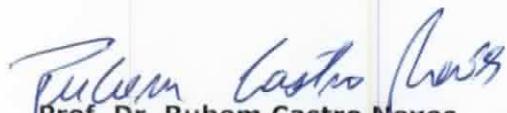
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 29 de abril de 2016, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Profa. Dra. Iara Terezinha Queiroz Pereira dos Santos
Instituto Federal da Bahia
Doutorado em Ciência Ambiental.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil



Prof. Dr. Rubem Castro Neves
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Difusão do Conhecimento
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Análise Geográfica Regional
Universidade de Barcelona, UB, Espanha

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I: PROCESSOS DE VALORIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E INSTITUIÇÕES PÚBLICAS EM PROL DO HORTO FLORESTAL DO CABULA.

DÉBORA RIBEIRO CHAVES

Banca Examinadora:

Francisca de Paula Santos da Silva – Orientadora

Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia, UFBA.

Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

Eduardo José Fernandes Nunes – Membro

Doutor em Análise Geográfica Regional, Universidade de Barcelona.

Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

Iara Terezinha Queiroz Pereira dos Santos – Membro

Doutora em Ciências Ambientais, Universidade de São Paulo, USP.

Instituto Federal da Bahia, IFBA.

Rubem Castro Neves – Membro Convidado

Doutor em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, UFBA.

Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele dá
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(João Cabral de Melo Neto)

AGRADECIMENTO

A Educação é um processo contínuo onde você nunca se encontra acabado e isso já me impulsiona a ir além das possibilidades que ela me dá, pois ao considerar-me questionadora sempre foi muito difícil desistir de um objetivo. No entanto, isso não seria tão fácil se não existissem pessoas que estivessem dispostas a contribuir com meu aprendizado falando-me de alternativas, de novos rumos e que me puxassem a orelha de vez em quando.

Este trabalho é fruto de grande dedicação e uma forma de agradecimento a todas as pessoas que acreditaram no meu potencial, cujos nomes não me atrevo a citar. Pois, dada à emoção desse instante, receio esquecer alguns que me acompanharam não somente nesta empreitada, mas em toda a minha caminhada que resultou para o seu alcance.

Também não posso esquecer a força da natureza cuja grandeza me inspirou a sentir a presença de Deus em todos os momentos e que, ao seu modo, soube estar presente nos momentos que se perduraram até a concretização deste trabalho.

Luz e bênçãos para todos.

Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho foi realizado entre os anos de 2014 a 2016 e propôs fazer um questionamento sobre como a educação ambiental estava sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida. Para responder à problemática, constituiu-se como objetivos específicos: verificar a interação e o engajamento da Escola com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras; socializar práticas sustentáveis da comunidade, órgãos públicos e parceiros que se dispuseram a apresentar de forma colaborativa para o público assistido por esse projeto; e verificar a situação do Horto Florestal do Cabula frente aos órgãos públicos a fim de sugerir práticas sustentáveis que viessem a salvaguardá-lo com a participação da escola e da comunidade do seu entorno. Para tanto se utilizou da pesquisa ação como abordagem metodológica concomitante à elaboração de um estudo de caso na Escola Municipal Cabula I. Como instrumentos de coleta de dados e informações, utilizou-se a pesquisa documental e imagética, entrevistas e questionários, além das anotações de campo. Como resposta aos objetivos traçados verificou-se que a instituição, apesar de ter ações voltadas para a discussão de aspectos relacionados à sustentabilidade socioambiental e de considerar o ser humano parte do meio ambiente, não insere a comunidade do entorno em suas ações. Também os órgãos públicos e instituições privadas que participaram das ações práticas, apesar de contribuir com trabalhos significativos em Educação Ambiental, não tinham contato com a comunidade do entorno à escola. Tudo isso demonstra a fragilidade das relações entre escola, comunidade e parceiros. Quanto ao Horto Florestal do Cabula, área de significativa historicidade e variedade de recursos naturais, até a conclusão desta pesquisa, não existiu definição judicial quanto ao seu destino. O local se encontra cada vez mais ameaçado por ocupações e invasões constantes em seus limites. Como pontos críticos destacam-se: a questão do não reconhecimento da etnia africana e indígena como sendo constituintes da identidade - em especial do bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras - e o preconceito em relação à religião do Candomblé, fatores que dificultam a elaboração de trabalhos de Educação Ambiental contextualizados com a história da localidade onde esta inserida a Escola Municipal Cabula I.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Escola Municipal Cabula I. Horto Florestal Cabula. Interação Comunitária

ABSTRACT

This work was carried out between the year 2014 and 2016 and proposed to do question about how environmental education was being developed by the City School Cabula I, considering its interaction with the community where it is inserted. In order to respond to the problem, the following specific objectives were established: to verify the interaction and engagement of the school with the community of Barreiras, Cabula I or the road Barreiras; socialize sustainable practices of the community, public agencies and partners who were willing to present collaboratively to the public assisted by this project; and verify the situation of the Garden Forest of the Cabula in front of the public agencies in order to suggest sustainable practices that would safeguard it with the participation of the school and the community of its surroundings. For this purpose, the action research was used as a methodological approach concomitant to the elaboration of a case study at the city school Cabula I. As instruments of data collection and information we used the documentary and imagery research, interviews and questionnaires, as well as the annotations of field. In response to the objectives outlined, the institution, despite having actions focused on the discussion of aspects related to socio-environmental sustainability and considering the human being part of the environment, does not insert the surrounding community in its actions. Also, public agencies and private institutions that participated in practical actions, despite contributing significant work in Environmental Education, had no contact with the community around the school. All this demonstrates the fragility of the relationships between school, community and partners. As for the Garden Forest of the Cabula, area of significant historicity and variety of natural resources, until the conclusion of this research, there was no judicial definition as to its destination. The place is increasingly threatened by constant occupations and invasions at its limits. Critical points stand out: the question of the non-recognition of the African and indigenous ethnicity as constituents of the identity - especially of the Barreiras, Cabula I or Estrada das Barreiras neighborhood - and the prejudice against the religion of Candomblé, factors that make it difficult. The elaboration of Environmental Education works contextualized with the history of the locality where the Cabula I Municipal School is inserted.

Keywords: Environmental Education. City School Cabula I. Garden Forest of the Cabula. Community Interaction

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Regiões Administrativas de Salvador - destaque Miolo.....	27
Figura 2	Mapa do Centro de Salvador e Áreas Circunvizinhas. Destaque para o Cabula.....	30
Figura 3	Quilombos de Salvador, séculos XVIII e XIX.....	31
Figura 4	Venda de propriedade na localidade, bairro Saboeiro	42
Figura 5	Bacias Hidrográficas de Salvador.....	46
Figura 6	Mapa do Horto Florestal, 1980.....	50
Figura 7	Horto Florestal do Cabula, 2014.....	60
Figura 8	Meio Ambiente somos todos nós.....	116

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Comunidade.....	16
Ilustração 2	Ocupação no Cabula, ano 1980.....	40
Ilustração 3	Brincando de corda.....	44
Ilustração 4	Chácara do Cabula.....	45
Ilustração 5	Comunidade e Horto Florestal do Cabula.....	55
Ilustração 6	Em busca das folhas sagradas.....	62
Ilustração 7	Escola Municipal Cabula 1.....	70
Ilustração 8	Turismo de Base Comunitária.....	107

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Centro de Salvador, ano 1549.....	38
Foto 2	Poluição Química, Represa do Prata e da Mata Escura.....	48
Foto 3	Desgaste provocado pelo acúmulo de resíduos sólidos.....	63
Foto 4	Coleta de resíduos sólidos no horto.....	99
Foto 5	Coleta de resíduos sólidos no horto.....	99
Foto 6	Recreação com crianças no Horto, 2012	100
Foto 7	Aula ministrada por voluntários do Projeto Cidadão	100
Foto 8	Geladeira cultural e o Arte Educador Denissena.....	101
Foto 9	Projeto Alimento Cultural, Campo Grande, 2015.....	102
Foto 10	Diálogo inicial do Workshop	104
Foto 11	1ª atividade em sala de aula.....	104
Foto 12	Atividade de recreação com alunos.....	136
Foto 13	Futebol com alunos.....	136
Foto 14	Casa feita com Reaproveitamento de Resíduos Sólidos.....	139
Foto 15	Horto Florestal, bairros do entorno e área do terreiro Bate Folha.....	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Pirâmide etária de Salvador. Distribuição por sexo e grupos de idade.....	64
Gráfico 2	Escolaridade da população com 15 anos ou mais.....	66
Gráfico 3	Alunos do 5º ano do ensino fundamental por nível de proficiência – língua portuguesa.....	71
Gráfico 4	Alunos do 5º ano do ensino fundamental por nível de proficiência – matemática.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Roteiro para a pesquisa de campo.....	23
Quadro 2	Caracterização dos alunos do 5º ano, turnos matutino e vespertino.....	67
Quadro 3	Diretoras da Escola Municipal Cabula I.....	88
Quadro 4	Temas abordados por turma.....	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Vulnerabilidade social em Salvador/Bahia.....	65
-----------------	---	----

LISTA DE SIGLAS

APP	Área de Proteção Permanente.
APRN	Área de Proteção de Recursos Naturais.
CETAS	Centro de Triagem de Animais Silvestres.
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho.
CNTL	Centro Nacional de Tecnologias Limpas.
DPU	Delegacia de Patrimônio da União.
EA	Educação Ambiental.
EJA	Educação de Jovens e Adultos.
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento.
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
IDEB	Índice de Educação Básica.
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano.
INEMA	Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Nacional.
ITCP	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares.
LIMPURB	Empresa de Limpeza Urbana do Salvador.
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MEC	Ministério da Educação e Cultura.
ONG	Organização não Governamental.

OSCIPI	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.
PDDU	Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Salvador.
PGDR	Programa de Mestrado em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional.
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental.
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
PPGEDUC	Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade.
PPP	Projeto Político Pedagógico.
PROEX	Pró-reitoria de Extensão.
RA	Região Administrativa.
RTUARSS	Roteiros Turísticos Alternativos, Responsáveis, Sustentáveis e Solidários.
SECIS	Secretaria da Cidade Sustentável.
SECULT	Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Lazer.
SFA/BA	Superintendência Federal de Agricultura na Bahia.
SMED	Secretaria Municipal de Educação.
TBC	Turismo de Base Comunitária.
SPU	Superintendência de Patrimônio da União
UATI	Universidade Aberta da Terceira Idade.
UFBA	Universidade Federal da Bahia.
UNEB	Universidade do Estado da Bahia.
UNIFACS	Universidade Salvador.
URBIS	Sociedade de Habitação e Urbanização da Bahia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A LOCALIDADE DO CABULA	27
2.1	Ocupação Histórica da Região.....	29
2.2	Processo de Urbanização do Cabula.....	37
2.3	Diagnóstico das Condições Ambientais.....	46
2.3.1	Horto Florestal do Cabula.....	50
2.4	Aspectos Sociais.....	64
3	ESCOLA MUNICIPAL CABULA I	70
3.1	Caracterização da Escola.....	70
3.2	Projeto Político Pedagógico.....	74
3.3	Práticas Pedagógicas e a Relação com o Entorno.....	86
3.4	Parceiros, Colaboradores e a Escola Municipal Cabula I.....	97
3.4.1	Projeto Cidadão.....	97
3.4.2	Projeto Turismo de Base Comunitária.....	105
4	EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA CABULA I	108
4.1	Projeto Socioeducativo Sustentabilidade	108
4.2	Parceiros, Colaboradores e o Projeto de Pesquisa.....	121
4.2.1	Caixa Cultural: Projeto Gente Arteira.....	121
4.2.2	Empresa Baiana de Águas e Saneamento – EMBASA.....	123
4.2.3	Empresa de Limpeza Urbana do Salvador – LIMPURB.....	125

4.2.4	Revita Engenharia Sustentável.....	126
4.2.5	Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia – COELBA.....	128
4.2.6	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA.....	130
4.2.7	Museu Carlos Costa Pinto.....	132
4.2.8	Arte Educador Denissena.....	133
4.3	Práticas Socioambientais Realizadas pela Comunidade do Entorno à Escola.....	135
4.3.1	Construções Ecológicas.....	138
4.3.2	Tecnologias Mais Limpas.....	139
4.3.3	Proteção Animal.....	140
4.3.4	Roteiros Turísticos Alternativos.....	143
5	CONCLUSÃO.....	148
	REFERÊNCIAS.....	153
	APÊNDICES.....	159
Apêndice A	Roteiro de Entrevista - Alinne Duarte de Andrade Santana....	160
Apêndice B	Roteiro de Entrevista - Alunos da EJA.....	161
Apêndice C	Roteiro de Entrevista - Antônio Jorge Nascimento.....	166
Apêndice D	Roteiro de Entrevista - Clemilda Santana da Silva.....	167
Apêndice E	Roteiro de Entrevista - Denis Sena Rocha.....	169
Apêndice F	Roteiro de Entrevista - Eugênia da Silva Reis.....	170
Apêndice G	Roteiro de Entrevista - José Paim.....	172
Apêndice H	Roteiro de Entrevista - Professoras do 5º ano.....	173

Apêndice I	Roteiro de Entrevista – Representante do Ministério da Agricultura na Bahia.....	182
Apêndice J	Formulário de Avaliação de Evento/Atividade.....	183
Apêndice K	Fotos da visita da Equipe Coelba.....	185
Apêndice L	Fotos da visita da EMBASA.....	186
Apêndice M	Fotos da visita da LIMPURB.....	187
Apêndice N	Fotos da Oficina de Reaproveitamento de Óleo para Fabricação de Sabão.....	188
Apêndice O	Fotos do Museu de Energia COELBA.....	189
Apêndice P	Fotos do Pítuaçu Solar.....	190
Apêndice Q	Fotos do Museu Carlos Costa Pinto.....	191
Apêndice R	Fotos da visita da Revita.....	192
Apêndice S	Fotos da 1ª Culminância Realizada.....	193
Apêndice T	Fotos das Ações Realizadas no 5º Ano Vespertino.....	194
Apêndice U	Fotos de roteiros no Horto Florestal do Cabula.....	195
Apêndice V	Relatório Fotográfico da SFA/BA, 2016.....	196

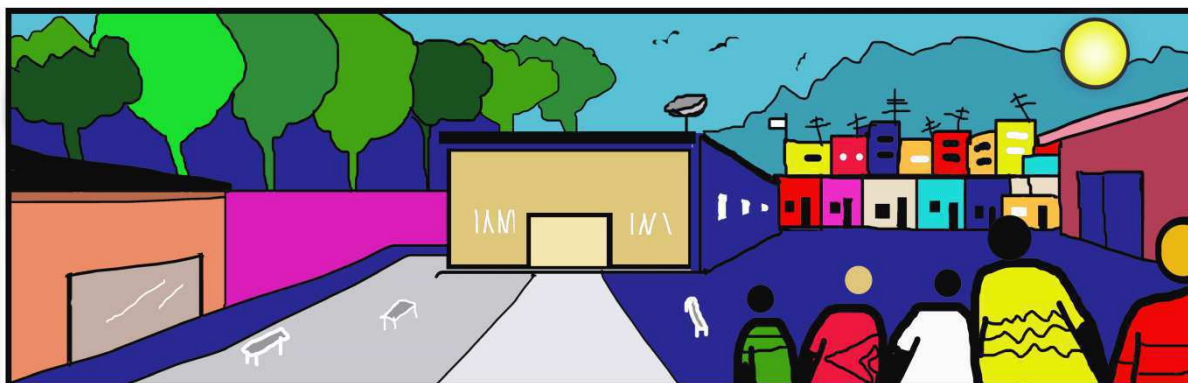


Ilustração 1- Comunidade
Autor - Denissena, 2016

INTRODUÇÃO

Nas ruas da estrada do bairro Barreiras, ou estrada das Barreiras, ou Cabula I¹, localizado no município de Salvador, Estado da Bahia, é comum encontrar pessoas com traços mestiços que identificam a descendência de grupos de etnias indígenas e africanas. Os costumes e modos de vida da comunidade, imbricados no seu dia-a-dia, trazem o respeito pela natureza e por toda forma de vida, advindos da ancestralidade das raças que ocuparam a região.

Essas características fazem lembrar hábitos desenvolvidos em uma vila de pescadores chamada Caboto, localizada no distrito de Candeias e no município de Catu, também no Estado da Bahia, onde a autora desse trabalho passou sua infância e adolescência. Na memória da autora, as práticas eram incentivadas por seus pais, avós e outros residentes que buscavam garantir uma convivência harmoniosa entre os habitantes da região e a natureza - fonte principal de sobrevivência - através da minimização dos resíduos e do melhor aproveitamento de seus recursos naturais.

Como exemplo das atividades realizadas nas comunidades em epígrafe, cita-se o uso de bacias para lavar pratos e nos banhos para reaproveitar a água na liberação de dejetos em vasos sanitários; uso de túneis e poços fabricados nos quintais para captação de água de chuva; reutilização de sobras de verduras, frutas e outros alimentos como peixes e carnes para

¹ Área conhecida pelas três denominações: a primeira, Barreiras, corresponde ao barro avermelhado que era encontrado em abundancia em suas vias logo no início da urbanização que ocorreu a partir dos anos 1970; a segunda faz menção à rua que, por não existir asfaltamento, era empoeirada e, em época de chuva, as pessoas se sujavam com o barro vermelho, por isso, Estrada das Barreiras, ou seja, estrada que suja; e a denominação Cabula I vem da ordem estabelecida pela URBIS para denominar os condomínios implantados na região do Cabula entre os anos de 1970 e 1980. (Cruz apud Gouveia (2010, p. 78); informações verbais obtidas através de relatos dos moradores do bairro Barreiras, Estradas das Barreiras, Cabula I, junho 2015).

iscas e fabricação de adubos; uso de resíduos sólidos para fabricação de brinquedos, ferramentas, dentre outros utensílios domésticos; e economia de luz elétrica, criando condições para que os ambientes frequentados pelos residentes fossem otimizados.

À época, outro fator que impulsionava as ações que eram realizadas pelos moradores era a ausência de saneamento básico. A própria comunidade se responsabilizava pela destinação dos dejetos, abastecimento e distribuição de água nas residências e equipamentos comunitários – pois, quase sempre, tinham que caminhar longas distâncias para pegá-la em poços e cisternas ou comprá-la em caminhões distribuidores.

Apesar da pouca infraestrutura para atender as demandas de uma comunidade localizada em uma área de interação e considerada variedade de recursos naturais, o convívio com a natureza era harmonioso, pois, fazíamos dela uma extensão de nossas casas, de nossas vidas. Acredito que quem viveu a infância entre as décadas de 1970 a início de 1990 sabe do que estou falando: as árvores eram nossas parceiras nas brincadeiras de gangorra, esconde-esconde, cipó Tarzan, casinha, dentre tantas outras; garantia o alimento através de suas frutas; o descanso com sua sombra. Rios, lagos e o mar eram pontos de encontro nos finais de tarde, de semana e feriados. Os animais, companheiros de todas as horas, davam a certeza de que havia um equilíbrio no ambiente que habitávamos.

Em 2016, notou-se uma melhora em relação às políticas de saneamento básico em relação à época supracitada, anos 1980, como também, maior acessibilidade a recursos como a água, por exemplo. No entanto, a falta de incentivo para o desenvolvimento de práticas como as que eram realizadas por nossos ancestrais acometem em desperdício, poluição e falta de cuidado com áreas naturais. Especialmente, em locais que registram um índice de vulnerabilidade social relevante como o bairro Barreiras, ou Cabula I ou Estrada das Barreiras.

Vale ressaltar que as lembranças da infância desta pesquisadora foram valorizadas por processos educativos e de intervenções participativas que lhe proporcionaram reflexões críticas e conscientes sobre questões socioambientais que envolvem a vida em comunidade. As vivências mencionadas se refletiram em motivação para a realização desta pesquisa.

Ademais, o reconhecimento das práticas sociais como as que foram acima citadas vai muito além do que essencialmente falar em sustentabilidade de recursos naturais. No trabalho

em questão, busca-se ir de encontro a realidades que, apesar das dificuldades enfrentadas, criam alternativas para amenizá-las. Intenciona-se favorecer o diálogo entre a teoria e a prática, objetivando a criação de experiências que contribuam para o desenvolvimento de um ser humano responsável e comprometido com o bem estar da comunidade, do mundo e de si próprio.

A partir desse entendimento acrescentou-se o trabalho que estava sendo realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como técnica vinculada a projetos sociais, e a experiência de contato com comunidades por meio do Projeto Turismo de Base Comunitária, na localidade do antigo quilombo Cabula. Este projeto criado em 2010, por uma equipe multidisciplinar no contexto do Programa de Mestrado em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional (PGDR), cujo objetivo principal é a mobilização das comunidades do entorno da UNEB para o apoderamento e empoderamento social, cultural, ambiental, político, tecnológico e econômico. Foi escolhida a localidade das Barreiras, ou Cabula I ou Estrada das Barreiras pela experiência de visita ao Horto Florestal do Cabula. Essa visita ao Horto Florestal do Cabula incluía a Escola Municipal Cabula I, o Terreiro *Nzo Bakisé Sasa Ganzua Gongará Kayango*, o campo de futebol, a casa feita com materiais reciclados, a avenida de casas e o protetor de animais, próximos ao Conjunto ACM. Vale ressaltar, que nesta localidade existe a associação comunitária; órgãos públicos como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Ministério da Agricultura.

Observou-se que de um lado estava a Escola Municipal Cabula I: instituição pública que acolhe, segundo informações do Portal da Educação do Município de Salvador (2015), 311 alunos de ensino fundamental dos anos iniciais, ou seja, a primeira fase que corresponde as séries de 1ª a 4ª para sistemas com 8 anos de duração, ou, do 1 ao 5º ano para sistemas com 9 anos de duração; 22 alunos matriculados na pré-escola e 125 alunos que pertencem à modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos – EJA; de outro lado o Horto Florestal do Cabula, área remanescente de Mata Atlântica que se encontra ameaçada por causa de invasões e ocupações clandestinas, casos de violência e uso de drogas, gerando problemas e dificuldades socioambientais; e também, o Conjunto ACM que se configura como um dos empreendimentos que marcaram a transformação da localidade do Cabula antes constituída por casebres e roças para os conjuntos habitacionais implantados a partir da década de 1970 e promovidos pelo poder público.

Esses ambientes - Escola Municipal, Horto e Conjunto ACM - constituem um contexto no qual permeiam impressões, experiências e expectativas vivenciadas no dia-a-dia pelos residentes; estudantes, professores e funcionários de diversas instituições de ensino, entre elas, a UNEB; e, pelos habitantes do Horto.

Diante dessas circunstâncias, enuncia-se como objetivo geral da pesquisa a análise de **como a Educação Ambiental está sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida**. Sendo este o ponto central da pesquisa, os objetivos específicos se constituíram em: a] Verificar a interação e o engajamento da Escola com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras; b] Socializar práticas sustentáveis da comunidade, órgãos públicos e parceiros que se dispusessem a apresentar de forma colaborativa para o público assistido pelo projeto; c] Verificar a situação do Horto Florestal do Cabula frente aos órgãos públicos a fim de sugerir práticas sustentáveis que venham salvaguardá-lo com a participação da escola e da comunidade do seu entorno.

Sendo assim, obteve-se como questões norteadoras desta pesquisa: a) Quais as ações de Educação Ambiental a Escola Municipal Cabula I desenvolve? b) Qual a relação da comunidade com a Escola Municipal Cabula I e vice-versa? c) As ações que são desenvolvidas pela Escola Municipal Cabula I incentivam a valorização do Horto Florestal do Cabula? d) Existem ações de Educação Ambiental realizadas por agentes públicos que podem beneficiar a comunidade do entorno? e) A escola tem conhecimento sobre as ações que são realizadas por esses agentes públicos? Caso tenha conhecimento, existe algum tipo de interação entre a escola e esses agentes? g) Existem projetos a serem implantados no Horto florestal do Cabula pelos agentes públicos municipais, estaduais e federais? f) Qual a situação atual do Horto Florestal do Cabula frente aos Órgãos Públicos?

A fim de alcançar os objetivos propostos, como também, superar “um modelo de ciência fundamentado na separação entre o saber científico e o saber popular, entre a teoria e a prática, entre o conhecer e o agir, entre a neutralidade e a intencionalidade” (BOCCHIET *et al*, 2008, p. 4) e, contribuir para que os sujeitos questionem suas atuações na sociedade permitindo a interação de ações voltadas não somente ao aumento do conhecimento técnico científico na área socioambiental, mas também, no processo de crescimento humano fundamental na sociedade contemporânea, optou-se na realização de pesquisa-ação. (BALDISSERA, 2001; FREIRE, 2002)

Considerou-se importante para esta pesquisa ofertar um olhar historicizado para a compreensão dos fatores socioculturais que permeavam o objeto de estudo deste trabalho. Dessa forma, também, se julgou necessário fazer um estudo de caso na Escola Municipal Cabula I, a partir da observação de dados ofertados pelos sujeitos responsáveis por sua produção.

Para realização do estudo de caso sobre a Escola Municipal Cabula I, fez-se pesquisa documental e imagética, entrevistas e questionários com gestores, professores e alunos, assim como, anotações de campo, pois eventualmente, em eventos e outras situações de convívio com a comunidade do entorno, encontraram-se pessoas que de alguma forma acompanharam as transformações realizadas na/com/pela Escola.

Os eventos e outras situações supracitadas são rodas de conversa, oficinas, palestras, visitas a instituições públicas e particulares e outras intervenções realizadas para auxiliar a coleta de dados, sempre levando em consideração que esse estudo não é tratado apenas como um simples levantamento de informações, mas também, como um compromisso social e ideológico com sujeitos que nele estão inseridos.

Como público escolhido para serem entrevistados durante a realização dessa pesquisa, tem-se além de gestores, professores, funcionários e representantes da comunidade, os alunos do quinto ano do ensino fundamental, turno matutino e vespertino. Tais sujeitos foram escolhidos por estarem cursando o último ano ofertado pela intuição escolar na qual estudam (quinto ano do ensino fundamental I, anos iniciais), além de serem alvos de provas de avaliação de desempenho como a Prova Brasil e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que tem o objetivo de verificar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro. As avaliações são realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) e os instrumentos de coleta de dados utilizados, testes e questionários, que avaliam apenas o perfil socioeconômico e habilidades específicas para as disciplinas de matemática e português.

As maiorias dos alunos que frequentam a instituição desde a pré-escola, alguns inclusive, participaram de antigas atividades de educação ambiental desenvolvidas em parceria com a comunidade do entorno e colaboradores – comerciantes como a Padaria Panical e o Instituto para Educação, Cultura e Desenvolvimento, mais conhecido como Projeto Cidadão. Desta forma, considera-se que as impressões que os alunos tiveram no

desenvolver desse trabalho, especialmente durante o desenvolvimento das ações práticas com os órgãos parceiros e colaboradores², são importantes para nortear o alcance dos objetivos e para planejamentos vindouros.

Com relação aos alunos participantes da modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), matriculados no turno noturno, após algumas intervenções realizadas, identificou-se dificuldades para o prosseguimento das atividades propostas. Tais impedimentos se devem ao fato do público da EJA ser, em sua maioria, composto por trabalhadores (as) formais ou informais, e, portanto estarem ocupados nos horários destinados à realização das ações, que ocorrem durante horário comercial, no intervalo das 8 às 18 horas. Além disso, constituíram-se como entraves para a realização das atividades as diferentes faixas etárias que compõem o público da EJA, bem como o fato de que alguns desses alunos apresentarem dificuldades psicomotoras, dentre outras que comprometeriam a conclusão do estudo em tempo hábil. Entretanto, os alunos da EJA continuaram a participar das atividades relacionadas a essa pesquisa como atores da comunidade uma vez que a maioria vive no entorno da escola e suas histórias de vida se entrelaçam com a história da localidade, constituindo-se como um importante auxílio para a coleta de dados e informações.

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o fito de favorecer a interação com o entrevistado de forma fluida e natural. Tais entrevistas foram adaptadas a cada pessoa com a intenção de fazer emergir nas suas respostas o papel desempenhado por ele na comunidade, na escola, nos seus locais de trabalho e nos demais espaços de convívio, contribuindo para a identificação de suas condições de vida, de seus saberes, de tecnologias sociais e de suas ações políticas, como também, investigar a interação e o engajamento da Escola Municipal Cabula I com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras. Os questionários foram compostos por questões abertas, intencionando a desenvoltura da conversa entre a pesquisadora e os entrevistados, a fim de obter os dados necessários para a compreensão dos objetivos propostos, e ao mesmo tempo, analisar aspectos subjetivos, tais como, comportamentos, opiniões e valores que nem sempre ficam evidentes em situações mais formais.

² Consideram-se parceiros os órgãos e instituições públicas; e colaboradores os comerciantes, entidades e outras representações da comunidade que se predisponham a defender questões sociais.

Os questionários têm o intuito de dar suporte às entrevistas com relação à identificação das condições de vida, os saberes populares, as tecnologias sociais – aquelas que se desenvolvem para amenizar os problemas ocasionados pela situação de vulnerabilidade social, e as ações políticas relacionadas à EA dos residentes do entorno da Escola. Esse instrumento será constituído por perguntas diretas, com estruturas simples e seguirá os seguintes grupos de temáticas: Caracterização do Entrevistado; Educação Ambiental; Horto Florestal do Cabula; Relação da Escola com a Comunidade; e opiniões sobre as práticas realizadas com os parceiros. Durante a sua aplicação reservou-se uma sala apropriada onde a pesquisadora e os participantes a quem ele se direcionava ficavam acomodados; as questões foram lidas uma a uma facilitando a anotação dos aspectos subjetivos já citados acima.

Para tanto, os entrevistados foram: a diretora; a coordenadora pedagógica; duas professoras dos turnos matutino e vespertino, que lecionam no quinto ano do ensino fundamental para representar a comunidade escolar; o Coordenador do Projeto Cidadão e o arte educador Denis Sena Rocha para falar das ações que ambos desenvolvem no bairro e na escola; três alunos da EJA que, além de morar próximos à Escola, colecionam informações sobre a história do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras; o Zelador de Santo José Carlos Paim sobre as ações de EA desenvolvidas pelo Terreiro *Nzo Bakisé Sasa Ganzua Gongará Kayango*; duas ex-diretoras: a fundadora da escola, Clemilda Santana da Silva, e Eugênia da Silva Reis considerada a mais participativa dentro da comunidade, com o intuito de discorrer sobre experiências anteriores em EA e de parcerias entre a escola e a comunidade do entorno; e, o representante do Ministério da Agricultura que é o preposto responsável na resolução da problemática relacionada à área do Horto Florestal do Cabula.

Além desses, destaca-se a participação do Senhor José Augusto Saraiva Peixoto, à época subsecretário da Secretária de Cidade Sustentável em Salvador, na Bahia que, embora não tenha sido diretamente entrevistado, contribuiu de forma sistemática com informações sobre ações já realizadas, documentos e projetos que incluíam o Horto Florestal do Cabula em suas atividades, como também, intermediou a apresentação da pesquisadora em outros órgãos públicos, especialmente a nível municipal, que tinham o mesmo direcionamento.

Os diálogos em rodas de conversa são intervenções que possuem como objetivos principais neste trabalho socializar práticas sustentáveis e a construção de alternativas que busquem uma convivência harmoniosa entre o ser humano, os animais e outros recursos ambientais, em especial, aqueles que estão localizados no Horto Florestal do Cabula. A

atividade foi realizada no final de algumas intervenções como palestras, oficinas, visitas técnicas, exposições de trabalhos escolares e algumas delas tiveram a contribuição de parceiros – técnicos, professores e alunos, de graduação e pós-graduação - de instituições particulares e públicas.

A pesquisa documental e imagética tornou-se necessária para esclarecer/confrontar/dialogar sobre o Conjunto ACM, a Escola e o Horto Florestal do Cabula a partir da urbanização até os dias atuais; fazer o diagnóstico social e histórico dos atores envolvidos na problemática, bem como, fazer um levantamento de informações sobre a situação desses locais. Para tanto, utilizou-se de correspondências como ofícios, cartas, memorando e outros documentos que além de fornecer os dados necessários para o embasamento da pesquisa, denunciam a situação socioambiental do entorno à escola e do Horto Florestal do Cabula.

Ressalta-se que todos os sujeitos que participaram desta pesquisa, especialmente aqueles que tiveram os nomes divulgados por ela, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido submetido ao Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), aprovado sob número de parecer 1.115.287, em 19/06/2015.

Em suma, sintetiza-se no Quadro 1, a seguir, os sujeitos da pesquisa, instrumentos de coleta de dados e informações, e as intervenções realizadas:

Sujeitos da pesquisa	Instrumentos de coleta de dados e informações	Intervenções realizadas
Alunos de ensino fundamental	Nota de campo, questionários, roda de conversa.	Oficina, palestras, exposição de trabalhos escolares, visitas a instituições parceiras.
Alunos da modalidade EJA	Nota de campo, entrevista, roda de conversa.	Oficina, exposição de trabalhos escolares, palestras.
Gestores, Professores e Funcionários.	Entrevista, pesquisa documental.	Observação, aplicação e prática de campo
Órgãos públicos: Ministério da Agricultura, Secretaria da Cidade Sustentável, UNEB.	Pesquisa documental e imagética; e/ou entrevista com funcionários possuem atividades relacionadas ao Horto Florestal do Cabula.	Intervenções na Escola Municipal Cabula I e no Horto Florestal do Cabula.

Quadro 1: Roteiro para a Pesquisa de Campo
Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

No decorrer da pesquisa ficou claro que a história da Escola Municipal Cabula I se confunde com a própria história do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, considerando que a instituição foi criada em 1974 para atender os filhos de funcionários públicos, tendo em maior quantidade militares do Corpo de Bombeiros, contemplados com uma unidade habitacional no Conjunto ACM. A partir daí, adaptações foram feitas a sua estrutura predial, profissional e, também, na relação com a comunidade do entorno que possui características diferentes das encontradas no início de sua formação. Também o Horto Florestal do Cabula, parceiro da escola e da comunidade para a realização de atividades e práticas socioambientais encontra-se ameaçado devido a invasões em seus limites, especialmente na área próxima ao galpão do Ministério da Agricultura e da Escola e, logo, devido à indefinição sobre o futuro da área que possui grande riqueza ambiental, se fazem necessárias ações que possam garantir a sua salvaguarda.

Portanto, acredita-se na relevância social dessa pesquisa, uma vez que a educação é constituída por processos que se completam a partir de experiências vividas na família, na comunidade, na escola e nas relações constituídas com sujeitos parceiros e colaboradores. Nessa rede de inter-relações em que a educação é construída, valorizam-se características como o respeito à cultura ancestral, a preservação do meio ambiente, dentre outras – retratadas em bairros como Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras - sendo fundamentais e relevantes para o planejamento de ações salutares que possam contribuir para "a formação do homem como ser no mundo e com o mundo" (FREIRE, 2002, p. 15).

Além disso, compreendendo que o meio ambiente é um Todo que engloba todas as fontes de vida e que a Educação Ambiental deve compactuar os valores sociais, morais, éticos para a conservação de seus recursos a proposta de valorização, mobilização e articulação entre a escola, a comunidade, parceiros e colaboradores em prol do Horto Florestal do Cabula demanda o alcance de resultados satisfatórios para esta e, quiçá, futuras pesquisas que valorizem a importância da historicidade dos povos africanos e indígenas na constituição da identidade do povo baiano, nordestino e brasileiro.

Acrescenta-se que, o presente trabalho compreende o saber ambiental como um “campo de conhecimentos teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza”. (LEFF, 2001, p. 145). Portanto, através de seus capítulos, busca-se discorrer desde a formação histórica da localidade do Cabula onde o bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada

das Barreiras está inserido, como também, sobre características socioambientais e pedagógicas que auxiliam o encontro do objetivo proposto.

No **primeiro capítulo** apresentam-se os motivos que levaram a autora a trabalhar o tema proposto e a justificativa da proposta metodológica. Também são expostos o objetivo geral e os específicos, bem como, um sucinto resumo das intervenções que foram aplicadas no decorrer do trabalho.

No **segundo capítulo** discorre-se sobre a localidade do Cabula, parte central da região metropolitana de Salvador, Estado da Bahia. Nesta parte do texto são relacionados os fatos históricos que ocorreram durante a sua colonização e urbanização, a partir dos anos de 1970; citam-se características que contribuíram para as principais mudanças socioambientais da localidade e que, ainda hoje, repercutem na formação social da comunidade das Barreiras; e, em sequência, apresentam-se informações sobre o Horto Florestal do Cabula. Os autores que referenciam esse tópico discutem desde a cultura negra e identidades: Lopes (2006), Nicolin (2006; 2007), Silva (2011), Matta (2013); como também, a colonização e urbanização da localidade: Teixeira (1978), Barreto (1984); e seus aspectos socioambientais: Gomes (1984), Nunes (2007), Costa (2008), Santos (2010) e Silva (2013).

No **terceiro capítulo** apresenta-se a caracterização da Escola Municipal Cabula I, evolução durante sua existência, fatos relevantes, projetos e parcerias que possibilitaram o desenvolvimento de ações socioambientais. Buscar-se-á o embasamento em documentos, tais como, cadernos com anotações pedagógicas, planos de aulas, calendário de eventos anual, dentre outros, que der o embasamento necessário para entendermos o planejamento das atividades de EA desenvolvidas na escola durante o ano de 2015; relatos de entrevistas e conversas com pessoas envolvidas na trajetória da instituição. Oportunamente, buscou-se explicar sobre o seu projeto político pedagógico com o intuito de analisar/identificar práticas pedagógicas que contribuem para a relação da escola com a comunidade do entorno e com práticas socioambientais.

No **quarto capítulo** caracteriza-se como a Escola Municipal Cabula I concebe a EA discorrendo sobre as atividades que estavam sendo realizadas pela instituição, bem como, apresenta as ações extracurriculares propostas pela autora desse trabalho com foco em temáticas socioambientais e objetivando o alcance dos objetivos propostos. As práticas realizadas por esta pesquisa tiveram a participação dos gestores, professores, funcionários e

alunos da escola, como também, dos pais e outros atores que residem na comunidade do entorno. Elas foram executadas de março a dezembro de 2015 e serviram de instrumentos para a coleta de dados.

Ressalta-se que a organização das atividades definidas para esse trabalho requer ações articuladas com o conceito de Educação Ambiental defendido por Leff (1998; 2003; 2010) que enxerga o meio ambiente de forma complexa, onde a sinergia das partes integra o meio e se articula para o bem de todos; e de Loureiro (2003; 2004; 2006; 2014) onde ela é conceituada como uma práxis social transformadora que contribui para a construção de uma sociedade em que a sustentabilidade da vida e da ética ecológica lhe dá sustentação.

Além disso, serão utilizados os princípios que norteiam a Educação Ambiental dispostos na Resolução nº 2, datada de 15 de junho de 2012 e na Lei nº 9.795, de 1999, da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) também utilizada pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador. Também são referencias para este trabalho os autores: Paulo Freire (1996; 2000; 2014) com sua concepção de formação do homem sobre a perspectiva libertadora / emancipatória; Carlos Frederico B. Loureiro (2004; 2014; 2015) fundamentando a trajetória e fundamentos da EA; Enrique Leff (1998; 2003; 2010) postulando a respeito do desenvolvimento sustentável, reflexões sobre questões sociais e a necessidade de preservação de recursos ambientais.

No capítulo em análise (Sobre a educação ambiental na Escola Cabula I) são descritas as impressões observadas pela pesquisadora durante o estudo, assim como, se analisa o resultado da coleta de dados e informações feitas com os alunos, professores, funcionários e demais parceiros envolvidos com a temática abordada.

Por fim, conclui-se o estudo avaliando os resultados obtidos a partir dos objetivos traçados, inclusive apontando algumas sugestões que venham a dar sustentação a outros projetos que suscitem do mesmo objetivo.

2 A LOCALIDADE DO CABULA

No ano de 1987 “em decorrência dos estudos para estabelecer um Plano de Desenvolvimento Urbano para Salvador, PLANDURB, a cidade passou a ser dividida em 17 Regiões Administrativas” (GOUVEIA, 2010, p. 61; Salvador, 2004). Esta divisão foi retificada pela Lei Municipal nº 6586/2004 que dispõe sobre o Plano Diretor da Cidade, vigente até então.

Em Salvador (2004), verifica-se que o Cabula constitui-se, para fins de planejamento e gestão de espaço urbano, uma unidade espacial de referência denominada Região Administrativa XI. Essa RA compõe a região denominada por Miolo por estar localizada na parte central do município de Salvador, especificamente entre a BR 324 e a Avenida Luís Viana Filho - Avenida Paralela.

Possuindo uma extensão de 115 km², o Miolo está compreendido na macrounidade 2, subdividindo-se em: Cabula (RA XI), Beiru/Tancredo Neves (RA XII), Pau da Lima (RA XIII) e Cajazeiras (RA XIV). Ver Figura 1, a seguir:

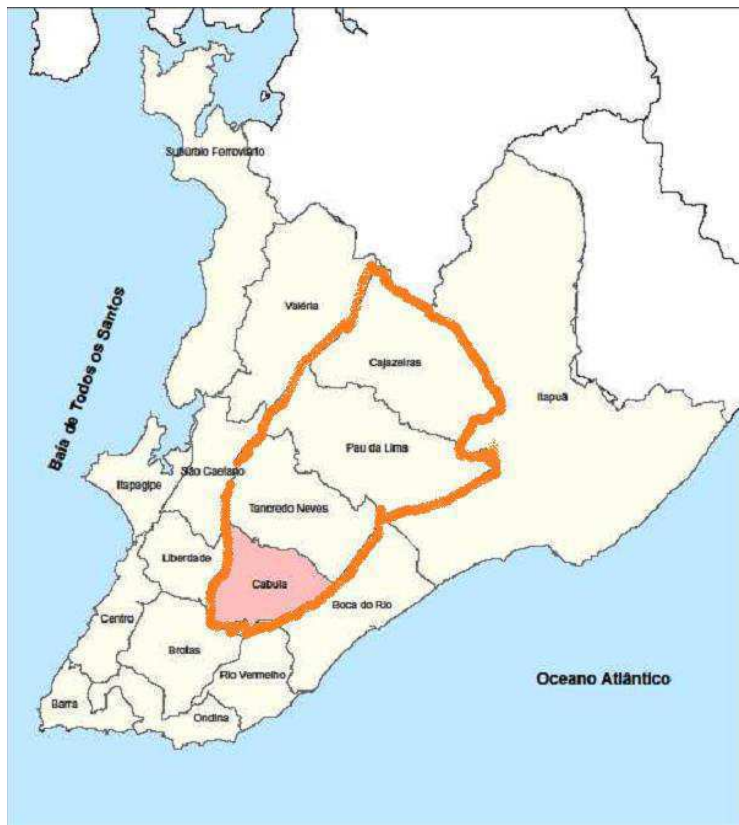


Figura 1 - Regiões Administrativas de Salvador - destaque Miolo
Fonte – Google imagens, novembro 2015. Adaptado pela autora.

As vias de acesso mencionadas - BR 324 e Avenida Paralela – de acordo com (GOUVEIA, 2010, p. 61) “conferiram ao bairro uma posição estratégica e direcionaram os fluxos de ocupação, gerando um espaço dinâmico tanto do ponto de vista habitacional quanto da expansão do setor de serviços no seu entorno”. No entanto, para a autora acima mencionada, a Avenida Silveira Martins é considerada o principal vetor de expansão imobiliária, pois considera que o Cabula cresceu a partir do seu entorno.

Em relação aos bairros que compõe o Cabula, por não existir uma delimitação definida em lei, citar-se-á a mesma utilizada por Silva (2013), que se encontra em consonância com os moradores dos respectivos locais - para delimitar as ações do Projeto Turismo de Base Comunitária – TCB Cabula: Arenoso, Arraial do Retiro, Beiru, Cabula, Doron, Engomadeira, Estrada das Barreiras, Fazenda Grande do Retiro, São Gonçalo do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambucoés, Resgate, Saboeiro, Saramandaia e Sussuarana – considerado por alguns moradores como a área do antigo quilombo Cabula.

A caracterização de bairros da localidade, em 2015, mesmo não estando ainda definida em lei específica, constitui-se com desigualdade da atribuída no início da urbanização do Cabula. A localidade ficava fora dos limites de Salvador e era constituída por chácaras produtoras de laranjas umbigo. De acordo com Nascimento (2015), nos anos de 1970 havia poucas construções, as ruas não eram asfaltadas, os transportes urbanos escassos e as pessoas tinham que andar longas distâncias para trabalhar ou buscar serviços específicos como educação básica.

Em conformidade com Fernandes (2007), depois da implantação dos primeiros conjuntos habitacionais – Chácara do Cabula e próprio Conjunto ACM – além de outros equipamentos urbanos como, por exemplo, Universidades, e da sua proximidade às importantes vias de acesso, como a Avenida Paralela e a Luís Eduardo, o Cabula tornou-se um dos bairros mais procurados para se morar na cidade. Agregando a localidade um número considerável de pessoas, serviços, como também, problemas socioambientais que não eram vivenciados pelas populações de negros, índios e mestiços que ocuparam a localidade.

2.1 Ocupação Histórica do Cabula

Historicamente o Cabula foi ocupado por grupos de etnias indígenas e de origem africanas, especialmente os Bantos, negros oriundos dos países do Congo e Angola, que, segundo Nicolin (2007), começaram a chegar a primeira capital do Brasil entre os séculos XVI e XVII para trabalhar como escravos nas lavouras de cana-de-açúcar do Recôncavo e também em aldeias localizadas na cidade de Salvador-Bahia.

Acostumados a lutar contra a opressão e pela afirmação dos direitos políticos; a viver em comunidades onde podiam criar seus rebanhos, plantar, pescar e respeitar todas as formas de vida; e, tal qual citado em Lopes (2006, p. 160), acreditando que “todos os seres, segundo sua potência vital própria, se integram numa hierarquia”, muitos negros de origem Banto, que se rebelaram contra o regime escravocrata implantado na Colônia Portuguesa, refugiaram-se em matas e começaram a reproduzir o modo de vida praticado por eles em suas comunidades de origem. Assim, quilombos móveis e fixos começaram a ser criados, como é o caso do que existiu no Cabula e em vários bairros periféricos da capital baiana.

O termo “quilombo” tem significados diversos e o mais famoso é descrito como um lugar que abriga negros fugidos, porém, na raiz Lumbu – etnia Quimundo, Umbundo e Quicongo – existe outro significado para a palavra: muro ou um espaço protegido por cercas. Esta segunda definição consideramos ser o mais apropriado para utilizarmos, sobretudo quando falamos da localidade do Cabula onde a abundância de árvores provenientes de Mata Atlântica, depressões e elevações eram propícias para esconderijos e construção de postos de vigilância utilizados pelos quilombolas para se proteger das autoridades locais. (SILVA, 2011; NICOLIN, 2007).

Durante o período colonial os quilombos eram locais físicos e um símbolo de liberdade para os negros; despertava no povo escravizado a consciência revolucionária e a necessidade de lutar. Assim como evidenciado por Freire: “criaram cidades praticamente autossustentáveis e, ao fazê-lo, criaram um país alternativo e simbólico. Lutaram contra o Estado branco há centenas de anos. Manifestaram o desejo brasileiro pela vida e pela liberdade” (FREIRE, 2014, p.54). Após o período colonial, com o fim oficial da escravidão, a condição de vida das populações historicamente marginalizadas não melhorou substancialmente, o que fez emergir outros movimentos populares que ainda lutavam por liberdade e direitos básicos.

Um desejo que até hoje é reproduzido nas manifestações populares, tais como a capoeira, o maculelê, o jongo, dentre outras que fazem parte de demonstrações da cultura do povo brasileiro. Estas expressões culturais são fundamentais na afirmação da cultura negra e são armas dos que ainda hoje lutam contra os grilhões da ignorância e do racismo. (FREIRE, 2014)

Segundo Santos Neto (1984), a Bahia dividia com Pernambuco e Rio de Janeiro a posição de maior entreposto para venda de escravos e, devido as condições precárias em que os negros eram trazidos de seus países para desenvolver trabalhos forçados não é de se espantar que neste Estado existissem muitos quilombos, símbolo de resistência e coragem não somente de negros, mas de índios, mestiços e todos que se opunham ao proposto pelo sistema social excludente da época.

Oportunamente, conforme explana Reis (apud NICOLIN, 2007, p. 64) “o Cabula era uma imensa faixa de mata densa que abrangia dimensão próxima onde hoje estão as comunidades São Bartolomeu em Plataforma, Pirajá, Mata Escura”. Além disso, a figura abaixo demonstra a posição central que a localidade do Cabula possui em relação a outras regiões de Salvador, Bahia, que a favorece o deslocamento a outros pontos da cidade e ao interior da Bahia, o que se mantém até os dias atuais.

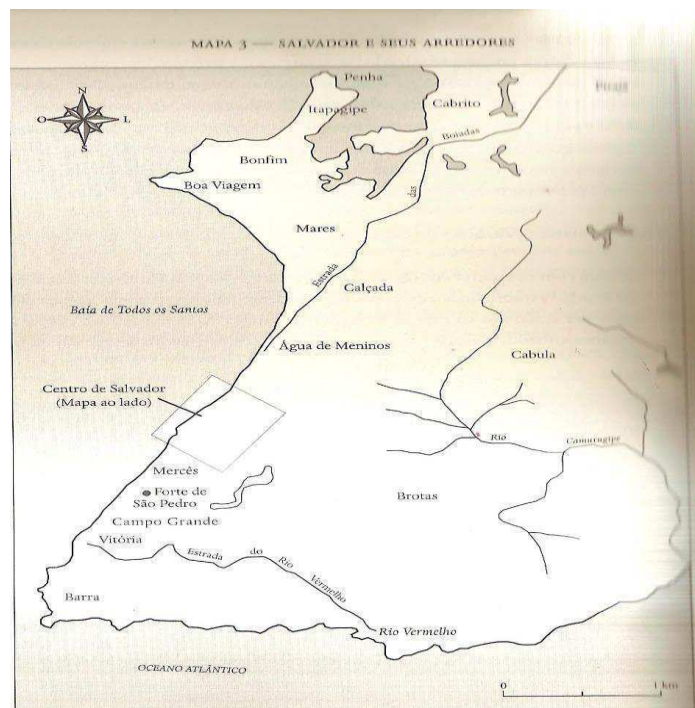


Figura 2—Mapa do Centro de Salvador e Áreas Circunvizinhas. Destaque para o Cabula.
Fonte – Reis apud Nicolin, 2007, p. 65.

Nas localidades destacadas na Figura 2, constata-se a extensão das matas que favoreciam a presença de quilombos, como: o do Orobó, em Plataforma; do Urubu, em Pirajá; e do Cabula, onde hoje, segundo Silva (2013) sua área é ocupada pelo bairro do Novo Horizonte. A Figura (3) a seguir demonstra a localização dos quilombos existentes na cidade de Salvador entre os séculos XVIII e XIX, dentre os quais se destacam os citados acima:

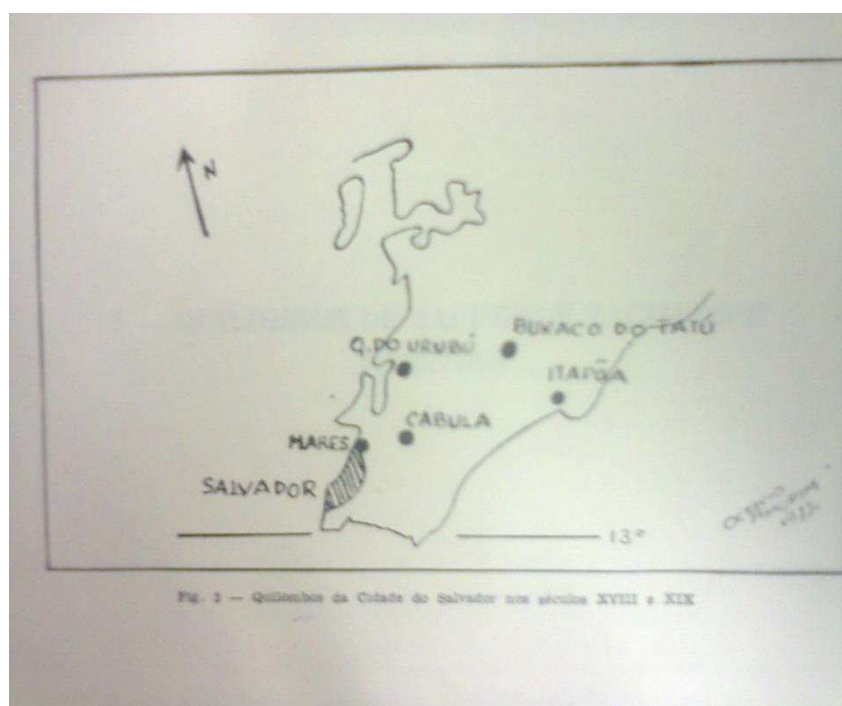


Figura 3– Quilombos de Salvador, séculos XVIII e XIX.
Fonte – Bahia (1978)

Depois que os quilombos do Orobó e do Urubu foram dizimados, seus sobreviventes refugiavam-se nas matas da localidade do Cabula onde se protegiam de novos ataques, reproduziam seus costumes, sua religiosidade, sua arte, e assim, começaram a contribuir não somente com a história da localidade, mas também, de todo o Nordeste brasileiro, pois constatamos em Lopes (2006) que a experiência dos escravizados no manejo com rebanhos - em especial, os conhecimentos trazidos pelos povos Bantos - foi utilizada pela atividade pecuária, que foi a principal responsável pelo povoamento do interior nordestino entre meados do século XVII a meados do século XVIII.

Sendo assim, tanto o quilombo do Cabula como os outros das localidades próximas, demonstrados na figura 3, fizeram da região um arcabouço de relíquias patrimoniais que ressaltam a consanguinidade dos povos africanos não somente na Bahia, mas também, no Brasil, pois “embora a população não saiba reconhecer o valor que esses instrumentos e vestes

simbolizam para compor a história transplantada da África para o Brasil e os pedaços da história da humanidade plantada no Cabula, que são parte da sua própria história” (NICOLIN, 2007, p. 68).

A afirmação da autora foi constatada nos depoimentos dos alunos do quinto ano e da EJA que representavam a comunidade do entorno e, apesar de saberem que na localidade do Cabula existia um quilombo através de comentários de vizinhos e de outros residentes, os mesmos não sabiam o que os quilombos simbolizam e nem ao certo o seu significado: “Já ouvir falar do Zumbi do Palmares e que na região do Cabula houve quilombo, mas não sei direito o que é. Vou pesquisar mais sobre o assunto”. (INFORMAÇÃO VERBAL)³

Dos dez alunos do quinto ano, turno matutino, que responderam o questionário proposto pela autora desta pesquisa, nove deles disseram que não sabiam o que foram os quilombos e apenas um informou: “Quilombos são uma aldeia onde os índios mora”⁴, sem suscitar a existência de negros no lugar. Todos eles não sabiam que o Cabula tinha sido uma área de quilombo. A professora responsável pela turma, Senhora Andrea de Souza, afirmou que não tinha conhecimento que a localidade do Cabula foi uma área de quilombos. Talvez este fato se justifique ao considerar que a professora antes de trabalhar na escola, nunca tinha frequentado a comunidade do entorno como, atualmente, também não frequenta pela falta de tempo, por conta de uma filha pequena e outras atividades acadêmicas. Ela está na escola por um período de 4 a 6 anos e é contratada pela Prefeitura Municipal de Salvador através do Regime Especial de Direito Administrativo, REDA.

No entanto, a citada professora acha importante abordar a cultura negra no currículo escolar e justifica: “por fazer parte da construção do povo brasileiro, devemos respeitar e saber sobre a cultura negra, assim como a indígena e portuguesa. Pois todas são muito importantes para sabermos quem somos, no que se refere a identidade do brasileiro”. (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁵

³ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice B desta Dissertação.

⁴ Será mantido sigilo das identidades dos alunos, a fim de atender as exigências do Conselho de Ética.

⁵ SOUZA, Andrea Silva de. **Entrevista IX**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

Embora a professora tenha reconhecido que umas das formas que os educandos aprendem com mais facilidade é através das experiências cotidianas, além de não saber sobre a existência dos quilombos na localidade, ela afirmou não conhecer nenhuma ação na localidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras que seja ligada à cultura afrodescendente e justifica: “Não sei quanto à escola, mais no que diz respeito a mim, foi por falta de tempo mesmo”. (INFORMAÇÃO ESCRITA) ⁶

Já a turma do 5º ano, turno vespertino, dos dez alunos que participaram da pesquisa, todos eles sabiam da existência de quilombos no Cabula e apenas quatro (4) deles afirmaram que não sabiam o que eles significavam. Também a professora, Senhora Ana Lúcia de Jesus, que trabalha na escola há mais de dez anos e é servidora pública concursada do município de Salvador, na Bahia, apesar de não ter frequentado à comunidade do entorno, nem antes e nem agora – de acordo com a professora a impossibilidade existe por ela trabalhar em outro local em turno oposto - além de saber da existência de quilombos na localidade já abordou o assunto em sala de aula e fala de como o fez:

Em alguns momentos primeiro pra situar sobre o território (bairro dentro da cidade), quando abordamos as principais revoltas do período regencial, depois tivemos o regate do nascimento do bairro Cabula I no aniversário do mesmo. E por fim quando tratamos sobre Consciência Negra. (INFORMAÇÃO ESCRITA) ⁷

Professora Ana Lucia de Jesus (2015) também acha importante abordar a cultura negra no currículo escolar e nos diz: “Só valorizamos o que conhecemos. Portanto nossas crianças precisam conhecer pra validar cada fato histórico as lutas dos nossos ancestrais por melhor qualidade de vida, inserção social, respeito e valorização como ser humano”.

Posto isto, constata-se tanto através das respostas obtidas com os questionários, entrevistas e observações realizadas nas ações práticas com os alunos e comunidade do entorno que aqueles que discutiam sobre quilombos, história do bairro e outros aspectos ligados à cultura ancestral de negros e índios que habitavam a região possuíam uma maior compreensão de sua identidade, aqui representada pela identidade cultural que, de acordo com Significados (2015) é um conjunto de características de um povo que se modelam na interação com outros membros da sociedade, tais como, as tradições, a cultura, a religião, a

⁶ SOUZA, Andrea Silva de. **Entrevista IX**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

⁷ JESUS, Ana Lúcia de. **Entrevista VIII**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos de uma nação.

De acordo com Nicolin (2007) o Cabula, embora ocultado pelas autoridades da época, até o século XIX, abrigava em suas matas “uma comunidade plantada por africanos rebelados contra a escravidão e o colonialismo”. A autora diz que nas matas do Cabula estavam os “mais valentes e fortes guerreiros que batalharam arduamente, derramaram sangue e plantaram o sentido de luta contra a servidão voluntária, contra a aceitação passiva de escravizados”.

Na época atual, 2016, o que se evidencia nos bairros do entorno ao Horto Florestal do Cabula e, em especial, no bairro das Barreiras, Cabula I ou Estradas das Barreiras, é que os descendentes dos povos originários da região, em maioria, ainda vivem à margem da sociedade e lutam diariamente por melhores condições de vida, saneamento básico e outros direitos sociais.

Para o zelador de Santo⁸ José Paim, uma das principais contribuições que os ancestrais africanos deixaram para a comunidade foi a persistência e a coragem para lutar por ideais. De acordo com ele, se não houver persistência diante da dificuldade, o fracasso é certo, pois é necessário ter empenho para ter a conquista:

A maioria daqui eram todos originários do Candomblé de Angola. Só que o Candomblé de Angola é mais fechado, rígido! O Candomblé de Angola acredita que para se chegar a um objetivo você tem que ralar, tem que sofrer! Essa é questão de identidade dos primeiros povos que chegaram aqui: os bantos. Você pode ser médico, engenheiro, ter dinheiro... Não tem jeito. Você tem que passar as fases como qualquer outra pessoa. O Candomblé de Angola á assim. Respeita suas origens! (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹

Além da religião, existem outras demonstrações de ancestralidade que são identificadas na culinária, no modo de vestir, na fala, que asseveram o que já foi dito por Nicolin (2007). Também Lopes (2006) informa que sobre a contribuição que os africanos trazidos ao Brasil deram para o nosso acultramento e que, ainda hoje, fazem parte do nosso dia-a-dia:

País onde convivem várias culturas, no Brasil, os africanos deixaram fortes traços de sua identidade na religião, na história, nas tradições, no modo de ver o mundo e de

⁸ Termo usado nas religiões afro-brasileiras para designar a pessoa responsável ou que possua autoridade máxima em um Terreiro; possui o mesmo significado de Pai de Santo.

⁹ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

agir perante ele, nas formas de arte, nas técnicas de trabalho, fabricação e utilização de objetos, no modo de falar, na medicina popular e em muitos outros aspectos. Esses traços, recriados pelos afro-brasileiros de uma forma inconsciente ou não, são o que melhor define a identidade nacional. (LOPES, 2006, p. 203).

Mais ainda, o próprio nome da localidade estudada surgiu de uma dança africana, a *Kabula* – um ritmo religioso utilizado em cerimônias de comunidades Quicongo, de etnia Banto, para afastar os males e encorajar os indivíduos em suas “necessidades temporais e espirituais”. (LOPES, 2006, p. 194; NICOLIN, 2015, p. 59).

Todos os aspectos acima citados reafirmam a importância de referenciar a identidade africana - e também indígena - nas comunidades da localidade do Cabula, como já foi sinalizado por Nicolin:

Os nomes dos lugares e suas origens, período quando surgiram, são grandes referências do solo de origem, eles resguardam os sinais do patrimônio civilizatório imaterial que a mídia do mundo urbano-industrial insiste em esconder, estes nomes traduzem o que houve no passado e se constituem, no presente, a memória social do lugar. (NICOLIN, 2015, p. 3)

Foram muitas as contribuições deixadas pelos povos africanos na localidade do Cabula. Destaca-se em neste contexto as colaborações dos povos Bantos que são verificáveis na comida, na linguagem, na dança, na religião, como também, no respeito que esses povos tinham pela natureza e por todas as formas de vida. Entretanto, apesar dessa raiz cultural africana ser presente ainda hoje na região do Cabula e em todo o território de Salvador, é necessário um grande esforço para fazer emergir da marginalidade tais registros culturais. A Lei nº 10. 639, datada de 09 de janeiro de 2003 e modificada pela Lei 11.645, que orienta quanto a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e indígena em escolas de ensino fundamental e médio, vem desempenhando um importante papel no que diz respeito às questões étnico-raciais¹⁰. Veja o depoimento Clemilda da Silva, ex-gestora da Escola Municipal Cabula I, quando questionada se conhecia a respeito da existência de quilombos no Cabula:

Assim, não tenho diretamente conhecimento porque ninguém nunca falou. Porque é outra história. Em 1974 não se falava de quilombos, não existia esse reconhecimento. Através da fundação Palmares que a gente sabe, através das novas leis em relação à questão do negro, né, é que foi dando essa ênfase a questão dos quilombos, a questão das comunidades enquanto quilombolas até para atender melhor as comunidades negras. Então naquela época, isso não era algo falado, nem discutido, nem que aqui no Cabula tinha quilombo, mas a gente sabe que no Cabula

¹⁰ Aqui entendida, de acordo com o Dicionário Informal (2016), como aquelas que são relacionadas a um grupo de pessoas que se identificam umas com as outras, ou são identificadas como tal por terceiros com base em semelhanças culturais ou biológicas, ou ambas, reais ou presumidas.

é uma região historicamente de negros de formação e a gente vê pela sua própria construção. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹¹

A gestora que participou da fundação da Escola Municipal Cabula I lembra que, com o processo de urbanização existente na localidade a partir dos anos 1970, alguns moradores que já estavam na área antes que essas modificações na urbanização fossem realizadas, tinham comportamentos hostis ao novo público que passou a ocupar a localidade. Tais atitudes eram possivelmente reflexos de longos períodos de escravidão e de resistência a invasões que tinham por objetivo desarticular a comunidade quilombola. Para ela, considerando que a maioria das pessoas que vieram morar nos condomínios veio de diferentes locais, alguns bem distantes e até desconhecidos, os antigos moradores tinham uma reação preventiva e não marginalizada como a maioria dos noticiários costumam divulgar:

Eu me lembro de quando eu vim trabalhar, quando eu vim morar aqui, eu trabalhava aqui na escola e eu também era professora na escola Antônio Carlos Magalhães, de geografia. E quando eu ia de noite para a Antonio Carlos Magalhães o ônibus que eu vinha era o ônibus Beirú / Tancredo Neves, que até o próprio nome Beiru já nos diz alguma coisa! O pessoal brigava dentro do ônibus era uma loucura! Eu me vi varias vezes em cima do banco do ônibus; o pessoal dando soco no cobrador; era uma coisa horrível! Então, o pessoal ainda era muito...como eu posso dizer...a civilização era pouca! Tudo só se resolvia na base da porrada! Da Violência. Mas era uma violência de reação. Não uma violência que a gente vê hoje. Não sei se você está me entendendo? (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²

Tanto os contextos históricos mencionados quanto os depoimentos dos alunos, professoras e da ex-gestora sobre o desconhecimento de fatos que fizeram parte da formação do povo baiano e brasileiro, colabora para se defender a realização de ações que busquem apoiar o desenvolvimento local e a sustentabilidade socioambiental de comunidades como a do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, mas que também, valorem a ancestralidade dos povos que habitaram essas localidades. Visto que, a cultura, aqui entendida como um “complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano” (SIGNIFICADOS, 2016), construída nas relações interpessoais, seja na família, na escola, como também na sociedade da qual estes indivíduos são membros, compreende o ambiente do qual se refere à EA aqui estudada (LEFF, 2003).

¹¹ SILVA, Clemilda Santana da. **Entrevista V**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Arquivo mp3 (120 min.). Roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice D desta Dissertação.

¹² Idem.

Sendo assim, devem-se conhecer os motivos que levaram as autoridades da época (anos 1970) a fazer intervenções urbanísticas na localidade do Cabula; trazer pessoas de outros lugares para residirem no local, como também, compreender como as modificações impactaram no estilo de vida dos povos originários. Esses assuntos serão abordados no próximo tópico.

2.2 Processo de Urbanização do Cabula

O Cabula foi doado para Antônio Ataíde, Conde de Castanheira, pelo seu primo Tomé de Souza. O Conde nunca tinha ouvido falar do Brasil e acabou arredando a área que ficava fora dos limites da cidade para o Senhor Natal Cascão que providenciou a construção da Capela Nossa Senhora do Resgate – conhecida hoje por Igreja da Assunção – e logo um povoado começou a se formar ao redor. (BARRETO, 1984)

De acordo com Barreto (1984), depois que a Capela ficou pronta, a população começou a crescer, havendo abertura de novos caminhos que ligavam o Cabula com outros locais de Salvador, por exemplo, a orla marítima nas proximidades de um lugar que hoje se conhece por Jardim de Alah. Nicolin (2007) assevera que se aproveitava dos mesmos caminhos utilizados pelos quilombolas, que hoje se constituem nas grandes avenidas que ligam a localidade aos bairros de Pirajá, Brotas, Rio Vermelho, Mares e Calçada.¹³

No ano de 1920, muitos homens e mulheres - escravizados, índios e descendentes - que executavam atividades terciárias, como: carpinteiros, alfaiates, vendedores ambulantes, dentre outras; foram empurrados para regiões distantes do centro urbano da cidade de Salvador. Tal contingente humano passou a ocupar regiões como a Praça Castro Alves e Elevador Lacerda que ficam próximas a Cidade Baixa (ver Foto 1) e também regiões mais afastadas como o Cabula. Nesta época, a localidade do Cabula era repleta de vegetação nativa, árvores frutíferas em sua maioria, o que favoreceu a instalação dessas pessoas, além de atrair donos de chácaras e seus trabalhadores que buscavam nessas regiões a reprodução de um modo de vida simples e de subsistência familiar onde uma das características principais é a fraternidade entre as pessoas da comunidade.

¹³ Voltar à figura 2, localizada na página 30.



Foto 1 – Centro de Salvador, 1549.
Fonte – 19º Batalhão de Caçadores de Pirajá.

Também o Exército brasileiro, representado pelo 3º Regimento de Infantaria - o mesmo que contribuiu para a proteção da cidade, inclusive, na expulsão dos portugueses de Salvador que culminou na Declaração da Independência da Bahia, em 29 de julho de 1822 - instalou-se na localidade. Nesse Batalhão se alistou Maria Quitéria de Jesus Medeiros, um referencial na história da Bahia, pois ao conseguir enganar seus superiores em relação ao seu gênero feminino, “não usou de benevolência, ao inimigo invasor” (GOMES, p. 24, 1984), lutou com bravura com seus companheiros, sendo promovida a Cadete na Guerra da Independência do Estado da Bahia.

Do Exército foi a responsabilidade pela construção de duas importantes estradas na região: Saboeiro e Barreiras que, embora até meados dos anos 1970 fossem estreitas e estivessem em péssimas condições, sobretudo em períodos de chuvas, serviram para a locomoção de tropas durante suas empreitadas militares na época. Na antiga sede do Batalhão instalou-se o 19º Batalhão de Caçadores de Pirajá - 19 BC que hoje é um dos principais referenciais da localidade. (BAHIA, 1978; BARRETO, 1984; GOMES, 1984)

No início do século XIX a localidade do Cabula possuía uma população de 160.000 pessoas; havia distância entre as construções, não havia luz elétrica e quase nenhum saneamento básico. Para obter água limpa os trabalhadores tinham que carregar vasilhas em suas cabeças, pois 60% das águas vinham de fontes; também, 37% das residências não tinham banheiro e 100% delas não possuíam esgotamento sanitário.

Entretanto, nesta zona periférica da Cidade respeitava-se a vegetação e elas eram contempladas pelos moradores durante as longas caminhadas que faziam para ir de um local para o outro. (BAHIA, 1978; GOMES, 1984)

Ainda segundo os autores Bahia (1978) e Gomes (1984), o caminho para as chácaras e fazendas, propriedade de famílias nobres, predominantes na região, era empoeirado e com muita lama, pois, conforme já exposto anteriormente, tinham condições precárias e apenas a Silveira Martins – chamada na época de Estrada do Cabula – em pequenos trechos era pavimentada. Sendo assim, as pessoas com condições modestas eram diferenciadas das ricas pelo modo que elas se deslocavam entre as distancias: os humildes andavam a pé e os abastados de charrete.

Todavia a abundância de trabalho para os mais pobres nas roças dos ricos, garantida pela colheita nos laranjais ou pela venda de produtos e serviços nas feiras do Centro da cidade, satisfazia a população humilde e garantia a fraternidade entre essas pessoas, mesmo notando-se diferenças entre as classes; o jeito simples de viver alegrava os moradores e sem a existência de conflitos tornava-se comum vê-los nos terreiros a contar histórias ou se divertindo com as crianças brincando de chicotinho queimado, cantar modinhas, roda e pícua.

A partir dos anos 1970, a população descendente de negros e índios originários de quilombos estabelecidos na região começou a ter como vizinhas pessoas que vinham de diversas regiões do Estado da Bahia, algumas fugindo da crise da região cacauzeira, outras em busca de emprego na cidade. A localidade estava próxima a duas das principais vias de ligação da cidade de Salvador: a Avenida Luís Viana Filho e a BR-324, e dava uma posição estratégica para quem queria ficar próximo ao Centro Administrativo da Bahia (CAB), do Setor Militar Urbano (19º BC) e ao Centro Comercial e Empresarial instalado na região do Iguatemi.

Também nessa época, aconteceram algumas das principais realizações para a industrialização e modernização do Estado: a construção da refinaria e complexo petroquímico da Petrobrás; a instalação do Centro Industrial de Aratu; vários centros industriais em municípios do interior da Bahia; a implantação do Polo Petroquímico de Camaçari, dentre outros que se tornaram fontes geradoras de emprego e que também contribuíram para o aumento da população da cidade e para o agravamento de algumas

situações como a favelização e o crescimento das carências sociais. (BAHIA, 1978; MATTA, 2013)

Cita-se em Bahia (1978) que em meados do século XX a Região Metropolitana de Salvador tinha apenas 30% de ocupação em uma área total de 343 m². O restante era constituído de vazios demográficos onde se notava ocupações espontâneas que faziam eclodir pequenos núcleos isolados e carentes de qualquer infraestrutura urbana.



Ilustração 2 – Ocupação no Cabula, 1980.
Autor – Denissena, março 2016.

As ocupações que estavam acontecendo na localidade já incomodavam a comunidade do Cabula que com receio de perder a tranquilidade e o contato com a natureza comum a quem residia no local, denunciavam a situação aos órgãos competentes como se pode observar em trechos de jornais da época: “Não queremos que isso aqui se transforme numa selva de pedras”. Esses mesmos moradores já reclamavam da ausência de áreas de lazer e infraestrutura: “basta lembrar que no antigo Largo do Cabula foi construído um posto de gasolina”, disse um dos moradores. (A TARDE, 1987)

Diante do crescimento demográfico em Salvador, a fim de enfrentar a carência de moradias sociais (aquelas destinadas a pessoas que ganham de um a cinco salários mínimos) o

Governo do Estado da Bahia resolve implantar através da Companhia Estadual de Desenvolvimento Urbano (CEDURB) três projetos habitacionais: CAJI, Cajazeiras e Narandiba. Tais projetos foram elaborados a fim de atender objetivos prioritários à época em relação ao processo de desenvolvimento urbano de Salvador: minimização do déficit habitacional; recuperação de áreas em condições subnormais; e implantação de equipamentos urbanos¹⁴ necessários à realização individual e ao desenvolvimento social. (BAHIA, 1978)

O autor esclarece que, embora os projetos tivessem integrados a malha urbana da cidade e ao sistema de transportes, deveriam ter “autonomia e autossatisfação em relação à infraestrutura física, serviços urbanos, equipamentos comunitários, oferta interna e/ou externa de empregos, comércio e abastecimento.” Estas características foram fundamentais para a formação desses novos núcleos de urbanização na cidade, que se diferenciavam quanto ao nível de renda dos núcleos populacionais originários das regiões onde tais habitações iriam ser construídas. (BAHIA, 1978, p. 2)

Segundo Bahia (1978), ao Projeto Urbanístico de Narandiba – correspondente à localidade do Cabula – previa a construção de 12.000 unidades para abrigar 100 mil habitantes, além dos 20 mil já existentes, como também, fazer da localidade um grande centro de oferta de serviços para a população metropolitana. Em paralelo à construção dos conjuntos habitacionais estavam sendo construídos na localidade: o Hospital Central do Estado (Roberto Santos), o Centro de Recepção e Triagem de Menores, o Centro Social Urbano, o Polo Educacional de Narandiba congregando o Centro de Ensino Supletivo e de Treinamento Profissionalizante e o Centro Integrado de Educação.

Sendo assim, a região teve um demasiado crescimento populacional com o surgimento dos condomínios residenciais construídos pela Sociedade de Habitação e Urbanização da Bahia (URBIS) e, aos poucos, a urbanização foi suprimindo os barracos de taipa, casebres e construções campestres característicos da localidade, antes conhecida por seus famosos laranjais, como se pode ver nas informações contidas na Figura 4:

¹⁴ Conforme ABNT (1986), o termo designa bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados. Em Bahia (1978), o termo é denominado por “equipamentos comunitários”.

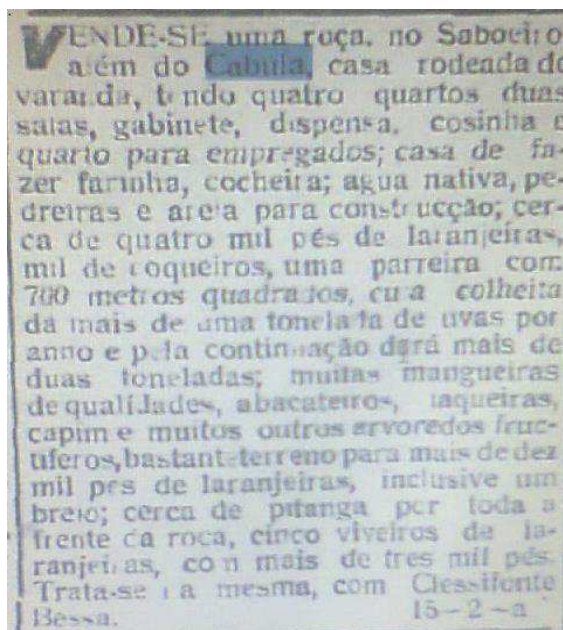


Figura 4 – Venda de propriedade na localidade, bairro Saboeiro.
Fonte – Jornal A tarde, Edição n. 938, datado de 13. 11. 1915

O primeiro condomínio implantado foi o Conjunto Antônio Carlos Magalhães com 288 unidades entre casas e apartamentos. Segundo moradores, o antigo Governador Antônio Carlos Peixoto de Magalhães, mais conhecido pela sigla ACM, quando ainda era prefeito da capital - mandato entre fevereiro de 1967 até abril de 1970 - tinha o costume de ouvir a orquestra dos bombeiros que fica localizada próxima à sede da prefeitura de Salvador no centro da capital baiana. Em uma dessas ocasiões ele havia prometido aos servidores a criação de um conjunto habitacional para homenageá-los considerando que muitos deles não tinham casa própria.

A promessa foi cumprida em 4 de setembro de 1974 quando o Conjunto Antônio Carlos Magalhães foi inaugurado tendo o nome sido colocado para homenagear o seu idealizador que fazia aniversário nesse dia. No entanto, alguns moradores preferem chamá-lo de Cabula I, considerando a ordem estabelecida pela URBIS que diferenciava os loteamentos com o uso de algarismos romanos ou pelos desafetos atribuídos ao epônimo do Conjunto. Os valores das residências eram descontados nos contracheques.

Os moradores da região do Cabula I tinham que conviver com alguns inconvenientes como as sirenes das Pedreiras Omacil, que localizadas entre o bairro do Arraial do Retiro, o Conjunto ACM e o Horto Florestal do Cabula, mantiveram as extrações de minérios até o

início da década de 1980. As pedreiras usavam as sirenes em dois momentos - às 12h e às 17h - para avisar os moradores do entorno sobre as explosões que iriam acontecer causando transtornos como poeira, rachaduras e quebra de utensílios nas residências próximas à mesma. (RIOS, 2013; SANTOS, 2015)

Além do mais, o local em que foi construído o condomínio não possuía nenhuma infraestrutura; muitas casas eram constituídas por roças, feitas com massapê, sem saneamento básico e luz elétrica. De acordo com Gomes (1984), o caminho era muito empoeirado e com muita lama e por esse motivo o bairro também é chamado de Barreiras.

Ainda assim, as pessoas que vinham morar no bairro sabiam driblar as dificuldades aproveitando-se dos atrativos naturais da localidade. Veja o depoimento do zelador José Paim sobre a chegada de sua família ao Conjunto ACM:

O Conjunto inaugurou no dia 04, algumas pessoas vieram no dia 05 e eu me mudei 20 de setembro de 1974. Na minha rua só tinha poucas pessoas; como não tinha nada para fazer a gente ficava arrodando o condomínio. Perto da Padaria Panical era muito mato e lá em baixo passava um rio, a fonte era lá em baixo. Próximo ao posto de gasolina tinha uma corda/cipó que a gente chamava corda de Tarzan, pois a gente se pendurava na jaqueira e caía no rio. Em 1974 onde era o GBarbosa tinham chácaras; algumas que davam tiro de espingarda. Quando se chegava ao ACM era mato de um lado, mato do outro e a Estrada de Barro no meio. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁵

A brincadeira citada por PAIM (2016) foi lembrada por outros moradores do Conjunto ACM, inclusive por um dos funcionários do Ministério da Agricultura que morou na localidade: “me pendurava no cipó para tomar banho de rio” (Informação Verbal) ¹⁶. Denissená que em alguns momentos da entrevista interagiu com o zelador de santo, alegrou-se das recordações vivenciadas no passado e, diante das lembranças, criou a ilustração abaixo para homenagear tanto o zelador de santo quanto as pessoas que se deliciaram com as brincadeiras características da época:

¹⁵ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

¹⁶ SANTOS, Railton Lopes dos. **Entrevista XII**. [abr. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice I desta Dissertação.

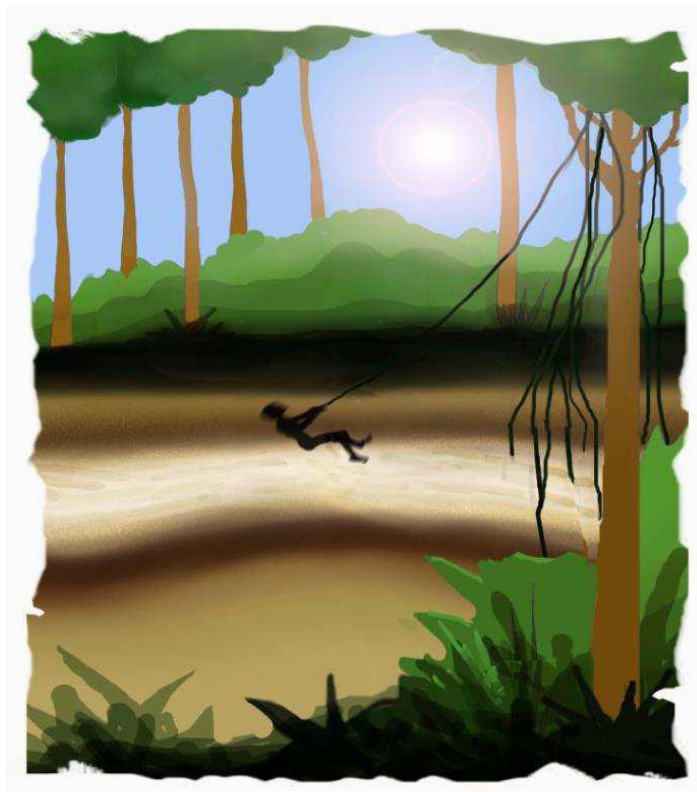


Ilustração 3 – Brincando de corda
Autor – Denissena, março 2016.

Além de tudo, as famílias tinham dificuldade para se locomover de um lugar para o outro e caso precisassem de transporte tinham que caminhar até a Avenida Barros Reis, onde se inicia a Ladeira do Cabula. Aqueles que possuíam animais ou carroças - os donos das chácaras e sítios - tinham mais facilidade, porém a maioria era de origem humilde, vindos de outras localidades com a promessa de melhores condições de moradia e de emprego. O educador Antônio Jorge Nascimento (2016) fala de sua primeira impressão sobre a localidade: “Por aqui só tinha chácaras e fazendas de laranja, estrada de barro, sem comercio e pouquíssimos ônibus; era muito longe! Era como um interior muito afastado da civilização”. (INFORMAÇÃO VERBAL) ¹⁷

Para minimizar as dificuldades enfrentadas os moradores caminhavam pelas vias contemplando a natureza e se beneficiando do ar fresco e das frutas proveniente das árvores que existiam em abundancia: “A gente se divertia roubando frutas por toda a localidade do

¹⁷ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

Cabula” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁸. Pela estrada tinham por referência o quartel do exército, uma chácara chamada Cabula e um condomínio que havia se formado ao seu lado de mesmo nome.

Em 2016, a paisagem encontra-se transformada. As vias já estão asfaltadas; existe a melhora do sistema de transporte e já não é necessário caminhar tanto como acontecia entre os anos 1970 a 1980. Todavia, paulatinamente, as árvores estão sendo substituídas por empresas de *telemarketing*; instituições de ensino superior; *shoppings centers*; empreendimentos imobiliários, e outros que se diferenciam da paisagem bucólica encontrada na época citada.

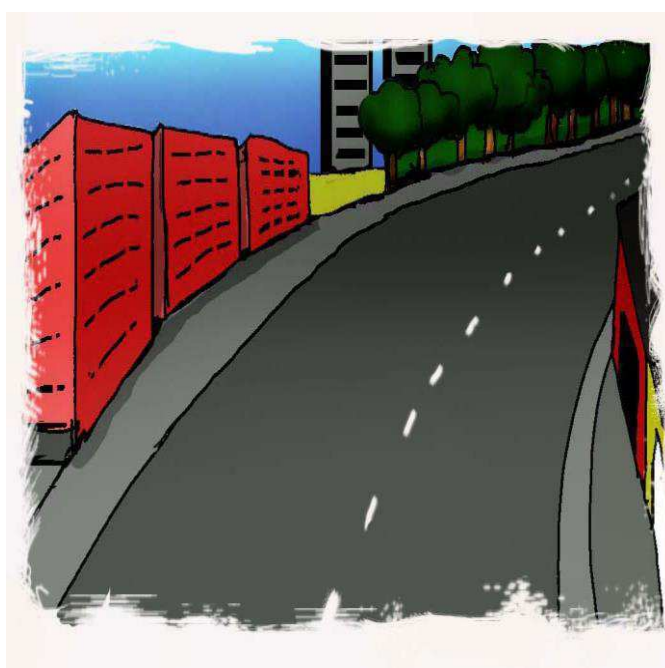


Ilustração 4 – Chácara do Cabula
Autor – Denissena, março 2016.

Essas transformações, além de mudar o aspecto do Cabula, estão aos poucos comprometendo as condições ambientais da localidade e de áreas com remanescentes de Mata Atlântica como é o caso do Horto Florestal. Além do que, o respeito pelos recursos naturais existentes na localidade já não se faz tão presente nos dias atuais, pois as pessoas buscam a melhora da qualidade de vida através de saneamento básico, moradia, emprego, e outros que alimentam um consumo desenfreado e pouco preocupado com a sustentabilidade, sendo tais comportamentos frutos do modelo econômico capitalista.

¹⁸ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

2.3 Diagnóstico das Condições Ambientais

A topografia do Miolo – parte central da cidade de Salvador que abrange as localidades do Cabula, Tancredo Neves, Pau da Lima e Cajazeiras - abriga os pontos mais altos da cidade, com topos relativamente planos e entalhados por vales profundos constituindo-se numa ampla rede de drenagem natural. A vegetação existente na área é composta de remanescentes de Mata Atlântica, árvores de grande porte e zonas de mata como as que ficam próximas as represas do Cascão, Prata e a Mata dos Oitis, que apesar de sofrer pela continua ação antrópica, resistem com vigor às invasões que acontecem dentro e fora de seus limites, como é o caso do que está ocorrendo na localidade da Mata Escura e da ocupação existente próximo à entrada do galpão utilizado pelo Ministério da Agricultura, situado no Conjunto ACM. (NUNES, 2007)

Ainda segundo o autor supracitado, “as principais bacias hidrográficas localizadas no Miolo são formadas pelos rios Camarajipe, Cachoeirinha e Pituaçu, Saboeiro e Cascão (bacia das Pedras), Jaguaribe e Ipitanga”. Na Figura abaixo, pode-se ver as bacias hidrográficas da cidade de Salvador, na Bahia, com destaque para a região do Miolo:

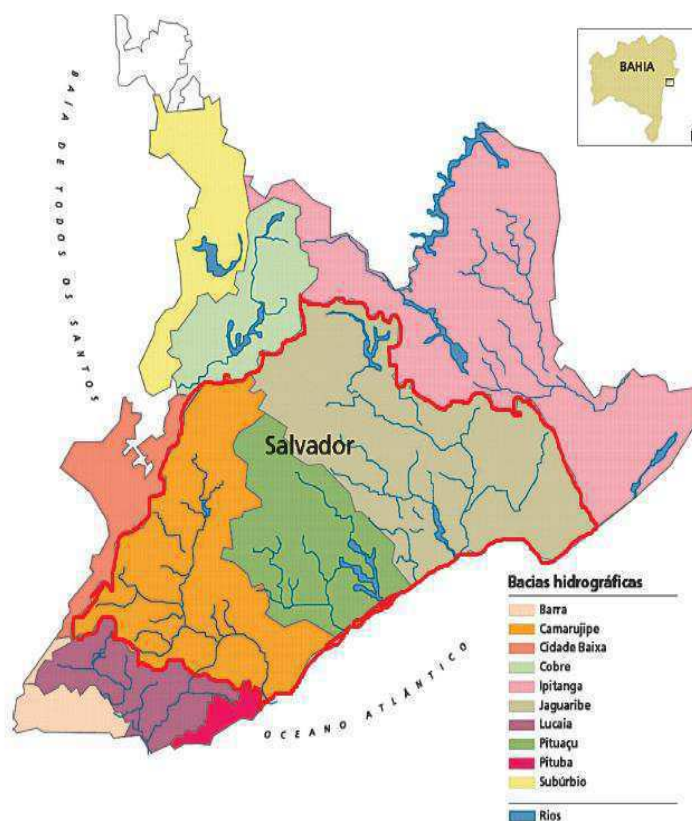


Figura 5 - Bacias Hidrográficas de Salvador.

Fonte - Blog O futuro da água / Jornal A Tarde Online

Com respeito às bacias citadas, duas delas que correspondem ao Rio Camarajipe e ao Rio das Pedras, possuem nascentes que se localizam no Cabula. Mesmo assim, conforme Santos *et al.* (2010), no final do século XIX quando população da localidade estava em torno de 160.000 habitantes e ainda se respeitava os recursos naturais existentes, a população tinha dificuldades para abastecer suas residências com água de qualidade devido a falta de saneamento e as longas distancias que tinham que percorrer.

Então, tomando como uma solução para o problema de abastecimento de água nessa região, o Rio Camurujipe foi represado para a construção de duas represas no bairro da Mata Escura, projetadas pelo engenheiro baiano Theodoro Fernandes Sampaio - filho da escrava Domingas da Paixão do Carmo e do padre Manuel Fernandes Sampaio - que era o secretário de saneamento básico na época. Uma teve o mesmo nome do bairro, Mata Escura, e a outra, foi chamada de Prata, fazendo alusão à bacia a qual pertencia, e serviam para o abastecimento de toda a cidade de Salvador. (BAHIA, 2016)

Além de favorecer o abastecimento, os moradores dos bairros do entorno citam que muitas pessoas tomavam banho e se favoreciam com a beleza existente ao redor das represas. Em depoimento, um dos representantes da comunidade que também é aluno da EJA na Escola Municipal Cabula I, disse que quando chegou ao bairro em 1973 e logo depois foi contratado pela Gata - Empresa de construção civil - para trabalhar na construção do Condomínio ACM tinha o hábito de frequentar as represas. Ele nos conta com muita animação a satisfação que possuía em frequentar a área que representava uma fonte e lazer para as pessoas que tinham a oportunidade de conhecê-las: “Eu já tomei banho na represa. Faz mais de 30 anos. Tinha sucuri, muitos animais”. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁹

Em 1987, devido à baixa vazão e poluição provocada pelo lançamento de esgotos sanitários e resíduos sólidos oriundos dos conjuntos habitacionais que começavam a ocupar a região, as represas foram desativadas e já não possuem o mesmo referencial abordado pelo representante da comunidade. Em 2016, é possível observar a poluição que se encontram as represas, assoreadas, com muitos resíduos sólidos e aparência modificada pelos produtos químicos utilizados pelas residências. Observe a poluição ambiental por agente químico na Foto 2:

¹⁹ Questionário respondido pelo Aluno B/ EJA, ver Apêndice B, representante da comunidade do entorno. **Entrevista III**. [dez. 2015]. Salvador, 2015.



Foto 2 – Poluição Ambiental por Agente Químico
Represa do Prata e da Mata Escura.
Fonte – Arquivo Pessoal, data 16.11.2014.

Foi confirmado por Nunes (2007) que as duas represas localizam-se em uma das últimas reservas naturais da cidade e, associadas, concentram grande densidade de vegetação nativa remanescente de Mata Atlântica. Porém, a comunidade diz que muitas invasões e outros descasos estão sendo cometidos contra a biodiversidade na área o que tem comprometido cada vez mais os atributos naturais presentes.

Esta destruição ocorre mesmo com a existência da Lei nº 7.400, de 20 de fevereiro de 2007, que dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Urbano da Cidade de Salvador (PDDU), que determina que as represas compõem uma Área de Proteção de Recursos Naturais (APRN), ou seja, àquela cujos elementos naturais são considerados importantes para o equilíbrio ambiental, mostrando a pouca efetividade que tem algumas leis diante do crescimento urbano.

No bairro da Mata Escura onde existe maior proximidade de acesso as represas - especialmente pelo Condomínio Residencial Recanto Verde - a fim de combater os abusos provocados à APRN, a comunidade tem feito denúncias aos órgãos competentes e até ameaçam entrar com uma ação civil e criminal para salvaguardar o pouco que resta dos recursos naturais. Em outubro de 2014 o Jornal Tribuna da Bahia noticiou que a cada ano que

passa a devastação piora “a situação é tão grave que, se nada for feito para mudar, a área verde pode desaparecer nos próximos cinco anos”. Disse um dos moradores à equipe de reportagem quando à mesma acompanhava uma ação da Secretária de Urbanismo (SUCOM) em ação de embargo a uma das invasões localizadas na área.

As represas estão dentro de uma área de 38 hectares - cerca de 380.000 m² - que fazia parte da Fazenda São Gonçalo, subdistrito de Santo Antônio na época em que a cidade de Salvador, Bahia, era uma colônia de Portugal. Em 1956, a Prefeitura de Salvador doou a área para o Ministério da Agricultura com a finalidade de se instalar um Horto Florestal²⁰. O Horto teve a sua criação autorizada pela Lei Municipal n^o 670 em 23 de março no mesmo ano em que lavrou-se a escritura.

Adiante, procurar-se-á discorrer sobre alguns episódios dessa transação que culminou numa celeuma, até então não resolvida pelos órgãos envolvidos e que tem prejudicado não somente a preservação dos recursos naturais existentes, mas também a tranquilidade dos moradores do entorno do Horto Florestal do Cabula.

²⁰ Entende-se por Horto Florestal a área de espécies de Mata Atlântica que fica localizada próxima a centros urbanos.

Com o intuito de cumprir as exigências do contrato de doação o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento tomou as devidas providências para manter a salvaguarda da área. De acordo com informações coletadas durante a realização desta pesquisa, através de moradores da comunidade do bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras no Horto tinha um administrador conhecido como Florisvaldo²², já falecido. No exercício de suas atribuições Florisvaldo não deixava ninguém depredar o Horto Florestal do Cabula:

No Horto a gente não podia entrar porque tinha Senhor Florisvaldo que era o administrador e não deixava ninguém entrar. Só entrávamos quando os escoteiros estavam lá. Eles chegavam na sexta-feira, passavam o sábado e abriam os portões no domingo. Ai, a gente entrava. Quem coordenava os escoteiros: Antônio Jorge. Ele sempre fazia ações que enviam o Horto. (INFORMAÇÃO VERBAL)²³

A doação foi ratificada em 25 de maio de 1981. Realizaram-se benfeitorias no local, cumpriram-se as exigências para a instalação do Horto e o fornecimento de mudas para arborização da cidade. Treze anos mais tarde, em 1994, o imóvel foi cedido gratuitamente pela União ao Município de Salvador, por um prazo de 10 anos, a prefeitura tinha o intuito de pôr em prática programas de reflorestamento e educação ambiental que favorecessem tanto os recursos ambientais existentes quanto à comunidade do entorno.

Porém, conforme relatórios de vistoria técnica realizados pelo MAPA e pelo IBAMA, representado pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), que possui uma unidade na área do Horto, onde são mantidos animais silvestres apreendidos por condutas irregulares de caçadores e predadores, como também, atividades de educação ambiental. Depois de quatro anos após a referida cessão, além da Prefeitura não cumprir o prometido, o fato culminou no abandono da área, nas péssimas condições de preservação e na ocorrência de invasões clandestinas.

Constatada a irregularidade a Delegacia de Patrimônio da União (DPU/BA) iniciou a demarcação do terreno e dos imóveis existentes na área, bem como, incitou a necessidade de realizar um cadastramento das invasões a fim de tomar as medidas necessárias para a resolução do problema ocasionado.

²² A pesquisadora não conseguiu contatar ninguém de sua família.

²³ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação

Nesse ínterim, a Prefeitura tentando reverter à situação em seu favor, expediu o Decreto nº. 12.563 de 18 de fevereiro de 2000, tornando sem efeito a doação ao Ministério da Agricultura com a justificativa de que a União ao passar a posse do terreno para o Município deixou de cumprir as exigências legais para a garantia do direito à área. Consequentemente, em 20/06/2011 uma Ação Anulatória movida contra o Município de Salvador declarou improcedente o documento, devolveu a área ao seu antigo dono, o MAPA, e solicitou a desocupação total do Horto pelos invasores. De acordo com Certidão expedida pela Justiça Federal da 1ª vara da Capital do Estado da Bahia, até o dia 31 de março de 2014, o Município de Salvador não anulou o Decreto acima citado.

Vários documentos foram expedidos pela Superintendência Federal de Agricultura na Bahia (SFA/BA) aos órgãos competentes denunciando a situação, visto que no local ocorriam constantemente casos de danos ao patrimônio público, inclusive casualidades provocadas pelo uso de armas de fogo. Além disso, proibiu a ida de seus prepostos à área. Os documentos expedidos pela SFA/BA pediam providências para sanar os problemas denunciados, mas nada foi feito. Então, após constatar que as invasões continuavam em escala progressiva foi emitido um Ofício de nº. 1063, datado de 28 de abril de 2014, a SFA/BA solicitando a Procuradoria da União no Estado da Bahia intermediação para pôr fim na querela jurídica com a Prefeitura de Salvador, propondo:

[...] a doação à Prefeitura Municipal de Salvador de toda área recebida em 1956, permanecendo, definitivamente, em poder da Superintendência Federal de Agricultura na Bahia, a área atualmente ocupada pelo galpão, com 437,88 m², que já vem sendo utilizada para a guarda de veículos oficiais e outros bens de propriedade da SSA/BA. (OFÍCIO nº: 1063/GAB/SFA/BA, datado de 28 de abril de 2014).

Em resposta à solicitação, a Procuradoria emitiu outro expediente, datado de 30 de maio de 2014, informando que até aquele momento o Município de Salvador não tinha se pronunciado quanto à desocupação do imóvel. A posse do imóvel, mesmo tendo sido solicitado em juízo, não tinha sido revertida ao seu antigo dono e a solicitação para intermediação refugia do seu âmbito, pois deveria ser tratada pelos próprios órgãos interessados.

Em 27 de novembro de 2015 a Prefeitura, por meio da Secretaria Cidade Sustentável emitiu o Ofício nº 347/2015 informando que “a área ainda está em litígio com a Superintendência Federal de Agricultura na Bahia e, por isso, a Prefeitura não tem projetos específicos para a área”. No entanto, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, que na

época estava sendo discutido para substituir o anterior, estava propondo para essa área e suas adjacências a criação de um Parque Urbano.

Em 21 de março de 2016, em relatório oficial²⁴ produzido pelo MAPA consta um histórico inicial e levantamento sobre invasões e danos causados à área de preservação ambiental do Horto Florestal do Cabula. Este documento detalha como e por quem foi feita a vistoria da área em questão, além de apresentar considerações e resultados frutos desta ação. A respeito dos órgãos envolvidos nessa vistoria lista-se nesse documento a presença de representantes da Polícia Militar (SEDUR e Casa Militar), CONDER, INEMA, IBAMA, SPU e Ministério da Agricultura. Quanto à inspeção feita constatou-se a existência de pelo menos 170 construções entre imóveis de alvenarias e improvisados, uma igreja e um terreiro de candomblé. Além disso, foi relatado no documento o desmatamento de vegetação nativa para a possível construção de novos imóveis. Este documento deixa claro que o Horto Florestal do Cabula pertence à UNIÃO, estando sob a responsabilidade do MAPA. Não deixa claro, no entanto, o que se pretende fazer com a área.

Para agravar a situação, muitas das construções foram feitas por pessoas em situação de vulnerabilidade social que não tinham alternativas para resolver seus problemas de moradia. Dessa forma, aproveitaram da ausência de projetos públicos para a área e se instalaram nessa localidade, mesmo com todas as carências de infraestrutura e saneamento básico. Além disso, existem aqueles que, em busca de ganho próprio diante de tal realidade, vendem terrenos localizados dentro do Horto como sinalizado em reportagem do Jornal Tribuna da Bahia²⁵, na ocasião em que a SUCOM embargou uma invasão que ocorria dentro do Horto, próximo à Mata Escura, em outubro de 2015.

Em entrevista realizada no dia 04/04/2016, com Railton Lopes dos Santos, Chefe da Divisão de Apoio Administrativo, Preposto do MAPA - SFA/BA foi informado a respeito da visita técnica realizada em março de 2016. Este encontro foi marcado por emoção, pois, o representante do MAPA demonstrou ter um sentimento de pertença com aquela localidade, visto que já foi morador da região:

Você sabe onde tem o galpão do Ministério, na parte de trás, dentro do Horto onde tem uma caixa de força, agora, bem próximo, tem uma avenida de casas. Eu morei ali com minha família. Meu pai era funcionário do Ministério. Você fala de seu

²⁴ Este relatório faz parte da ação movida pelo MAPA para regularizar a situação da área.

²⁵ Jornal publicado em 21 de outubro de 2015.

sentimento pelo Horto agora, imagine se o conhecesse antes, iria se apaixonar! Tinha pés de mangaba que eu acordava cedo para catar e fazer suco, pois seu Florisvaldo não deixava ninguém entrar; me pendurava no cipó para tomar banho no rio; e as jaqueiras? Ainda existem no Horto? Como era bom! Agora... A comunidade não tem o prazer desse contato com a natureza, com esse lugar que faz parte de nossa história. Está no sangue, pois a comunidade é descendente de negros e índios. O Horto é dos moradores do bairro, faz parte deles! (INFORMAÇÃO ESCRITA)²⁶

Quando perguntado desde quando essa querela judicial envolvendo a área do Horto Florestal do Cabula vem sendo denunciada pelo MAPA aos órgãos competentes, Railton Santos (2016) respondeu que desde 2002, mas que só agora foram encaminhadas soluções, por empenho político do então Superintendente Federal de Agricultura na Bahia - SFA/BA, João Cláudio Bacelar. Ainda informou que A CONDER se responsabilizará em remover os moradores e o INEMA se comprometerá com a parte ambiental em conjunto com o IBAMA que já teve sua área aumentada de 8.000m² para 10.000 m² separada da área total de 380.000 m². Dessa forma a área correspondente ao Horto Florestal passa a ser aproximadamente 370.000 m². A área do Terreiro Bate Folha também é assegurada por Lei, devido ao tombamento pelo IPHAN como patrimônio histórico do Brasil.

Quanto ao destino das pessoas que residem na invasão do Horto Florestal, Railton dos Santos (2016) informou que existe a possibilidade de regularizar algumas residências por meio da cessão de uma área para o projeto Minha Casa Minha Vida. Contudo, aponta que desconhece os critérios que serão utilizados para seleção dos beneficiários, considerando que existem pessoas que possuem outros imóveis.

O representante do MAPA fez questão de salientar que é preciso que as pessoas tenham um comprometimento quanto à necessidade de preservação do Horto Florestal do Cabula, especialmente quanto à ligação histórica e variedade de recursos ambientais existentes na área. Também falou que sua família tinha dificuldades financeiras na época que residiam no local, mas fizeram questão de sair da casa cedida pelo Ministério, localizada dentro do Horto, para residir em um imóvel alugado a fim de favorecer os projetos de reflorestamento e educação ambiental propostos pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Assim, no aguardo de outras definições, fica-se na torcida para que os atributos naturais existentes no Horto Florestal do Cabula sejam preservados e recuperados, bem como, a

²⁶ SANTOS, Railton Lopes dos. **Entrevista XII**. [abr. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice I desta Dissertação

comunidade do bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, possa ter o privilégio de sentir a natureza como no tempo de nossos ancestrais africanos e indígenas. Também se espera que a situação dos atuais moradores do Horto Florestal seja resolvida de forma cuidadosa, levando em consideração as histórias de vida que emergem desse contexto.

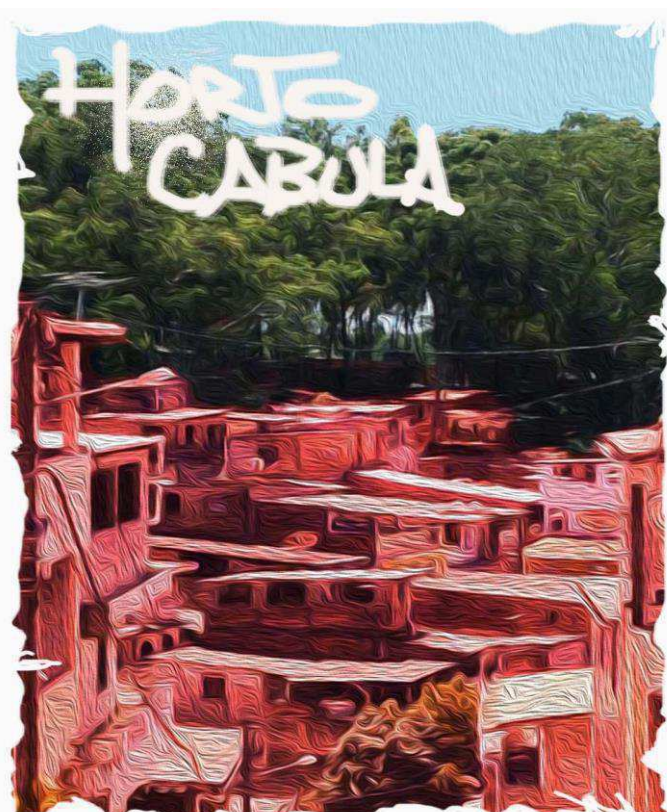


Ilustração 5 – Comunidade e Horto Florestal do Cabula
Autor – Denissena, março 2016

Até que algo seja feito as precárias condições de moradia, a violência e a falta de um direcionamento para a criação de medidas que mudem esta realidade inibem ações mais abrangentes tanto da parte da comunidade quanto da parte de pesquisadores que temem o risco à sua integridade física no desenvolvimento de projetos de cunho socioambiental dentro e no entorno do Horto Florestal. Fato esse que se pode constatar através dos depoimentos das pessoas da comunidade localizada próxima ao Conjunto ACM:

Tá sendo destruído! E a gente não pode falar essas coisas abertamente, não é? Está destruído! É uma pena! Eu tava comentando com meu marido: meu Deus que absurdo! Como é que o governo permite isso? Uma área federal como é que permite o povo invadir, fazer o que quer aí? Não faz um... Como é que eu posso dizer? Uma coisa que sirva de visitação, não sei explicar... uma coisa que sirva de visitação... um jardim zoológico, não sei. Fizesse numa coisa útil pra nossa comunidade, pra o nosso bairro, porque isso é um desperdício! Para mim isso é um desperdício! Gosto

muito! Já entrei ai para fazer educação física com as pessoas, mas hoje eu não tenho coragem de entrar! Tá uma degradação! É um desperdício isso ai! Eu não sei quando é que as autoridades vão tomar uma providência em relação a isso ai. Eu não posso falar demais porque a gente não pode falar muito, mas eu acho um desperdício tremendo esse Horto. Uma área boa dessas! Todo mundo invadiu, faz o que quer. Eu não entro mais ai porque eu tenho medo! Não vou mentir pra você. Eu fazia exercício físico com o pessoal da Panical que tinha um grupo que fazia tudo direitinho, com o Projeto Cidadão. Hoje eu não tenho mais essa coragem! Destruíram tudo! O local era tão fresco, tão gostoso de ver! Quando eu andava ai tinha algumas casinhas, mas hoje, o pessoal invadiu tudo! Eu não entro mais ai, o pessoal é que me fala. Tá muito degradado! E se constrói, derruba as árvores e se fizesse uma coisa que usasse porque realmente não está sendo bem usado esse Horto, não está sendo bem usado; está mal usado! Desperdiçado isso ai. (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁷

O temor expressado por moradores da região repercute no desconhecimento da existência do Horto pelas novas gerações, dificultando a transmissão de um modelo de relacionamento homem *versus* natureza de modo sustentável, como também, a transmissão da cultura e ancestralidade de índios e africanos que colonizaram a localidade.

Ao analisar as respostas dos questionários do quinto ano matutino, constatou-se que a professora da turma que tem de 4 a 6 anos na Escola Municipal Cabula I já ouviu falar do Horto Florestal, mas não participou de nenhuma atividade no local e nem abordou o assunto em sala de aula; também mostrou desconhecer a realidade atual do Horto, pois quando perguntada se já realizou alguma ação que contribuísse para a salvaguarda do local ela respondeu negativamente, justificando sua falta de interesse: “por causa da temática para o 5º ano, que era mais voltada para Energias Sustentáveis e disponibilidade de tempo para ir com os alunos no local” (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁸. Em relação aos dez alunos que responderam o questionário, quatro não conhecem o Horto e o restante, mesmo conhecendo, não acham importante que a professora fale do assunto em sala de aula.

No turno vespertino, a professora do quinto ano, que trabalha há mais de dez anos na escola, ouviu falar do Horto, tem conhecimento das atividades que eram desenvolvidas no local pela escola em parceria com a comunidade do entorno e mesmo sem nunca ter participado delas, afirma que na instituição, existem alunos que residem dentro do local. A docente informa que falou sobre o Horto em sala de aula, e disse: “alguns deles ou já tinha

²⁷ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

²⁸ SOUZA, Andrea Silva de. **Entrevista IX**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

participado ou conhecia alguém que já tinha participado, também pra contar aos alunos como aconteceu essa ampliação do projeto pra o que temos agora” (INFORMAÇÃO VERBAL)²⁹, justificando a diferença das ações feitas pela escola no passado e agora com o Projeto Sustentabilidade.

O depoimento da professora do turno vespertino relembra as antigas ações desenvolvidas pela escola em parceria com o Projeto Cidadão e com pequenos empreendedores das localidades mais próximas ao Conjunto ACM citando que no calendário letivo da escola tinha uma data considerada como o “Dia da Limpeza do Horto”, geralmente praticado em 05 de junho.

Antônio Jorge que é o idealizador do Projeto Cidadão e desde a sua adolescência tem uma relação de proximidade com o Horto Florestal do Cabula por conta das ações de Educação Ambiental que desenvolvia no local, como também, pela própria história de vida como morador do Conjunto ACM fala do que sente ao ver a situação de depredação que a área se encontra:

Primeiro gostaria de fazer um relato de como era o horto florestal: uma reserva muito fechada e extensa, com vigilantes armados; um represa que tinha muitos peixes, água potável, jacaré, macacos prego, micos, muitos pássaros, muitas cobras; já ouvi um acampamento nacional de escoteiros, alguns regionais. Através do projeto cidadão já fizemos muitas atividades em benefício do Horto e sua preservação, como “Caminhada de Limpeza” envolvendo alunos do projeto, alunos e professores da Escola Cabula I. Fizemos também ginástica com adultos e idosos. Vejo com muita tristeza tudo que deixaram acontecer no Horto, diga as autoridades, se eles agissem desde o início da invasão as coisas não estariam sem controle, com centenas de casas já de alvenaria, sei que a maioria deixaram de pagar aluguel para ter seu teto, mas também sei que existe a especulação imobiliária e a área do Horto é uma área nobre. Já ouvi inúmeros homicídios dentro do Horto e o Projeto Cidadão não faz mais nenhuma ação por motivo de segurança, nem os alunos de graduação, mestrado e doutorado eu estou levando mais porque tudo pode acontecer a qualquer momento no Horto, inclusive ação da polícia como tem ocorrido constantemente. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁰

Destaca-se que mesmo sem participar das atividades que foram desenvolvidas pela escola em parceria com a comunidade, a professora do 5º ano, turno vespertino, demonstra a necessidade de se conhecer os fatos ocorridos no passado para ter embasamento no planejamento de futuras ações, adequando à aprendizagem do aluno à realidade vivenciada

²⁹ JESUS, Ana Lúcia de. Entrevista VIII. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

³⁰ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

por eles. Segundo ela: “O Horto precisa ser referência não apenas de um lugar de lazer, mas de um retrato da educação social do povo do seu entorno para que o mesmo possa ser frequentado, seja espaço de referência do cuidado ambiental”. (INFORMAÇÃO VERBAL)³¹.

Com o fito de alcançar o objetivo proposto, a professora trabalhou, durante o 1º semestre de 2015, com produções de textos e murais que envolviam temas ambientais; escrita de relatos sobre a importância do verde para o seu bairro; saneamento básico no bairro; e relatórios sobre as visitas e/ou passeios realizados em parceria com o projeto de pesquisa e outras instituições. Além disso, fez a integração dos estudos com as seguintes temáticas: Interação social, homem e natureza; interação pessoal: virtudes pra uma sociedade saudável; a água na terra: preservação, estados físicos, ciclo da água; planeta terra e suas características.³²

A prática da professora do 5º ano, turno vespertino, repercutiu nos depoimentos dos alunos em relação à área ambiental. Dos dez alunos do turno vespertino que responderam os questionários, apenas um nos informou que não conhecia o Horto. Todos os outros alunos informaram que achavam importante que a professora abordasse o assunto em sala de aula e expressaram seus sentimentos em relação ao local através dos seus depoimentos: “lá é um lugar de moradores honestos e trabalhadores”; “o horto florestal também faz parte do Cabula”; “acho importante porque as pessoas ficam destruindo o Horto Florestal”³³.

Apesar das transformações ocorridas pelas ações antrópicas, é possível verificar através das informações coletadas durante a realização desta pesquisa que o Horto Florestal do Cabula pode inferir em um alto potencial educativo ambiental caso existam ações que fomentem a sua salvaguarda e haja investimentos em políticas públicas que culminem na melhoria e infraestrutura do local.

Concorda-se com Leff (2001) quando diz que o Meio Ambiente “emerge como um saber reintegrador da diversidade, de novos valores éticos e estéticos e dos potenciais sinérgicos gerados pela articulação de processos tecnológicos e culturais” e, desta forma, os enxerga como potencializadores de ações que se destinam a salvaguarda de áreas como o

³¹ JESUS, Ana Lúcia de. **Entrevista VIII**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

³² Ver as fotos de algumas das ações desenvolvidas pela professora durante o ano de 2015, no Apêndice T.

³³ Mantido sigilo das identidades dos alunos, a fim de atender as exigências do Conselho de Ética.

Horto Florestal do Cabula. No entanto reconhece as palavras do mesmo autor quando diz que o “saber ambiental ocupa seu lugar no vazio deixado pelo progresso da racionalidade científica” (NUNES 2007, p. 6) e, por isso, acredita que a realização de práticas socioambientais em conjunto com a comunidade do entorno e o sentimento solidário contribui para:

[...] Desconstrução do paradigma econômico da modernidade e para a construção de futuros possíveis, fundados nos limites das leis da natureza, nos potenciais ecológicos, na produção de sentidos sociais e na criatividade humana. (LEFF, 2001, p. 17)

Por isso, o Horto Florestal do Cabula neste trabalho é considerado como um patrimônio, não apenas por seus consideráveis atributos naturais, mas também por ser expressivo na constituição da identidade da comunidade do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras. Afinal esta reserva florestal guarda marcas da história do lugar e de seu povo, é um espaço detentor de uma memória histórica e de uma biodiversidade significativa dentro de um contexto urbano e por isso deve ser salvaguardado.

Neste sentido, o arte-educador e artista visual, Denissen (2015), considerou que o aumento da poluição provocada no Horto contribui para a perda da identidade dos moradores da comunidade da Estrada das Barreiras, pois a área sempre fez parte de suas histórias, tanto para representar a ancestralidade, como também, durante as atividades que desenvolvia junto à Escola Municipal Cabula I e os representantes locais que tinham o Horto como referência:

Tanto a destruição como a poluição gerada no horto é uma perda de identidade, pois ele sempre foi uma referência para a vida das pessoas na comunidade. Elas não têm noção o que a perda de uma árvore pode representar! O horto hoje é uma invasão, uma área de risco, houve deslizamento ocasionado pelas chuvas torrenciais nas moradias improvisadas e várias famílias ficaram prejudicadas. Sendo assim, a perda não é somente para mim que tive a oportunidade de vivenciar o horto, mas para as novas gerações que nem sequer vão ter a oportunidade de conhecê-lo, pois muita gente não tem coragem de entrar no local por conta da violência, da falta de segurança e da forma que as pessoas são violentadas pelos usuários de drogas. Os rituais diminuíram sua frequência; existe a queixa da falta de ervas que eram utilizadas e hoje não são mais encontradas, como também, o desrespeito aos espíritos dos antepassados. Muitas das atividades que lembram a minha infância eram realizadas lá, mas tem hora que não me lembro mais do Horto. Então essa ausência mexeu com a minha identidade. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁴

Atualmente o Horto Florestal do Cabula está situado entre os bairros da Mata Escura, Estrada das Barreiras, Cabula I, Arraial do Retiro, Calabetão, como demonstrado na Figura 7

³⁴ ROCHA, Denis Sena. **Entrevista I**. [fev. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador, 2015. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice E desta Dissertação.

e apresenta formações bem diferentes das visualizadas no mapa da Figura 6³⁵. Apesar da mudança, as representações comunitárias do passado permanecem no presente mantendo viva ancestralidade dos povos africanos e indígenas que habitaram a região:

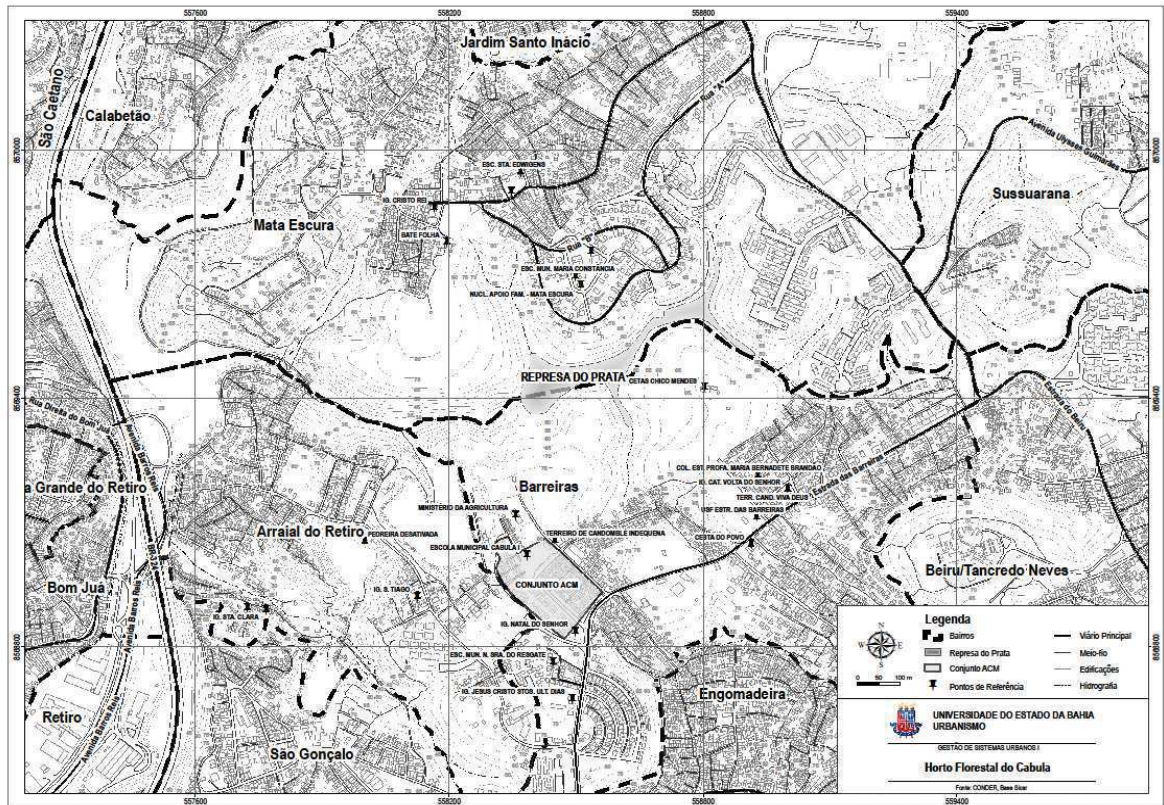


Figura 7 – Horto Florestal do Cabula, 2014.
Fonte - CONDER, Base Sicar.

O depoimento do arte educador e artista visual confirma as informações obtidas com outros moradores da comunidade, pois em bairros como Barreiras e Mata Escura o Horto Florestal é considerado um símbolo. Os terreiros utilizam suas fontes naturais para a realização de rituais e, conseqüentemente, essas práticas ajudam na preservação e conservação da flora local, além de favorecer a transmissão da cultura afro-brasileira bastante evidente na localidade devido aos descendentes de quilombos – negros e também indígenas. Tais práticas buscam assegurar desde a preservação da herança religiosa até o respeito aos mais velhos e ao meio ambiente. (SANTOS, 2010)

³⁵ Ver mapa na página 50.

Entretanto, a realização de rituais torna-se menos corriqueira devido aos malefícios que a ação antrópica tem causado aos recursos naturais que se localizam no Horto Florestal do Cabula. De acordo com José Paim (2016), Zelador de Santo do Terreiro *Nzo Bakisê Sasa Ganzuá Gongará Kayango*, já não se tem facilidade para encontrar ervas ou fazer rituais no local: “hoje você não pode entrar, tem que ir para longe [...], pois se você tirar uma folha tem que saber como tirar para ela voltar a crescer, não tirar a folha, você derrubar o pé e a folha não nascer mais”. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁶. O Zelador de Santo desabafa com muita tristeza sobre a situação atual do Horto Florestal do Cabula:

Não, o pessoal está lutando. Eu acho que não tem mais solução o Horto! Aquilo tudo não sei se nasce. Uma folha que era tão sagrada e tinha tanto ai no Horto era capião, será que nasce? Pois, ela era tão difícil de nascer! Hoje eu fico procurando pela BR e por outros lugares... ai no Horto tinha tanto! Tinha um pé de Candeia Branca era tão difícil de encontrar e no areal tinha um pé, mas da última vez que eu fui o pé estava quase morrendo. Será que ainda encontro? Então vai chegar uma época que você vai ensinar ao seu filho que conheceu um determinado tipo de animal, mas esse animal seu filho não conhecerá mais; o animal vai estar em extinção. Quando eu iniciei no Candomblé eu conheci a Candeia Branca, mas vai chegar uma época que a pessoa vai fazer santo e não vai encontrar Candeia Branca e vai ter que ir para outros locais, pois aquele santo precisa daquela folha... você vai ter que procurar. Então aqui no Horto tinha tudo. O Horto tinha muita folha, muita folha! Lá tinha uma raiz que quando a cobra lhe mordida, você pegava a raiz e mordida para conter o veneno. Aqui tinha um monte de tatu que quando a cobra mordida, ele procurava essa raiz para se salvar; hoje não tem mais, nem a folha, nem o tatu. Além de perder o contato a gente perde a alternativa, pois no interior não tinha médico e se a cobra mordida ou qualquer outra coisa tinha remédio da terra para curar, sempre. E hoje? A gente no Angola conserva isso. A gente vai no interior para buscar coisa para os fundamentos, mas não se encontra aqui mais, tem que ir para fora procurar. (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁷

No bairro da Mata Escura que, conforme Santos *et al* (2010), teve esse nome de origem, pois “era uma densa floresta que, à noite, junto com a pouca iluminação, gerava uma imensa escuridão no meio do verde” e “em sua mata fechada nenhum capitão do mato encontravam os negros que fugiam e faziam desse local um novo abrigo” - a abundância da vegetação existente se restringe à área do Terreiro Bate Folha, de nação angola, tombado como patrimônio histórico do Brasil pelo IPHAN e a área das represas. E mesmo com a proteção legal das duas áreas, as mesmas sempre se encontram ameaçadas por invasões e pelos usuários de drogas.

³⁶ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

³⁷ Idem.

Com todas as dificuldades enfrentadas para encontrar no Horto as ervas utilizadas nos rituais, os zeladores de santo saem em busca de outros lugares: “O terreiro fica aqui e você vai pegar em outro lugar. Ainda tem BR, Cia, Simões Filho, Cajazeira; tem uma represa linda em Boca da Mata onde você pode pegar água do rio... sair procurando lugar! Você vai se virando”.³⁸



Ilustração 6 – Em busca das folhas sagradas
Autor – Denissena, março 2016

A queixa mencionada por ROCHA (2015), pelo zelador de Santo PAIM (2016) e de tantos outros representantes das comunidades que envolvem o Horto Florestal do Cabula é recorrente e não se restringe apenas à vegetação. A depredação se estende a outros patrimônios existentes no Horto e a outros recursos naturais que são utilizados por eles nos rituais religiosos e que garantem a sobrevivência da religião afrodescendente; como, por exemplo, uma fonte que é utilizada pelo terreiro *Ibá Oji Tundê* e, também, pelos moradores do entorno do Conjunto ACM. (SANTOS, 2010)

De acordo com os moradores do bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, pelas dificuldades enfrentadas com a falta de saneamento básico no início dos anos 1980 e, também, pela abundância de água ofertada pelas bacias hidrográficas existentes na região, a maioria das residências que se localizavam no Conjunto ACM tinha uma fonte em seus

³⁸ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

quintais. Hoje, em 2016, não é possível usufruir de tal recurso devido à poluição e aterramentos feitos pelas construções realizadas: “tentamos restaurar uma fonte aqui no quintal e não deu. Restaurar a fonte para quê, se não tem como usufruir? Sem água que a sustente, é difícil!” (INFORMAÇÃO VERBAL)³⁹

Ainda assim, existem no Horto algumas áreas alagadiças e outros minadouros naturais que sobrevivem, demonstrando a vitalidade da água. Tais áreas necessitam de auxílio para sua preservação. Por exemplo, a Lagoa do Raimundão que é formada pelo acúmulo de água vinda da antiga pedreira da Mata Escura foi muito utilizada para consumo doméstico, lavagem de roupas, e, até então, é utilizada como área de lazer no bairro do Arraial do Retiro.

A área próxima à lagoa apresenta desgaste natural provocado pela erosão e pela presença de entulho gerado por construções irregulares na redondeza. Realidade que se diferencia da vivenciada nos anos 1980 pelos moradores que utilizavam a água existente na lagoa nas atividades domésticas. Tendo como exemplo, a representante da comunidade e aluna da EJA que morou em outros bairros do entorno, mas só teve contato com o Horto depois de adulta, salientou a utilidade da lagoa na época supracitada quando ela ia pegar água para consumo próprio: “Eu ia pegar água nas pedreiras, pois não tinha água em casa. Lavar roupa [...]” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴⁰. Ver o desgaste provocado pelo acúmulo de resíduos sólidos despejados na lagoa, ano 2014, na Foto 3:



Foto 3 – Desgaste provocado pelo acúmulo de resíduos sólidos.

Fonte – Arquivo Pessoal, novembro/2014.

³⁹ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

⁴⁰ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

Afora os fatores que colocam em risco a sustentabilidade ambiental do Horto Florestal do Cabula e colaboram para precarização da localidade: a falta de segurança, as precárias condições de moradia, saneamento básico, saúde, renda, educação, dentre outras características que identificam as pessoas que vivem à margem da sociedade contemporânea e que, constitui parte das famílias que compõe a invasão localizada dentro da Área de Preservação de Recursos Naturais.

2.4 Aspectos Sociais

De acordo com informações do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2010), no município de Salvador na Bahia, cujo IDH é de 0,743 – considerado alto para os padrões estabelecidos pelo Programa de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas (PNUD) no qual a plataforma de pesquisa é vinculada – a população da RM era de 3.573,973 pessoas, sendo que 783.003 dessas correspondem à jovens na faixa etária com menos de 15 anos de idade. Veja no Gráfico 1 a pirâmide com a faixa etária de idade correspondentes ao município de Salvador:

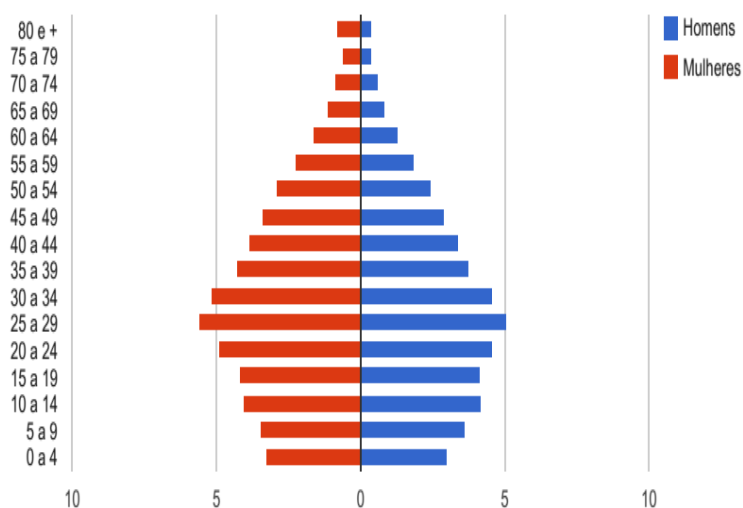


Gráfico 1: Pirâmide etária do município de Salvador. Distribuição por Sexo e grupos de idade.
Fonte: PNUD, Ipea, FJP , em: atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/salvador , acesso em: 23 jul. 2015.

Outros dados informados na Plataforma revelam que no ano de 2010, em Salvador, Bahia: 13,19% da população eram pobres ou 4,81% extremamente pobres; 32,9% das pessoas sobreviviam com menos de R\$ 682,80; 13,4% estavam desocupados e 16,6% inativos. Informações estas que compõem um quadro de vulnerabilidade social de 33,25%, ou seja, sobrevivem com menos de R\$ 255,00, correspondente à ½ salário mínimo. Veja Tabela 1:

	Homens	Mulheres
Trabalho e Renda		
% de vulneráveis à pobreza	50,49	33,25
% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal	37,16	24,99
Condição de Moradia		
% da população em domicílios com banheiro e água encanada	85,59	93,45
Crianças e Jovens		
	2000	2010
Mortalidade infantil	39,80	16,20
% de crianças de 0 a 5 anos fora da escola	65,97	51,71
% de crianças de 6 a 14 fora da escola	4,98	3,76
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e são vulneráveis, na população dessa faixa	14,52	12,60
% de mulheres de 10 a 17 anos que tiveram filhos	3,33	2,51
Taxa de atividade - 10 a 14 anos	6,81	6,07
Família		
% de mães chefes de família sem fundamental e com filho menor, no total de mães chefes de família	53,22	36,44
% de vulneráveis e dependentes de idosos	2,38	1,99
% de crianças com até 14 anos de idade que têm renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 70,00 mensais	15,49	8,47

Tabela 1: Vulnerabilidade Social em Salvador/Bahia.

Fonte: PNUD, Ipea, FJP , em: atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/salvador , acesso em: 23 jul. 2015.

Em relação à Educação a Plataforma informava que no ano de 2010 a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola era de 93,41%; a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 81,88% e a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 48,56%. Porém, ainda existem pessoas – 5,87% da população, com 25 anos ou mais - que são analfabetas; nesse grupo de idade, 64,85% tem o ensino fundamental completo. Veja Gráfico 2:

Escolaridade da população
de 25 anos ou mais - 2010

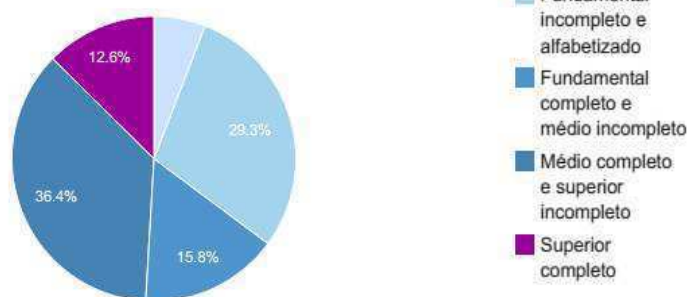


Gráfico 2: Escolaridade da população com 15 anos ou mais.

Fonte: PNUD, Ipea, FJP , em: atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/salvador. Acesso em: 23 jul. 2015.

Segundo o IBGE (2010), compreendendo os bairros de Beirú/Tancredo Neves, São Gonçalo, Engomadeira, Arraial do Retiro, Barreiras, Sussuarana, Mata Escura e Jardim Santo Inácio - existem 671 escolas, sendo 231 da rede de ensino municipal e 440 da estadual, com 12.101 alunos de ensino fundamental e 2026 do ensino médio que dividem entre si a realidade apresentada pelo PNUD (2010) como diagnóstico para o município de Salvador.

No bairro das Barreiras, onde está localizada a Escola Municipal Cabula I, na década de setenta quando o Condomínio ACM foi construído, existiam poucas casas, não tinha água encanada, luz elétrica e os moradores tinham que conviver com cobras e outros animais por conta do Horto. De acordo com Santos *et al* (2010), o bairro possui uma população de 18.305 habitantes; 21,30% dos chefes de família ganham na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos e 29,40% deles possuem de 11 a 14 anos de estudos.

Em se tratando da clientela da Escola Municipal Cabula I, de acordo com informações da atual gestão, em sua maioria é composta por pessoas que estão em vulnerabilidade social: são trabalhadores assalariados ou informais, como catadores de sucatas, diaristas ou ambulantes que levam as crianças para ajudá-los no serviço; outra parte são crianças que ficam sozinhas em casa, sem orientação de adulto; e também, pessoas que não concluíram o ensino na idade certa.

A pesquisa realizada com os alunos do 5º ano da Escola Cabula I dos turnos matutino e vespertino demonstra que apesar da urbanização realizada e da implantação dos condomínios residenciais no bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, no ano de 2016, a

realidade de muitos deles coincide com a apresentada na época em que o Condomínio ACM foi construído, 1974.

Conforme especificado no quadro 2, apesar de 100% dos alunos afirmarem que existe coleta regular de lixo próximo as suas residências, 20% dos alunos do turno da manhã dizem que queimam ou jogam o lixo em rios e lagos; 90% fazem coleta seletiva – a família utiliza esta prática como uma fonte de recursos; 40% não têm esgotamento sanitário e 30% têm fornecimento de água de poço ou nascente. Já no turno da tarde, 100% jogam o lixo em contêiner; 100% afirmam não fazer coleta seletiva; 20% não têm esgotamento sanitário e 80% têm fornecimento de água através de rede de abastecimento.

QUESTÕES	TURNO	
	MANHÃ	TARDE
Onde você mora existe coleta regular de lixo?	100%	100%
Caso não exista coleta regular, o que é feito com o lixo produzido?	Contêiner - 80% Queimado- 10% Joga rio/ lago - 10%	Contêiner - 100%
Alguém em sua residência faz coleta seletiva?	90%	0%
Onde você mora existe esgotamento sanitário?	60%	80%
Como é feito o abastecimento de água em sua residência?	Rede - 40% Poço / Nascente - 30% Não Sabe - 30%	Rede - 80% Não Sabe - 20%
Alguém em sua residência faz reaproveitamento de água?	80%	90%
Em caso positivo, como é feito esse reaproveitamento?	Reaproveita água da lavagem de roupa - 70%	Reaproveita água da Lavagem de roupa - 80% Água da chuva - 10%
Além das práticas já citadas, você ou alguém de sua família fazem alguma ação que ajude a preservar a natureza?	Cuidado com o lixo - 20% Não acham que ajuda - 80%	Plantando hortas / flores / ervas - 100%

Quadro 2: Caracterização dos alunos do 5º ano, turnos matutino e vespertino.

Fonte: Resultado do questionário aplicado, dezembro 2015.

O público da pesquisa é composto por crianças de 10 a 13 anos de idade que veem seus pais e/ou responsáveis⁴¹ usufruir de formas alternativas de utilização de recursos naturais para

⁴¹ Algumas crianças não convivem com os seus pais; vivem com avós, tios e outros parentes.

minimizar os gastos e facilitar os trabalhos domésticos. Em média 80% dos alunos reaproveitam água da lavagem de roupas e também usam a água da chuva. No entanto, nem sempre o reaproveitamento é praticado pela consciência ambiental, mas sim pelas dificuldades enfrentadas por esses moradores no seu dia-a-dia.

Diante desta constatação, 80% dos alunos do turno da manhã não acham que ajudam o meio ambiente e apenas 20% possuem práticas para descarte consciente do lixo; 100% dos alunos do turno vespertino fazem o plantio de hortaliças, frutas, ervas e flores como forma de auxílio à natureza e para consumo doméstico.

Fora que, durante o estudo realizado por esta pesquisa, verificou-se que parte dos alunos que constituem o público da Escola Municipal Cabula I recorrem à alimentação distribuída pela instituição, evidenciando assim, a dificuldade que possuem para nutrir-se. Também relatam que suas famílias recorreram, como citado anteriormente, a hábitos praticados por seus ancestrais, como por exemplo, a criação de animais, pesca e agricultura familiar para suprir suas necessidades de subsistência. Muitas vezes, a carência vivenciada pelos alunos no seio familiar os faz desviar de ações socioambientais, especialmente àqueles que residem na invasão do Horto Florestal, próxima ao galpão do MAPA.

Tendo em vista a realidade apresentada, percebe-se que a escola mesmo que deseje possuir em seu currículo atividades ligadas à educação ambiental e que - segundo as diretrizes pedagógicas do município de Salvador-Bahia, realizem um “projeto solidário para as gerações futuras”, as mesmas precisam buscar formas de interação com os moradores do seu entorno para que sejam desenvolvidas tecnologias sociais⁴² que amenizem os impactos provenientes da ocupação descontrolada no local.

Nesse sentido, torna-se necessário que a Educação Ambiental seja trabalhada na escola de modo a integrar saberes e práticas da comunidade, aproveitando a ancestralidade oriunda dos povos Bantos e dos quilombos que existiram na localidade e que deixaram um considerado legado cultural, contribuindo para que a Escola Municipal Cabula I se aproprie dos conhecimentos e da participação comunitária para se fortalecer como instituição pública e

⁴² De acordo com o ITS Brasil (2016), Tecnologia Social é um “conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida”.

assim possa buscar o desenvolvimento da aprendizagem com seus alunos, professores, parceiros e colaboradores baseando-se em uma Educação que, “desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação”. (FREIRE, 1967, p. 43)

Acrescento ainda ao debate em torno da educação ambiental as inferências extraídas em Freire (1967) com relação à integração do homem no seu contexto. O referido autor advoga a necessidade de fazer o sujeito participar de ações que busquem a interação com a sua realidade, não estando apenas nela, mas com ela, pois, sem esses estímulos ele está fadado a “destemporaizar-se”, acomodar-se e ajustar-se a uma realidade sem compreendê-la:

A integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já não são suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra. Acomoda-se. Ajusta-se. O homem integrado é o homem Sujeito. A adaptação é assim um conceito passivo — a integração ou comunhão, ativo. Este aspecto passivo se revela no fato de que não seria o homem capaz de alterar a realidade, pelo contrário, altera-se a si para adaptar-se. A adaptação daria margem apenas a uma débil ação defensiva. Para defender-se, o máximo que faz é adaptar-se. Daí que a homens indóceis, com ânimo revolucionário, se chame de subversivos. De inadaptados. (FREIRE, 1967, p. 41-42)

Sendo assim, o planejamento de ações promovidas por instituições educacionais deve, antes de tudo, corroborar com a relação entre ela e a comunidade para que ambas, se reconheçam como parte uma da outra e neste reconhecimento se estabeleçam diálogos e soluções para problemas comuns. Veja o comentário da representante da comunidade e aluna da EJA que repisa o que foi dito por Freire:

A escola precisa de gente. Só a escola, só os professores, só as pessoas... A escola só não funciona. Tem que interagir, interagir: escola x comunidade. E isso acontece. Não estou dizendo que não acontece, mas estou dizendo que tem que ser mais e mais. A escola não pode ficar isolada! A diretora, a supervisora, os professores e só os alunos, não. Tem que ter a interação! (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴³

Deste modo, buscar-se-á nos próximos capítulos verificar como está a interação e o engajamento da escola com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, procurando discorrer sobre a trajetória desse relacionamento desde a sua fundação até os dias atuais.

⁴³ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II**. [dez. 2015]. Elaborado por: Débora Ribeiro Chaves. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice B desta dissertação.



Ilustração 7 – Escola Municipal Cabula I
Autor – Denissena, março 2016.

3 ESCOLA MUNICIPAL CABULA I

3.1 Caracterização da Escola.

A Escola Municipal Cabula I está localizada na Rua Manoel Clemente Ferreira, s/n, Conjunto Antônio Carlos Magalhães, no bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras. Situada bem no centro da praça do bairro, é um conhecido ponto de encontro, confraternizações e outros eventos. A história coincide com o surgimento da localidade, considerando que a fundação da escola ocorreu no ano de 1974 juntamente com o citado conjunto residencial, construído pela Prefeitura de Salvador para atender as famílias de militares do corpo de bombeiros e outros funcionários públicos.

Porém, conforme apresentado no tópico referente aos aspectos sociais da localidade ⁴⁴, houve uma mudança no perfil da comunidade localizada no entorno da escola. O público da instituição passou a ser constituído, em sua maioria, por pessoas em situação de risco social, ou seja, marginalizados em termos de educação, saúde, moradia, trabalho e outros direitos fundamentais.

De acordo com o Índice de Educação Básica (IDEB), no ano de 2013, entre 100 alunos matriculados na Escola Municipal Cabula I, 10 alunos não foram aprovados por deficiência em português e matemática. Estes mesmos alunos atingiram uma nota padronizada entre as disciplinas, de 4,86 na Prova Brasil (avaliação utilizada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP-MEC) para avaliar a qualidade do ensino no Brasil).

⁴⁴ Página 66.

Segundo o Instituto (2015) os testes são aplicados na quarta e na oitava série ou no 5º e 9º ano do ensino fundamental, possuem questões de língua portuguesa que focalizam a leitura e de matemática a resolução de problemas. Dentre os alunos que participaram da avaliação, correspondente a um percentual de 92 crianças, 38 %, apresentou um decréscimo de desempenho em relação à última avaliação no ano de 2011: de 35 % para 29 %.

Os resultados dos testes em 2013 indicaram que a maior parte dos alunos do 5º ano da Escola Cabula I, 31,9 %, possuíam o nível de proficiência 1 em língua portuguesa – correspondente ao menor desempenho – ou seja, elas tinham dificuldade em questões que exigiam “localizar informações explícitas nos textos; identificar o assunto principal e a personagem principal em reportagens e em fábulas; reconhecer a finalidade de receitas, manuais e regulamentos”, dentre outros. (INEP-MEC, 2015) Observe no Gráfico 3:

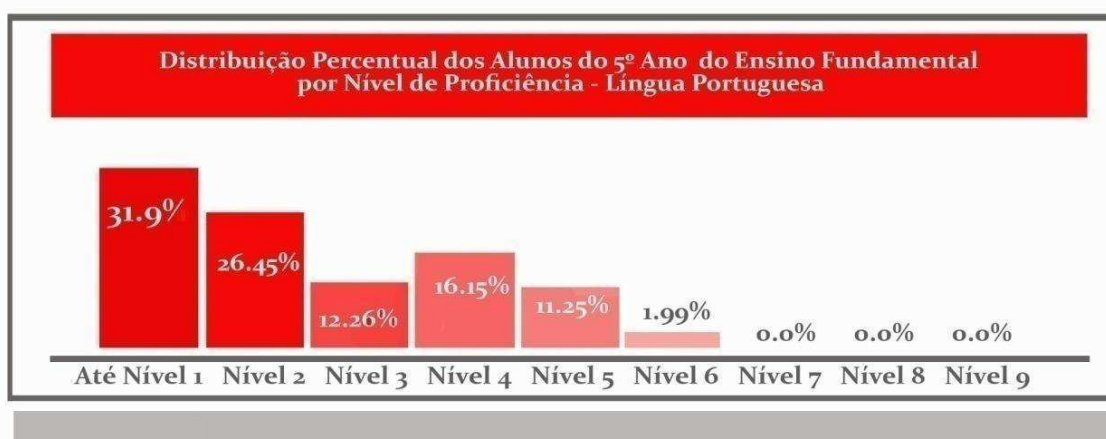


Gráfico 3 - Nível de proficiência em língua portuguesa.

Fonte: site QEduc, visualizado em maio, 2015; adaptado por Denissena.

Os testes realizados com a disciplina de matemática indicaram um rendimento melhor para a maioria dos alunos, 31,17 %, possuindo um nível de proficiência 4 – nível considerado intermediário. Nesse nível, os alunos são capazes de resolver questões que envolvam espaço e forma; grandezas e medidas; números e operações; dentre outras.

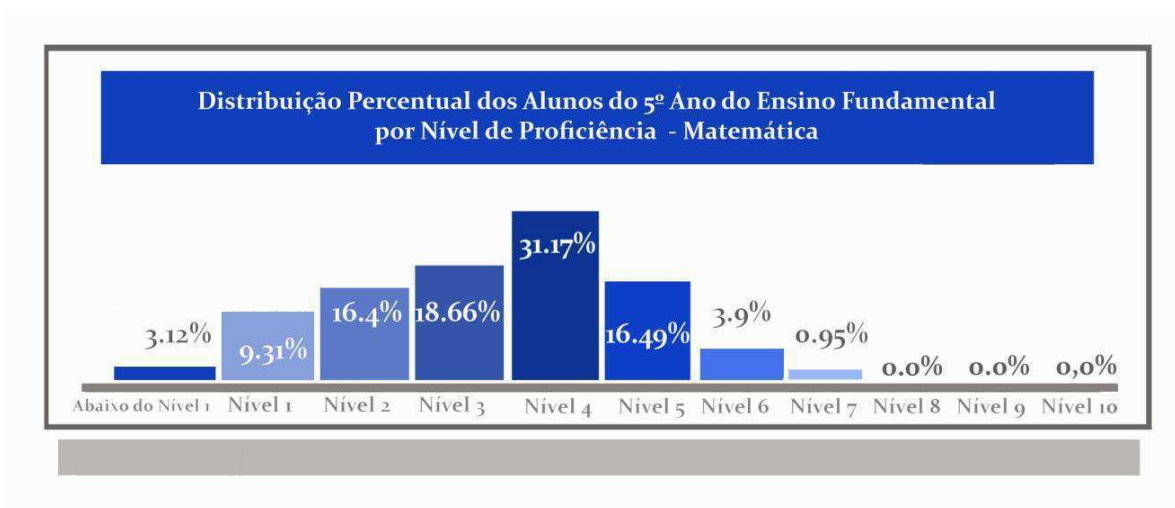


Gráfico 4 - Nível de proficiência em Matemática.

Fonte: site QEduc, visualizado em maio, 2015; adaptado por Denissena.

A avaliação também estabelece indicadores de nível socioeconômico e de adequação de formação docente para a realidade apresentada na comunidade em que a escola está inserida, levando em consideração a escolaridade dos pais e a situação financeira das famílias dos alunos.

Em relação ao indicador de nível socioeconômico, os mesmos são divididos em sete grupos, do nível 1 ao 7. Esse indicador ajuda a identificar o público atendido pela escola em seu estrato social, apontando o padrão de vida referente a cada um deles. A Escola Cabula I está caracterizada no nível 3, ou seja, seus alunos indicaram que em sua casa tem bens elementares, como uma televisão, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos e um banheiro; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador com acesso à internet; a renda familiar mensal entre 1 (um) e 1,5 (um e meio) salários mínimos; pais, mães ou responsáveis possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino. (BRASIL, 2016)

Considerando os dados apresentados pelo indicador socioeconômico característico à escola, verifica-se que embora as famílias dos alunos apresentem dados relacionados à vulnerabilidade social, também indicam um padrão para o consumo de bens e de produtos tecnológicos. Esta informação é reveladora de um problema da contemporaneidade, pois fica perceptível que o consumo na sociedade não é incentivado apenas nas classes mais ricas.

Os dados desta pesquisa revelam que até as classes sociais menos abastadas estão presas nas garras do consumo desenfreado. Tal comportamento é certamente fruto de um sistema de

dominação que cria desejos, muitas vezes desnecessários, valorizando as pessoas pelo que possuem, e levando-as a consumirem cada vez mais a fim de se sentirem integradas na sociedade. (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, p. 24, 1848)

Quanto ao indicador de adequação para a formação docente é estabelecido um padrão mínimo para os professores que ensinam os anos iniciais. O parâmetro é que o professor seja formado em Licenciatura, em Pedagogia ou bacharelado com complementação pedagógica. Neste caso, a escola atendia a exigência, pois dos 15 professores que compuseram o quadro de funcionários, treze deles (as) possuíam graduação em pedagogia, um (a) pós-graduação na área de educação e um (a) deles possuía graduação no curso normal superior. Este fato, de acordo com o Projeto Político Pedagógico era considerado como o “ponto forte da escola”.

A periodicidade da aplicação da Prova Brasil é bianual. Desta forma, em 2015, os alunos e professores do 5º ano da Escola Municipal Cabula I, e também, a diretora, tiveram que fazer a avaliação que ocorreu em meados de novembro. Apesar dos resultados ainda não serem divulgados, os alunos continuavam demonstrando dificuldades na interpretação de textos e na resolução de questões matemáticas. Já os currículos dos profissionais continuavam com habilidades satisfatórias ao exercício profissional e o PPP da escola encontrava-se em reformulação.

Ademais, totalizando 27 funcionários, incluindo os professores, a necessidade mais lembrada nas reuniões e diálogos obtidos dentro da unidade escolar é a inclusão de atividades que favoreçam a relação interpessoal entre os públicos internos e externos à escola, e também, as dificuldades encontradas no ensino aprendizagem dos alunos com deficiências especiais.

A escola funciona com 6 salas de aula, em três turnos de trabalho; conta com três banheiros sendo um masculino, outro feminino, e um terceiro banheiro para funcionários; uma secretária, uma diretoria, uma cozinha e uma sala de professores. A estrutura da escola não garante acessibilidade aos portadores de deficiência; possui equipamentos eletrônicos como televisão, aparelho DVD, copiadora e impressora (uma unidade cada, tendo a sua utilização revezada entre os usuários); três computadores com acesso a internet para uso administrativo (os alunos não possuem acesso aos mesmos); a alimentação é fornecida aos alunos diariamente e o saneamento básico é regular, com abastecimento de água, energia e destinação para lixo e esgoto; não existe biblioteca, laboratórios de informática ou de ciências, quadra de esportes ou qualquer outra sala para atendimento especial.

3.2 Projeto Político Pedagógico

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Artigo 1º, informa que a educação “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, além disso, no Artigo 2º da mesma Lei, a Educação é instituída como dever da Família e do Estado, tendo como princípios e fins a liberdade e os ideais de solidariedade humana, assim como o desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Desta forma, considera-se que um projeto político pedagógico, além de inserir a participação da comunidade na elaboração da sua proposta, deve contemplar as características socioambientais da comunidade onde a escola está inserida, buscando, além da articulação entre a escola e seus membros, a integração entre outros setores da sociedade, como órgãos públicos, universidades, ONG e demais que possam auxiliá-la na resolução de questões e no alcance dos objetivos propostos.

Essa proposta mesmo que discutida na instituição que sedia este estudo como forma aparentemente comum, torna-se pouco realizada no dia-a-dia escolar, pois a maioria dos professores que fazem parte do quadro de funcionários da escola não reside no bairro ou no seu entorno. Para alguns moradores, colaboradores e antigos gestores, este fator dificulta a elaboração e abrangência das metas a serem alcançadas, pois se considera que para existir um estreitamento seria necessário vivenciar o contexto sociocultural da comunidade:

A questão é a consideração, o respeito... Quanto mais próximo, às vezes, as pessoas se sentem mais a vontade para dizer o que quer; o que pensam. Mas, de qualquer forma, sempre houve respeito ao trabalho que é muito autêntico na escola, muito ligado as necessidades da própria escola. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴⁵

Por outro lado, Eugênia Reis, que segundo relatos de pessoas da comunidade e de funcionários da escola foi a gestora que mais trabalhou a questão do meio ambiente e a relação da escola com o seu entorno, tem um posicionamento contrário. A docente insiste que o fato de morar na comunidade não determina que suas ações se ajustem ao meio em que as desenvolvem:

⁴⁵ SILVA, Clemilda Santana da. **Entrevista V**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Arquivo mp3 (120 min.). Roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice D desta Dissertação.

O fundamental é a postura que você como gestor assume perante a comunidade que você representa. Dirigir uma escola municipal sugere em minha opinião envolver-se na melhoria da educação dessa comunidade através da inserção de todos os seus pares ou pelo menos tente fazê-lo. A escola não é uma ilha. A escola precisa sempre estabelecer pontes para que sejam gerados e socializados conhecimentos, saberes, cultura que influenciem na vida das comunidades escolar e local. Eu não morava na comunidade e eu consegui me aproximar da comunidade. Teve diretoras antes de mim que eram da comunidade e a escola estava afastada, segundo os próprios moradores quando vieram falar comigo. Então o que fez quebrar foi a postura do gestor. Eu acho que a escola é a cara do gestor. Essa pessoa do gestor é quem modifica, transforma e colabora para identidade e união de escola e comunidade. (Informação verbal).⁴⁶

A posição da atual gestão da escola, representada pela professora Alinne Santana, se ajusta com a opinião da professora Eugênia Reis quando a mesma se refere à gestão escolar. Para a diretora (indicada para o cargo por suas colegas de trabalho por considerarem que ela continuaria o trabalho de parceria com a comunidade local) quando se assume um lugar, a pessoa coloca a sua cara neste lugar “a gente pega as coisas boas, anteriores, que foram feitas e a gente assume e agrega. Faz crescer esse movimento, movimento muito ascendente”. (Informação verbal)⁴⁷

Antônio Jorge Nascimento, líder comunitário, parceiro da Escola Municipal Cabula I e que também estudou na instituição a partir de 1974 quando sua família veio morar no Conjunto ACM, acredita que quando o gestor mora na comunidade ou tem algum envolvimento com ela simplifica muita coisa. Argumenta que o gestor que mora na comunidade conhece melhor sua realidade o que auxilia a tomar decisões mais ajustadas ao contexto. Pois ele tem conhecimento de causa e essa facilidade lhe auxilia nas decisões:

Na realidade escola de centro pode ter qualquer gestão, quero dizer não precisa residir no centro, mas em comunidade se tem um gestor que resida na comunidade ou tenha absoluto envolvimento com a mesma a coisa é diferente, porque o gestor também pensaria como comunidade, mas se não há envolvimento não há cumplicidade, vai ter muito faz de conta. A maior e melhor experiência de trabalho realizado entre escola e comunidade foi realizado por uma gestora que residia na comunidade. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴⁸

Por outro lado, além da aproximação necessária ao envolvimento da escola com a comunidade, torna-se necessário que os professores se comprometam com o Projeto Político

⁴⁶ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

⁴⁷ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

⁴⁸ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

Pedagógico da instituição e que se empenhem no desenvolvimento de possibilidades que adequem a aprendizagem à realidade de seus alunos.

Carneiro *et al.* (2015) contribui para essa discussão argumentando que a falta de preparo dos professores para atuar como mediadores do aprendizado prejudicam a construção de conhecimentos escolares – aqui considerado como transposição didática do conhecimento formal. Ou seja, os professores são responsáveis pela interação dos alunos com os objetos de conhecimento e precisam criar alternativas para que este aprendizado se efetive no seu dia-a-dia:

Estudos realizados recentemente no Brasil sobre o cotidiano da sala de aula mostram, além da própria pobreza material e física das salas, o predomínio de práticas educativas rotineiras, repetitivas, centradas no professor que utilizam a escrita pelo aluno (deveres de casa, cópia, exercícios escritos no caderno etc.) mais como um mecanismo de controle da disciplina do que como instrumento de efetiva aprendizagem. A própria organização da sala de aula, com a disposição das carteiras escolares em fileiras, revela a opção metodológica predominante entre os professores. A ausência de material didático rico e diversificado e a falta de conhecimento aprofundado dos conteúdos que ensina levam o professor, na maioria das vezes, a recorrer a práticas tradicionais e a banalizar a importância das atividades e das rotinas escolares. (CARNEIRO *et al.*, 2015, p.29).

A informação trazida pelo autor reforça a opinião da representante da comunidade e aluna da EJA na Escola. De acordo com ela, as aulas ministradas pelos professores da escola precisam se modernizar, pois existe muita escrita e isso tem causado insatisfação por parte dos alunos que já chegam à escola cansados “Olhe pró tem umas professoras aqui que deixa a desejar. Não há incentivo.” Para a aluna, a comunidade precisa participar das atividades promovidas pela escola para dar uma “força”, pois considera que elas estão decadentes. “Os próprios alunos que vem se matricula e não fica na escola. E chega no final do ano, tem quantos alunos?” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁴⁹

Também em depoimento, a aluna que para esta pesquisa também é considerada uma representante da comunidade do entorno, disse que ao ser incentivada pela gestão da escola a cobrar ações diferentes e mais ativas dos professores chegou a sofrer atos de desprezo de uma professora, comunicou o fato à gestão, mas nada pode ser feito. Ela informou que não desistiu de cursar a EJA, mas solicitou a direção trocá-la de turma para evitar os constrangimentos.

⁴⁹Questionário respondido pela Aluna C/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista IV**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

Além dessas, algumas atitudes relacionadas aos professores repercutiram negativamente e muitos alunos deixaram de frequentar a escola. No início do ano de 2016 o prefeito da capital baiana, Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto, decidiu fechar turmas de EJA por considerar que alguns alunos se matriculavam para ganhar o cartão de meia passagem no transporte público e depois evadiam da escola. A Escola Municipal Cabula I correu o risco de não funcionar no turno noturno e não oferecer turmas de EJA, mas a equipe gestora conseguiu reverter à situação prometendo um maior empenho na criação de atividades diferenciadas, além de incluir na grade curricular cursos para complementação de renda e formação profissional. Sobre este ocorrido a ex-diretora Eugênia Reis, que também foi professora da EJA, deu sua opinião:

Porque os alunos do noturno são alunos diferenciados. São pessoas que a maioria não tem letramento, não sabem matemática, a maioria é analfabeta funcional e eles continuam na escola sendo analfabetos funcionais. E vão para escola depois de uma jornada de trabalho cansativa, na maioria das vezes braçal. O que demanda um planejamento de aula que culmine numa aula atrativa e motivadora. Que faça diferença na vida deles. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵⁰

Oportunamente, Carneiro *et al.* (2015, p. 4) nos informa que “o projeto político-pedagógico é a expressão da cultura da escola com sua (re)criação e desenvolvimento, pois expressa a cultura da escola, impregnada de crenças, valores, significados, modos de pensar e agir das pessoas que participaram da sua elaboração”. Porém, como agir se a comunidade escolar não busca interagir com a comunidade do entorno ou seus professores não se sentem comprometidos com a proposta pedagógica da escola? Sobre essa questão a professora Eugênia Reis (2016) acredita que cada um pode encontrar o caminho de acordo com as suas convicções e entendimentos, para ela é necessário compreender que o papel do professor é essencialmente político:

Eu acho assim, o trabalho do professor é um trabalho político! Eu acho que é o trabalho mais político que tem. E as pessoas ficam por ingenuidade ou por maldade achando que ser político é uma coisa horrível e que o trabalho não é político. Não é político partidário é um trabalho político pedagógico. Você tem que fazer na escola um trabalho que influencie na comunidade. Que a comunidade diga: poxa essa escola me representa... E a gente também representa a escola. É uma troca. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵¹

⁵⁰ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

⁵¹ Idem.

O Projeto Político Pedagógico da escola ainda está sendo reformulado. Contudo, mesmo que tenha a sua proposta baseada em premissas da Lei nº 10.639/03, que discorre sobre obrigatoriedade da inclusão nos currículos escolares das discussões sobre História e Cultura Afro-Brasileira, poucas práticas de interação entre a escola e a comunidade têm sido efetivadas. Um dos motivos que dificultam a troca de conhecimentos está ligado à religiosidade, pois a maior parte dos descendentes de povos africanos, especialmente os de origem banta, cultua o Candomblé e, ainda hoje, existe discriminação com relação às pessoas que vivenciam a religião.

Este fato tem prejudicado o planejamento de atividades na escola, uma vez que a historicidade da área, com fortes traços da cultura africana e indígena, torna a realização de atividades educativas voltadas para a valorização da cultura negra e seus costumes bem pertinentes, visto que essas atividades ajudam os alunos a identificar-se com a sua cultura ancestral, valorizar suas origens, e conseqüentemente, aumentar a autoestima, empoderando-se socialmente.

Citam-se como exemplo, duas atividades que foram promovidas pelo setor educativo de um dos parceiros da escola no ano de 2015, a Caixa Cultural. As atividades consistiram em uma peça teatral “O Vaqueiro e o Bicho Froxo” que foi o primeiro espetáculo da companhia de teatro Pia Fraus, encenado desde 1984; e o Folclore Digital, exposição multissensorial da dupla VJ Suave, composta por Cecília Soloaga e Ygor Marotta. Ambos abordam o folclore brasileiro.

Na peça foram apresentados, através de bonecos e marionetes, personagens do universo místico brasileiro como Papa-Figo, Janaína Mãe D’Água e Miquelina do Jequitinhonha; e no Folclore Digital, a atividade combinava a animação de personagens como Sucupira, Bumba meu boi, Iemanjá, e também a Janaína Mãe D’Água, a outros recursos como grafite digital, poesia, luzes que brilhavam por toda parte e músicas representadas por tambores africanos, cantos indígenas e sons do ambiente natural. Em nenhum momento das apresentações foi citada a ligação desses personagens a qualquer religião, mas foi notado um desconforto tanto por parte dos professores como em alguns alunos que acompanharam as atividades.

Durante a atividade do Folclore Digital, um dos instrutores chegou a comentar: “quanta felicidade nos rostos dessas crianças!”. Contudo, o mesmo instrutor mencionou a dificuldade que a exposição estava encontrando pela associação do folclore à religiosidade; pela questão

comercial onde a televisão associa a Iara à boneca Barbie; e o saci Pererê como referência do sítio do Pica Pau Amarelo.

O preconceito religioso é um dos assuntos que são levados à tona quando os alunos falam em discriminação. Um dos alunos do 5º ano do ensino fundamental relatou o ocorrido durante uma divergência entre colegas de classe: “um menino brigou com o outro ai eles começaram a chinga o outro, ai o menino falou você é um macumbeiro ai o menino ficou muito triste!”⁵²

Entretanto, situações como a que fora destacada pela aluna durante a divergência entre os colegas não acontece apenas durante o turno diurno. Em conversa informal, Nascimento (2015) relatou que em certa ocasião um dos alunos da EJA mostrou-se inconformado e triste, pois ao se sentar no refeitório da escola usando as “contas” utilizadas nos rituais do candomblé, religião que frequentava desde criança, ao ser percebido por seus colegas, todos eles levantaram-se, deixando-o sozinho e saíram pronunciando: “tá repreendido”! De acordo com o informante o episódio fez com que o aluno desistisse de frequentar as aulas, pois embora ele fizesse questão de afirmar a sua religião, a ausência do apoio da escola em situações como essas o desencorajou.

Em sua entrevista Antônio Jorge (2016) relatou que ouviu alguns dos comentários feitos após a atividade da Caixa Cultural e desabafou: “um professor pode ter a religião que quiser; acreditar em qualquer coisa ou coisa alguma, mas não deve impedir que os pequenos cidadãos tenham conhecimento de suas origens porque nela terá, por exemplo, o Candomblé”. Ele lembra que muitas histórias do bairro foram resgatadas pela religião e que o preconceito impede que as pessoas se mantenham informadas sobre costumes praticados pelos antepassados que poderiam ser uteis nos dias atuais. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵³

Além disso, o Candomblé, especialmente o de origem Angola, desperta em seus seguidores algumas práticas que são benéficas ao convívio comunitário. Algumas delas são citadas por Paim (2016), zelador de santo do terreiro *Nzo Bakisê Sasa Ganzuá Gongará Kayango*: “a questão da benção. Do respeito aos mais velhos. Pois, tem que ter educação

⁵² Será mantido sigilo das identidades dos alunos, a fim de atender as exigências do Conselho de Ética.

⁵³ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

doméstica, se você não respeita seu pai e mãe vai respeitar quem? O candomblé é outra família que você cria”. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵⁴

Professora Eugênia Reis (2016), ao ser perguntada como a sua gestão trabalhava a questão da descendência de negros e índios na escola, diz que quando Olivia Santana⁵⁵ iniciou seus trabalhos de combate à intolerância religiosa ajudando a instituir a Lei de combate à intolerância religiosa e, conseqüentemente, a Lei de inclusão do ensino da história e cultura dos afrodescendentes no município de Salvador, fortaleceu o entendimento da importância de se desenvolver ações na escola de promoção da igualdade racial, pois, segundo a ex-gestora, essas questões se resumiam à um desfile da beleza negra no dia 20 de novembro de cada ano.

Depois disso, professora Eugênia Reis (2016) relata que sentiu o desejo de pesquisar a história do Cabula e fez um projeto denominado “Escola cadê sua história?”. O Projeto fazia parte da orientação fornecida pela Secretaria Municipal de Educação para o ano de 2005, onde cada escola necessitaria iniciar um programa efetivo para conhecer a identidade da escola dentro das comunidades. Eugênia concluiu que a partir das políticas de afirmação e resistência negra a temática começou a ser discutida pelos professores, mas que ainda encontra resistência devido “ao ranço do racismo velado ou institucionalizado”:

Cada um do seu jeito faz ou fazia sua parte, mas sabemos que nem todos os que são racistas, se assumem como tal. Em novembro de 2015, por exemplo, a pessoa que organizou o desfile da beleza negra na escola chegou à minha sala conversou com os alunos e convidou a levantar a mão quem gostaria de participar do desfile. E para minha total surpresa, pois não quis crer no que via e ouvia, a pessoa mandava os meninos pardos, os de pele morena clara abaixar as mãos, você não... você não... e passou a apontar os “bem pretinhos”, segundo ela. Eu falei com ela que não era assim que ela teria que estudar. Ela disse que o desfile era para negros mesmo. (Informação Verbal)⁵⁶

O ocorrido foi comunicado à coordenação pedagógica da escola que, segundo Eugênia Reis (2016), mostrou-se indignada e prometeu conversar com a pessoa posteriormente, mas a situação resultou em alguns inconvenientes que demandaram um tempo para serem resolvidos:

⁵⁴ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

⁵⁵ Maria Olivia Santana foi Secretária de Educação e Cultura, no município de Salvador, ano de 2005; Política, Educadora e Militante do Movimento de Mulheres Negras Brasileiras, também criou a Medalha Zumbi dos Palmares, que reconhece os defensores da igualdade racial; em 2016, atua como Secretária de Políticas para as Mulheres, no Estado da Bahia.

⁵⁶ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

Os apontados ficaram com vergonha e não desfilaram e os que desejavam desfilar ficaram confusos. Teve um caso de um aluno que chorou em casa e a mãe veio me procurar para saber quem disse que ele não poderia desfilar porque disseram a ele que ele não era tão negro para desfilar. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁵⁷

As professoras do 5º ano acharam importante abordar a cultura negra no currículo escolar, pois consideraram que elas fazem parte da identidade do povo brasileiro: “Só valorizamos o que conhecemos. Portanto nossas crianças precisam conhecer pra validar cada fato histórico as lutas dos nossos ancestrais por melhor qualidade de vida, inserção social, respeito e valorização como ser humano”. (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁵⁸

Entretanto as duas docentes desconhecem que na localidade do bairro da Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras possuem terreiros de candomblé que promovem ações ligadas à cultura afro descendente como danças, cursos de bordados, penteados e outros que abordam temas que falam desde o respeito ao meio ambiente quanto ao relacionamento com pessoas de maior idade, dentre outros que coincidem com a proposta pedagógica da escola.

Em relação à questão de discriminação, nos questionários aplicados entre os alunos do 5º ano, sem considerar a separação de salas, dos que responderam a pesquisa, 65% dos alunos disseram que já notaram algum tipo de preconceito na escola, 20% disseram não notar nenhum tipo de preconceito, 15% disseram não saber.

Aqueles que afirmaram sofrer algum tipo de preconceito consideraram que ser chamado de “preto” e ou “negro” era um xingamento e um dos alunos que respondeu o questionário mostrou-se constrangido em responder a questão: “os meus colegas me chama para brincar depois teve uma briga e ele me chamou de preta”, disse outra aluna.⁵⁹

Sobre estas questões, as professoras do 5º ano disseram que desenvolviam atividades educativas que favorecem a resolução de conflitos e o enfrentamento de questões de discriminação racial, religiosa e gênero/sexualidade que repercutiam em situações parecidas. Afirmaram que os conflitos são identificados em sala de aula e dissolvidos com diálogos em forma de debate, audição de músicas, exibição de filmes.

⁵⁷ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

⁵⁸ JESUS, Ana Lúcia de. **Entrevista VIII**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

⁵⁹ Será mantido sigilo das identidades dos alunos, afim de atender as exigências do Conselho de Ética.

Entretanto, ao presenciar algum tipo preconceito entre seus alunos, as professoras demonstraram um posicionamento diferenciado em relação à resolução do conflito. A professora do turno matutino, ao identificar o preconceito racial, levou o ocorrido à direção da escola e trabalhou com a turma sobre respeito ao próximo, evolução humana, estrutura corporal, origem do povo brasileiro e biologia:

Um aluno chamou o colega de “pretinho fedeno”. Chamei a atenção na hora, o curioso, é que o aluno que fez essa ação preconceituosa era negro. Claro que intervir, foi chamado na direção, e falamos que somos iguais, e que devemos acima de tudo respeitar o próximo. Na aula seguinte, que seria de ciências, trabalhei com um vídeo mostrando a evolução humana, onde mostra que viemos da mesma espécie e somos iguais no que se refere estrutura do corpo, cérebro, enfim, que ser preconceituoso é ter preconceito de si mesmo. E em história, falei sobre a origem do povo brasileiro. Bem ao menos eles ficaram sabendo que somos todos iguais biologicamente falando. Isso abriu mais as mentes dos meus alunos. (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁶⁰

Já a professora do 5º ano vespertino relatou que ao verificar a discriminação racial comunicou à direção para a abertura de uma ocorrência interna onde o fato pode ser resolvido com ajuda de outras partes:

A direção por meio do registro do professor chamou os envolvidos pra conversar, foi feita ocorrência interna, chamou os pais e por últimos a gestão mais a agente de educação enviada pela SMED produziu um vídeo sobre todo tipo de preconceito, articulado com as atitudes que devemos ter na família e no mundo, levou uma classe por vez para assistir e debater o tema e até o termino do ano letivo de 2015, não tivemos outras ocorrências. (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁶¹

Outro ponto destacado no PPP da escola (segundo informações da equipe gestora será substituído por outro que está em fase de elaboração) trata-se da questão da sustentabilidade dos recursos naturais. De acordo com a diretora a temática é sempre atual e a Escola Municipal Cabula I não tem como fugir de abordá-la, considerando a sua proximidade ao Horto Florestal do Cabula e o fato de que a instituição sempre desenvolveu atividades recreativas, esportivas e culturais que estimulam a comunidade escolar e a do seu entorno a preservar o meio ambiente.

No entanto, a sensação de insegurança ocasionada pela presença de pessoas que entram e saem do Horto Florestal, a presença recorrente de usuários de drogas marginalizados

⁶⁰ SOUZA, Andrea Silva de. **Entrevista IX**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

⁶¹ JESUS, Ana Lúcia de. **Entrevista VIII**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

socialmente e outros casos de violências impediram que as ações continuassem a serem efetivadas:

Quando as questões sociais gritam, interfere no processo pedagógico e isso foi crucial! E te responde o porquê que a gente deixou de ir para o Horto. Porque as atividades no Horto deixaram de ser executadas, porque já passou a ser uma questão de segurança pública! A gente já não podia pegar os meninos, em 2005, em 2006... que ainda estava contemplado pelo PPP para expor no Horto porque já era um risco. Porque já havia moradores, já havia constituição de algumas casas, de alguns barracos e a gente ficou sabendo que alguns meliantes já estavam frequentando o local; sabia que tinham famílias, mas sabíamos do risco... Então como a gente expor crianças de 7, 8, 9 anos em um lugar desses? Então, o próprio movimento fez com que a escola se recolhesse para a unidade. Entendeu? (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶²

De acordo com Alinne Santana (2016) o tema norteador do PPP, que está em fase final, é a Sustentabilidade. Porém, a temática será fundamentada a partir da perspectiva da formação de um “ser humano responsável, co-responsável pelo cuidado e se conscientizando; é um trabalho de conscientização do ser humano. Do ser como ser social, do ser que protagoniza no social, no ambiental, em todos os âmbitos.” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶³

A gestora ressalta que ela entende o ser humano como “um ser sistêmico que infere como atores e co-autores desse Sistema maior, ao tempo que também recebe as interferências” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶⁴. E baseada nesse ponto de vista, a escola tem o intuito de preparar o aluno para o segundo semestre que será preenchido com assuntos que o façam contribuir de forma mais ampla e mais consciente sobre o seu papel e importância na comunidade:

Ai você diz assim, mas vocês continuam trabalhando sobre meio ambiente? A gente não tem como fugir de trabalhar sobre determinados temas que se tornam eixos norteadores e a escola é muito implicada no processo de meio ambiente. São dois eixos que rege a nossa escola, que é a cara da gente: é trabalhar a valorização, conscientização da origem desse aluno, desse ser humano; é o trabalho de onde eu sou? De onde eu vim? Para onde eu vou? Para desenvolver esse sentimento de pertença nesse sujeito; e a gente não deixa de trabalhar a afro-descendência, as origens de onde nós viemos; a gente não deixa de trabalhar a Lei Afro; a Lei do Indígena; a Lei do Europeu falando das multiculturas e de que povo se constituiu, de quem fomos nós a partir dessa constituição multicultural e o segundo eixo, é o eixo temático sobre a perspectiva do meio ambiente. Então se você olhar em 2004 a gente

⁶² SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

⁶³ Idem

⁶⁴ Idem

estava cuidando do Horto falando sobre o cuidado, mas hoje com uma consciência muito maior, com uma amplitude de informações, de recursos tecnológicos, de possibilidades a gente fala de uma forma mais profunda. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶⁵

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Cabula I a ser implantado em 2016 durante a realização desta pesquisa está sendo reformulado pela equipe gestora e pelos professores da escola. Estas mudanças no PPP foram pensadas a partir de observações realizadas no dia-a-dia escolar, como também, nas atividades extracurriculares propostas neste estudo que mostraram que com suas ações práticas, os alunos começaram a se mostrar mais participativos e a contribuir com sugestões para a melhoria dos aspectos interativos e até mesmo pedagógicos da escola.

Todavia, em nenhum momento, a comunidade do entorno foi chamada para dialogar sobre a nova proposta pedagógica. Conforme compreende Leff (1998) “a racionalidade ambiental se constrói e concretiza numa inter-relação permanente entre teoria e prática”. Para tanto, a racionalidade inclui-se em uma problemática que surge no conhecimento de uma realidade que orienta para o saber, o poder e a ação política.

Desta forma, sendo a proposta interessada em “trabalhar a valorização, conscientização da origem desse aluno, desse ser humano”; e “desenvolver esse sentimento de pertença nesse sujeito”, a educação deve ser trabalhada de forma participativa, dialogada e raciocinada juntamente com a comunidade do entorno da escola, a fim de que os autores envolvidos no processo educativo possam contribuir para que a educação se converta em um ação estratégica que contribua na formação de valores, habilidades e capacidades que orientem a transição para a sustentabilidade. (LEFF, 1998)

Além disso, deve ser considerado que o surgimento da escola se deu com a criação da comunidade que se localiza no Conjunto ACM e, à vista disso, esses dois representantes sociais devem buscar meios de integração para a conquista de objetivos comuns. Veja o depoimento de Alinne Andrade (2016) sobre a ausência da comunidade nas ações da escola:

Quando a gente estava montando o projeto sócio educativo de 2016 essa foi uma inquietação que foi levantada por mim, pois 2015 foi um ano muito produtivo, com ganhos que verberou tanto na comunidade, nos alunos, mas aí quando a gente senta

⁶⁵ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

para discutir – a equipe gestora – a gente pensa que tema poderia ser trabalhado em 2016 e a gente chegou a uma conclusão: porque não continuar com o trabalho de sustentabilidade? Ao fazer a auto-avaliação: como foi? O que foi que aconteceu? Dos erros do ano anterior a gente constatou que faltou a comunidade estar mais dentro da unidade; faltou a gente trazer mais; dialogar um pouco mais com essa comunidade. Eu acho que ninguém sabe! ninguém tem receita! Pois, quando a gente entra em uma gestão a gente recebe tudo; é tudo muito novo! E a gente não tinha experiência com gestão, com administração... Então fazer um projeto... Eu acho que a gente contemplou muita coisa! Mas como a gente está em fase de crescimento, em fase de evolução e desenvolvimento, a gente está em processo; a gente está errando e está aprendendo! (INFORMAÇÃO VERBAL) ⁶⁶.

De acordo com Delors *et al.* (1998, p. 99), “quando se trabalha em conjunto por projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos”. O autor afirma que a educação formal tem um papel fundamental nesse processo, pois deve reservar tempo e ocasiões suficientes para, desde a infância, iniciar os jovens nesse processo de cooperação:

Estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações comunitárias, serviços de solidariedade entre gerações... As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação dos professores e alunos em projetos comuns pode dar origem a aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno”. (DELORS *et al.*, 1998, p. 98)

Adiante, iremos discorrer sobre as práticas pedagógicas e a relação da escola com a comunidade do seu entorno, desde a sua fundação, mencionando fatos relevantes, projetos e parcerias que possibilitaram o desenvolvimento de ações socioambientais, como também, motivaram a cooperação entre ambas.

⁶⁶ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

3.3 Práticas pedagógicas e a relação com o entorno.

Nos primeiros anos de existência da Escola Municipal Cabula I, as vagas existentes na instituição eram destinadas as pessoas que residiam ao seu redor. Clemilda Silva (2015) conta que ao ser contemplada com uma das unidades do Conjunto Habitacional Antônio Carlos Magalhães foi convidada por Elizabeth Veloso, então Secretaria Municipal de Educação, para supervisionar os trabalhos iniciais na escola e organizar a sua fundação. As pessoas que compraram as unidades habitacionais no Conjunto vieram de locais variados da cidade e até do interior do Estado da Bahia, como na época havia muita dificuldades, a prioridade de vagas na escola era uma forma de diminuir o transtorno causado:

A escola foi construída para os moradores daqui. Justamente porque se a pessoa vem de longe, vinham de outras áreas, porque vinham pessoas de áreas variadas de Salvador, eu mesmo morava na Vasco da Gama, mas tem pessoas oriundas de vários locais de Salvador, então elas iriam colocar seus filhos em outras escolas, em locais distantes? Que nem transporte direito tinha aqui! Então a escola foi uma forma de assegurar a educação para as crianças que vinham para aqui. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶⁷

Conseqüentemente, todos os funcionários da escola moravam próximos à instituição, o que fazia diminuir os problemas de acesso à escola, garantindo seu pleno funcionamento. Além do fato de morar no Conjunto ACM, outro critério que contribuiu para a indicação de Clemilda Silva (2015) como supervisora da escola foi a sua considerável experiência profissional na área de educação comunitária. Desta forma, a relação que a comunidade escolar possuía com os pais e alunos da escola, se estendia além de seus muros: “A gente terminava convivendo com alunos e professores morando no mesmo local”, disse a Supervisora⁶⁸.

Logo nos primeiros anos de existência da Escola Municipal Cabula I, a relação dos funcionários da escola era bem próxima aos pais e outros membros da comunidade a ponto de haver a interferência da escola em assuntos familiares:

Lembro-me de um menino que tinha um problema tão sério! Ele não obedecia a mãe, não queria conversa. Até hoje eu tenho esse menino em minha mente. Sempre estou me lembrando dele. Ele ficava muito arredo! E lá um dia, conversamos eu, ele e a mãe. E esse menino se transformou, esse menino mudou! Ele passou a ser outro na sala de aula, na escola, na relação com os professores, na relação comigo. Eu, por

⁶⁷ SILVA, Clemilda Santana da. **Entrevista V**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Arquivo mp3 (120 min.). Roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice D desta Dissertação.

⁶⁸ Idem.

exemplo, até hoje eu fico querendo saber como este rapaz está. Fico querendo saber dele. Porque até onde a gente pode acompanhar ele ficou muito bem! (INFORMAÇÃO VERBAL)⁶⁹

Senhora Clemilda Silva (2015) acredita que quando os funcionários moram no mesmo local onde se localiza a escola, é facilitado à relação entre as partes. Pois, de acordo com ela, “A questão é, tipo assim, a consideração, o respeito... quanto mais próximo, às vezes, as pessoas se sentem mais a vontade para dizer o que quer; o que pensam.” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷⁰.

Contudo, não é assim que pensa a Sra. Eugênia Reis que atuou na Escola Cabula I como professora da EJA de 1998 a 2000; diretora de 2000 a 2006; vice-diretora de 2006 a 2010; coordenadora do Projeto Escola Aberta de 2000 a 2015; e coordenadora do Projeto Mais Educação de 2010 a 2013:

Você morar na comunidade é importante, mas eu não morava na comunidade e eu consegui me aproximar da comunidade. Teve diretoras antes de mim que eram da comunidade e a escola estava afastada, segundo os próprios moradores quando vieram falar comigo. Então, o que fez quebrar foi a postura do gestor. Eu acho que a escola é a cara do gestor! (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷¹

Desde a sua fundação até o ano de 2016 a Escola Municipal Cabula I teve seis diretoras (veja quadro 03). A primeira eleição na instituição ocorreu em 2000 quando Eugênia Reis foi eleita. Anteriormente o cargo era constituído por indicação e, desta forma, Darlete Neves ficou na direção da escola por 17 anos, sendo a diretora que teve a maior permanência na função.

⁶⁹ SILVA, Clemilda Santana da. **Entrevista V**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Arquivo mp3 (120 min.). Roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice D desta Dissertação.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

ORDEM	DIRETORAS	PERÍODO
1 ^a	Clemilda Santana da Silva	1974 - 1976
2 ^a	Darlete Neves	1976 - 1983
3 ^a	Maria das Graças Araújo	1983 - 2000
4 ^a	Eugênia da Silva Reis	2000 - 2006
5 ^a	Laudícea Santos Silva	2006 - 2014
6 ^a	Alinne Duarte de Andrade Santana	2014 até dias atuais

Quadro 3: Diretoras da Escola Municipal Cabula I

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Contudo, mesmo morando na comunidade e terem ficado por um tempo significativo na direção da escola, nem a segunda e nem terceira gestora tiveram uma relação próxima à comunidade do entorno à escola:

Apesar de a escola ser um equipamento público dentro da comunidade, a escola era fechada para a comunidade; a escola era um espaço utilizado só sala de aula para os professores e alunos da escola, as pessoas da comunidade que procuraram a escola no ano 2000 para sugerir que a escola abrisse o espaço para atividades nos finais de semana me informaram que já haviam procurado antes conversar com a escola mas não tiveram êxito. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷²

Depois da posse da 4^a diretora, Eugênia Reis, representantes da comunidade, líderes da associação de moradores e Antônio Jorge que é morador e fundador do Projeto Cidadão, procuraram à escola para sugerir mudanças na instituição e pedir espaço para trabalhar algumas oficinas durante os finais de semana. Além de aceitar a sugestão da comunidade, a gestora buscou na secretaria municipal da educação a implantação do Programa Escola Aberta em 2003. A partir de então, iniciou um envolvimento efetivo entre a escola e a comunidade. Veja o depoimento da gestora:

⁷² REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

A aproximação foi abrir a escola nos finais de semana para a associação de moradores, depois Antônio Jorge veio com a sugestão de incluir atividades de grafite, de fotografia, de filmagem, aí a gente começou ceder espaço. Depois quando o projeto cidadão se formalizou e conseguiu um espaço na associação dos moradores, eu coloquei o Escola Aberta na escola. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷³

A ex-diretora conta que até a UNEB se beneficiou com o estreitamento: “Quando o pessoal da UNEB solicitava a escola para acomodar estudantes em congresso e não tinham lugar para dormir, aí todo mundo ia lá para a escola, quando esses encontros eram nos finais de semana e férias” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷⁴. Para ela é necessário ter mais eventos sócios educativos que englobem a comunidade do entorno, para que com essa abertura a escola se torne um ponto de cultura e de valorização:

Uma escola efetiva tem que estar com a comunidade porque tem que se identificar com a comunidade; a comunidade tem que sentir que a escola faz parte, não é só aquele prédio que está ali para os estudantes entrar e sair. É um equipamento público que deve ser organizado com finalidade de aprendizagens integradoras, facilitadoras da noção de bem comum. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷⁵

A atual equipe gestora da Escola Municipal Cabula I que é composta pela Alinne Duarte, diretora; Verônica Lima, vice-diretora turno matutino; Laudicéia Santos, vice-diretora turno vespertino; e Ana Lúcia Mendes, vice-diretora turno noturno. A partir de 2015 foi traçado um plano de ação para dar novo significado para a instituição, houve mudanças tanto na estrutura física da escola, quanto com a estrutura do PPP. De acordo com a diretora: “quem viu o antes e ver agora percebe que a gente fez um caminho que saiu de um extremo para o outro”. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷⁶

A atual gestão acrescenta que, em se tratando da estrutura física, as modificações foram realizadas com o intuito de levar ao ambiente escolar a configuração “de um lugar de educação infantil” com maior colorido, mais espaço e brinquedos; divisão de sala para ampliação da oferta de ensino; criação de uma sala para os professores no espaço que servia de depósito de material; decoração dos espaços a fim de trazer maior conforto para todos que frequentem o ambiente; todos os armários foram reorganizados, com identificação para cada

⁷³ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

equipamento, documentos e pastas para facilitar identificação; houve a construção de um mural para a exposição da visão e missão da escola, além de informativos para compartilhar com comunidade escolar os acontecimentos e combinados da SMED; alguns móveis foram retirados da direção e da secretaria para facilitar a livre circulação e a aproximação de toda comunidade escolar.

Outro ponto evidenciado pela atual gestora é o estímulo e incentivo para a formação continuada dos professores da instituição, visto que, para ela, tal investimento reflete-se em uma melhoria na qualidade da educação na escola:

O gestor tem um papel de tentar mostrar ao professor o quanto vale a pena construir para esse professor, para esse projeto. Mas a gente sabe que tem gente de todo o perfil, a gente lida com todos os perfis de personalidade! E às vezes, por mais que seja um projeto extremamente gratificante, extremamente agradável de trabalhar, tem pessoas que não aderem; que não cumprem; que não contribuem. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁷⁷

Como suporte para concretização do objetivo supracitado, ou seja, fazer com que os professores estejam engajados com a proposta estabelecida pela equipe gestora que passou a atuar em 2015, a unidade escolar buscou a realização de atividades como oficinas de relações interpessoais, de relaxamento, e outras que fizeram parte do projeto de Educação Ambiental desenvolvido pela autora deste trabalho dissertativo.

Sendo uma das parceiras envolvidas Priscylla Leal (2015), responsável por ministrar a oficina de relações interpessoais, esclarece que para que o público participasse de forma mais efetiva das atividades realizadas por ela, promoveu momentos interativos e participativos com o intuito de induzir questionamentos e dialogados. Para ela, como educadora, a sua maior alegria é ser questionada e ter intervenções na realização de suas ações: “isso demonstra que conquistei em algum momento a atenção dos participantes por tocar em algum assunto que nos fez entrar em conexão.” (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁷⁸

⁷⁷ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

⁷⁸ Questionário respondido por Priscylla Lins Leal, parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade I**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta dissertação.

Para a pedagoga, a atividade que desenvolveu na escola contribuiu no diálogo de questões como conflito, relacionamento e participação no fomento destas enquanto constituintes de um diálogo ambiental. Além disso, diz que contemplou a comunidade do entorno quando discutiu com os professores a necessidade de inserir o contexto em que a escola se situa nas suas atividades pedagógicas: “Essa foi uma questão discutida e reforçada na jornada pedagógica. Cita a importância da atuação em conjunto, do papel e das possibilidades de ação da escola no contexto em que ela se situa.” (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁷⁹

Em entrevista Alinne Santana (2016) ressalta que as ações realizadas pela sua gestão não pretende invalidar o trabalho elaborado pelas outras gestoras. Ela conta que chegou a escola em 2001 para trabalhar como professora do 5º ano matutino e no EJA, em 2010 assumiu a vice direção do turno noturno. Sempre acompanhou, fez parte e apoiou todo o trabalho ao longo dos quinze anos que está na escola, mas que algumas modificações foram necessárias para a adequação do ambiente às novas propostas. Oportunamente, a gestora faz um reconhecimento do perfil comunitário da Escola Municipal Cabula I e diz estar atenta ao seu projeto sócio educativo:

A escola tem um perfil que é muito comunitário; é uma escola muito próxima da comunidade; é uma escola muito social; é uma escola protagonista dentro desse universo do Conjunto ACM, dos arredores; é uma escola que sempre teve como referência de uma escola que cuida, de uma escola comprometida, de uma escola que tinha professores comprometidos; que tinha uma equipe qualificada... (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸⁰.

Contudo, parceiros e colaboradores (COELBA, LIMPURB, REVITA, dentre outros) que realizaram atividades na instituição durante o ano de 2015, em maioria, consideraram a ausência da comunidade do seu entorno como um dos aspectos menos positivos nas ações compartilhadas e, por isso, solicitaram que em ações futuras realizadas junto à instituição, a Escola Municipal Cabula I buscasse formas de divulgação, que garantissem um maior envolvimento dos ausentes.

⁷⁹ Questionário respondido por Priscylla Lins Leal, parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade I**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta dissertação.

⁸⁰ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

A COELBA que participou da Semana de Culminância realizada em parceria com a escola e o projeto de mestrado mencionou que o aspecto menos positivo da ação foi a ausência da comunidade: “uma divulgação e participação maior no evento nas áreas circunvizinhas à escola, de modo que a escola abrisse as portas da instituição para os moradores da região, logo haveria uma aproximação mais ampla entre Escola/Sociedade.” (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁸¹.

A LIMPURB também se posicionou sobre o ocorrido: “A intenção do evento no dia da culminância era abrir para a comunidade do entorno, mas não ocorreu. O motivo para isso não sabemos informar”. (INFORMAÇÃO ESCRITA)⁸²

A queixa da qual se referem às instituições parceiras foi um dos aspectos que mais dificultaram o andamento das ações que foram desenvolvidas na escola por esta pesquisa, pois mesmo utilizando-se de meios de divulgação disponíveis dentro da instituição e fora dela, não foi alcançado plenamente o objetivo de efetivar a participação da comunidade do entorno nos eventos promovidos.

Dentre os fatores que impediram o sucesso da empreitada destaca-se: a falta de empenho de alguns professores para auxiliar na recepção e desenvolvimento das ações; ruídos na comunicação entre a direção, coordenação pedagógica e professores; as demandas oriundas da Secretaria Municipal de Educação que exige a participação dos professores em treinamentos externos à unidade escolar, dentre outros.

Ao ser questionada sobre o ocorrido, a atual gestora reconheceu que em 2015 “faltou a comunidade estar mais dentro da unidade; faltou a gente trazer mais; dialogar um pouco mais com essa comunidade” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸³. Ela faz questão de ressaltar que quando fala da necessidade de melhorar a comunicação e o diálogo com a comunidade, ela

⁸¹ Questionário respondido pela Equipe COELBA, parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade IV**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta Dissertação.

⁸² Questionário respondido por Letícia Marques, representante da LIMPURB e parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade III**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta dissertação.

⁸³ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

quer falar em pensar outras formas, além das já usadas, que possam garantir a aproximação. Porém, não caracteriza o ocorrido como uma deficiência:

Isso então não pode ser caracterizado como deficiência, pois a meu ver, deficiência fala de um lugar do “não realizado”, e não foi dessa forma que aconteceu, pois todos os recursos e instrumentos, dentro de todas as possibilidades possíveis, foram utilizados, inclusive, com todas as dificuldades que se encontra no serviço público. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸⁴.

Os resultados obtidos nas avaliações realizadas pelo Inep (2015) demonstram que somente a qualificação dos professores não é suficiente para obter um bom desempenho da escola. Faz-se necessário conhecer o contexto que os alunos estão inseridos para, depois disso, pensar em estratégias de participação e melhoria das realidades apresentadas.

Diante dessa análise, ressalta-se um diálogo extraído de Freire onde é demonstrada a necessidade de “educar o educador” para que as técnicas de aprendizagem compreendam o processo que as leva à sua necessidade:

Para mim, o programa básico de leitura, ou programa de alfabetização, que eu teria que desenvolver com os camponeses teria que assumir, como um ponto de partida, a capacidade que esses camponeses tinham sobre o seu contexto e o contexto do mundo e sua habilidade para expressar aquele conhecimento através da sua própria linguagem. Eu teria que começar qualquer programa de alfabetização não a partir de minha própria linguagem de professor de classe média, mas utilizando a linguagem dos próprios estudantes como meios para o desenvolvimento da alfabetização. (FREIRE, 2014, p. 88)

Em se tratando da Escola Municipal Cabula I, acredita-se que por ter sido um ano de transição, onde a atual equipe gestora mexeu com a estrutura física e também no PPP para adaptar a instituição ao seu plano de ação, é possível que algumas atividades da escola tenham deixado de ter a devida atenção da equipe gestora.

Afirmção esta que se ajusta ao informado por Alinne Santana ao considerar que “2015 foi um ano muito produtivo, com ganhos que reverberaram tanto na comunidade, quanto nos alunos” (INFORMAÇÃO VERBAL).⁸⁵ No entanto, a diretora ressaltou que a ausência da comunidade nas ações da escola foi uma das “inquietudes” levantadas por ela durante a discussão do Projeto Sócio Educativo a ser colocado em prática em 2016:

⁸⁴ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

⁸⁵ Idem.

Ao fazer a auto avaliação: como foi? O que foi que aconteceu? Dos erros do ano anterior a gente constatou que faltou a comunidade está mais dentro da unidade; faltou a gente trazer mais; dialogar um pouco mais com essa comunidade. Eu acho que ninguém sabe, ninguém tem a receita, pois quando a gente entra em uma gestão a gente recebe tudo; é tudo muito novo! E a gente não tinha experiência com gestão, com administração... Então fazer um projeto... Eu acho que a gente contemplou muita coisa! Mas como a gente está em fase de crescimento, em fase de evolução e desenvolvimento, a gente está em processo; a gente está errando e está aprendendo! (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸⁶

Sobre a relação da escola e a comunidade do entorno, Antônio Jorge Nascimento (2016) conclui que a escola está “isolada nas suas dependências” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸⁷ e que precisa motivar os professores a se envolver em projetos, buscar a articulação com instituições, parceiros, colaboradores e com a comunidade do entorno a fim de evitar que as ações estejam fadadas ao fracasso:

O que falta é a escola chamar a comunidade, as pessoas só vão a festa se for convidado, senão é penetra. Eu já sou um penetra muito cara de pau na escola, porque sempre eu estou lá propondo alguma coisa, sempre sou bem recebido. As propostas também, mas elas se iniciam e não fluem. Só fluiria se houvesse efetivamente envolvimento dos professores. A escola precisa entender que se ela não tiver a comunidade inserida nas suas dependências, vai remar sozinha em mar revolto e o naufrágio pode ser certo. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸⁸

Dos projetos que são implantados pela escola, dois deles tem uma maior aceitação pela comunidade, pois possibilitam o desenvolvimento socioeconômico de seus participantes: Mais Educação e Escola Aberta.

Em 2015, intencionando estreitar a relação da escola com a comunidade do entorno a instituição buscou a parceria do Ministério da Educação e aderiu ao Projeto mais Educação. O projeto “constitui-se como uma estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral”. Para tanto prevê a realização de atividades na área de educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. (BRASIL 2016)

⁸⁶ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

⁸⁷ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

⁸⁸ Idem.

O projeto é direcionado para os alunos com dificuldade no aprendizado e, em se tratando da Escola Cabula I, relaciona as temáticas discutidas no currículo escolar comum – dia das mães, festa junina, e demais datas festivas. Funciona de segunda a quinta-feira, em horário oposto ao turno escolar em que o aluno está matriculado; em 2015, as oficinas realizadas na escola foram: matemática, letramento, biscuit e teatro.

Outro Projeto a ser destacado é Escola Aberta. De acordo com o Ministério da Educação o Programa “incentiva e apoia a abertura, nos finais de semana, de unidades escolares públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social”. A partir disso, reforça a parceria entre escola e comunidade, pois permite que a comunidade ocupe o espaço escolar aos sábados e/ou domingos se beneficiando com atividades educativas, culturais, esportivas, além de ter o intuito de dar formação inicial para o trabalho propiciando a geração de renda aos estudantes e favorecendo que a população do entorno se torne participativa dentro das ações propostas pela escola.

Nas reuniões pedagógicas realizadas em janeiro de 2015 foi sugerido que os dois projetos citados acima, em conjunto com o Projeto Cidadão, agregassem em suas atividades os alunos do turno noturno. Era uma forma de contemplar o público da EJA que, para esta pesquisa, tem muito a contribuir com a instituição, pois, em maioria são moradores da comunidade. Além disso, já que os cursos são realizados em horários mais oportunos para as pessoas que trabalham, esses alunos poderiam ajudar os professores com as experiências de vida que possuíam, colaborando na formulação de atividades diferenciadas.

Baseando-se nesses diálogos foram agendados cursos na área de artesanato, pintura, artes, criação de esculturas em argila; oficinas de contação de histórias, *graffiti*, reaproveitamento de óleo e materiais reciclados, saneamento básico, energias eólica, solar, hidroelétrica, relacionamento interpessoal; rodas de conversa sobre assuntos de interesse local; apresentações de grupos culturais; dança associada a exercícios físicos, apresentação de filmes, dentre outras atividades que eram direcionadas à comunidade escolar e a do entorno. No entanto, ressalta-se que apenas os alunos da escola participaram das ações.

Outros projetos estavam vigentes na Escola Municipal Cabula I: Instituto Ayrton Sena – IAS implantado pelo Instituto em parceria com a Prefeitura de Salvador para atender alunos com distorção de aprendizagem na idade certa; Instituto Alfa e Beta – IAB que trabalha a alfabetização no âmbito da fonética; Projeto de Desenvolvimento e Ação Integrada –

PRADAI que tem a perspectiva de trabalhar com a família, a comunidade e alunos da educação infantil a partir de múltiplas linguagens, de maneira lúdica e associada ao currículo tradicional; Agente da Educação que oportuniza a participação dos pais no rendimento escolar e frequência dos alunos; e o Projeto do Instituto de Consultoria Educacional e Pós-graduação – ICEP que trabalha com cadernos de sequência didática em português e matemática.

Dos projetos citados, apenas o Mais Educação, Agente da Educação e o ICEP estão atuando juntamente com o projeto Sustentabilidade na escola no ano de 2016. O Projeto Escola Aberta que é mais atrativo para a comunidade do entorno da escola, de acordo com a gestão, não está funcionando por falta de recursos.

De acordo com a coordenadora pedagógica da escola, Elievânia Franca Cruz Santos (2015), “a maior dificuldade para a implantação de projetos na escola é a adequação dos mesmos à realidade social/familiar dos alunos”. A coordenadora que começou a trabalhar na escola em 2003 diz que existe um grande problema social na área do entorno à escola e com isso a instituição está perdendo espaço para as drogas e a busca de ascensão financeira de forma fácil. Além disso, destaca outros aspectos que tem prejudicado o andamento de algumas ações da escola: falta de compromisso profissional dos professores e desgaste da família com a escola devido a problemas com alcoolismo, drogas, financeiros, dentre outros que dificultam a relação entre essas duas representações da sociedade.

3.4 Parceiros, Colaboradores e a Escola Municipal Cabula I

3.4.1 Projeto Cidadão

Antônio Jorge Nascimento, ou Toinho, como é conhecido na comunidade, morava no bairro de Santa Mônica⁸⁹ e junto com sua família foi morar no Conjunto ACM logo quando foi inaugurado em 1974. Ele nos conta que quando chegaram à localidade os ônibus eram poucos e só existia transporte até a Ladeira do Cabula, a estrada tinha muito barro, não existia comércio, apenas chácaras e fazendas de laranjas, por isso ele acreditava que ali era um “interior afastado da civilização.” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹⁰

Em 1982 quando conseguiu seu primeiro emprego na UNEB, por conta de dois projetos idealizados para adolescentes pelo Reitor da época, Lourivaldo Valentim da Silva, Toinho transformou a sua vida e a forma de pensar a comunidade. Os projetos: Pró-carteira que recolhia carteiras e moveis escolares de madeira, nas escolas do Estado, para que os professores ensinassem aos adolescentes consertá-los; e o Pró-jardim que cuidava de toda parte paisagística da UNEB fizeram com que Antônio Jorge que participou do pró-jardim, sentisse o desejo de retribuir o benefício que recebeu da Universidade para a comunidade do bairro onde morava e seu entorno.

Desta forma, ele começou a desenvolver projetos que, de acordo com ele, eram pequenos, mas que até hoje estão na memória de muitas pessoas da comunidade do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras. Entre esses projetos estão o 12º Grupo Escoteiro da Bahia, batizado de Tiradentes, que durou de 1990 a 1995; e o Instituto para Educação, Cultura e Desenvolvimento – Projeto Cidadão, que iniciou suas atividades no dia 05 de janeiro do ano 2000 e até os dias de hoje se encontra em atividade.

O Projeto Cidadão está registrado como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), ou seja, ele é “uma ONG com certificado emitido pelo poder público, em que se pode contratar pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)” e que oferece cursos de arte, capoeira, artesanato, teatro infantil, grafite, futebol, e outros que

⁸⁹ Bairro da cidade de Salvador, na Bahia, localizado próximo à Avenida Barros Reis

⁹⁰ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação

se encaixam com a proposta de formar jovens cidadãos e que contam com a contribuição de pessoas sensíveis à causa abraçada pelo Pedagogo Antônio Jorge Nascimento, idealizador do projeto. (BRASIL, 1999)

Em Brasil (1999) é informado que essas ONGs são financiadas pelo Estado ou pela iniciativa privada, mas não têm fins lucrativos. Fato esse que pode explicar as dificuldades enfrentadas pelo Projeto na manutenção das atividades oferecidas, pois os recursos para a sua manutenção são provenientes de editais de fomento e de voluntários, que além de custeá-los, disponibilizam tempo para abraçar as atividades de suporte logístico e administrativo, já que Antônio Jorge, que também é funcionário da Universidade do Estado da Bahia, possui outras atividades laborais.

Ademais, a falta de sede própria para a realização das atividades e a dificuldade para encontrar espaços apropriados para que elas sejam concretizadas deixam a ONG sempre dependente da cessão de espaços em outras instituições. Por isso, atualmente, promove apenas a oficina de dança de salão, em espaço cedido pela Universidade Aberta da Terceira Idade – UATI; a oficina de arte grafite e duas atividades interativas: o cine bate papo e a roda de terapia comunitária, na Escola Municipal Cabula I. O projeto está à procura de outros espaços para reiniciar as atividades de capoeira, teatro e samba de roda.

Em suas ações, o Projeto Cidadão, busca desenvolver atividades de natureza intelectual ou cognitiva, buscando incentivar as pessoas no encontro de “sua própria história, assim como a história de seu país, considerando a ancestralidade indígena africana que a localidade do Cabula possui, resgatadas a partir de lembranças e limites geográficos” (NASCIMENTO, p. 6, 2016). A história da sua rua, do bairro, da cidade e outros que contribuem com/para a sua formação como cidadão.

De acordo com Nascimento (2016), “as atividades práticas socioculturais e educativas promovidas pelo Projeto Cidadão acolhem um público - preferencialmente - de crianças entre 05 a 12 anos, em situação de risco pessoal e social, desfavorecido economicamente”. Esse público, ainda de acordo com o autor, se constitui como vítima da violência estrutural que

ameaça e prejudica a sua relação na família, na escola e na comunidade. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹¹

Entretanto, durante a realização das ações, não existe o impedimento da participação de outros públicos, respeitando a capacidade máxima do recinto a ser disponibilizado. Dessa forma, o Projeto Cidadão tem um público diversificado que varia entre pessoas da comunidade escolar e do entorno, professores e funcionários de instituições públicas e privadas - UNEB, UFBA, Escola Bahiana de Medicina – dentre outros que demonstrem interesse em temáticas sociais.

A proximidade do fundador do projeto com a comunidade próxima ao Horto Florestal do Cabula, além do seu natural respeito às questões de cunho ambiental, faz com que muitas atividades ligadas à ONG procurem envolver a temática e fortalecer o compromisso que as pessoas devem ter para garantir a sustentabilidade dos recursos ambientais. A mais citada pelos participantes dessa pesquisa foi a atividade de catação de lixo que era sempre desenvolvida na data de 5 de junho, considerado como o Dia Internacional do Meio Ambiente. Veja fotos da coleta realizada em 2012:



Foto 4– Coleta de resíduos sólidos no horto
Fonte –Página de Antônio Jorge Nascimento.
 no Facebook, junho/2015.



Foto 5– Coleta de resíduos sólidos no horto
Fonte – Página de Antônio Jorge Nascimento
 no Facebook, junho/2015.

⁹¹ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação

Além disso, o projeto se preocupa em planejar práticas que incentivam os seus participantes a incitar sentimentos de respeito pelo outro/diferente, compromisso com o bem comum, prática de esporte, saúde, dentre outras atitudes que buscam exercitar a cidadania, o bem estar e o compromisso social. Como demonstração, verifique as Fotos 6 e 7:



Foto 6– Recreação com crianças no Horto
Fonte – Página Antônio Jorge do Nascimento no Facebook, junho de 2015.



Foto 7– Aula ministrada por voluntários
Fonte - Página Antônio Jorge do Nascimento no Facebook, junho de 2015

Para Antônio Jorge (2016), a maior importância do Projeto Cidadão para a comunidade se deve ao fato dele constituir um referencial positivo para todas as pessoas que passaram por ele, pois além da oportunidade de participar de oficinas com educadores sociais, “os participantes nunca foram discriminados por má conduta dos pais, por religião, por dificuldade no aprendizado, e outros tipos de abusos que impedem as pessoas de se sentirem bem vindas”. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹²

O Alimento Cultural é outra ação do projeto Cidadão que cada vez mais vem ganhando espaço, não somente na comunidade da Estrada das Barreiras, como também, em outros bairros da cidade de Salvador; projetos: Projeto TBC/ Cabula, UATI/UNEB, Bamberg Cia de Dança, Som na Praça/Conjunto ACM/Cabula I; e com instituições: Biblioteca da UNEB, Escola Municipal Cabula I.

⁹² NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016.. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

Promovido pelo arte-educador Denissena, a ação tem o nome de Alimento Cultural, pois se utiliza de carcaças de geladeiras que ficam sem serventia e são descartadas pelos seus donos gerando deteriorização e poluição ambiental, pois as mesmas se amontoam nos espaços por não possuir um destino adequado. As partes internas da geladeira sofrem adaptações em seu interior para melhor acondicionar os livros, CD e DVD doados e uma pintura do arte educador Denissena que procura se inspirar em aspectos futuristas e joviais para promover o interesse pela prática da leitura. Ver Foto 8:



Foto 8 – Geladeira cultural e o Arte Educador Denissena
Fonte – Página Antônio Jorge do Nascimento no Facebook,
Junho de 2015.

Além disso, o Alimento Cultural não atrai apenas o público jovem. De acordo com Nascimento (2015), a geladeira também atrai um público mais adulto que busca associar a prática da leitura com outras atividades artísticas:

A geladeira localizada na UATI / UNEB, tem um público muito especial que são os estudantes da terceira idade, os idosos e idosas curtem muito os romances, os livros espíritas, revista Muito e Carta Capital, além, é claro dos livros e revistas que tratam de saúde, viagens e humor. Na UATI uma vez por mês realizamos um Sarau com Gotas de Talentos, no espaço de convivência para divulgar o Alimento Cultural e poder estimular a livre expressão de artistas da comunidade (voluntários), para declamar, dançar, cantar, tocar, ou seja usar as mais diversas formas de expressões artísticas, contribuindo com muita energia positiva para o bem estar de todos. O Sarau se transforma em um local de oportunidade para os artistas locais se expressarem e se mostrarem para o público. (NASCIMENTO, 2015)

Ainda conforme o autor supracitado, o Alimento Cultural já beneficiou muitas pessoas que sempre voltam trazendo além dos livros emprestados outros objetos para doação. Conta também com admiradores como a educadora, escritora, compositora e cordelista baiana, Mabel Velloso, que admirada como o projeto se disseminou para outros lugares além da UATI e da Biblioteca Central da UNEB, onde as geladeiras já possuem um público garantido.

Uma unidade da geladeira é sempre instalada na Praça localizada em frente à escola Cabula I, no Conjunto ACM especialmente nos finais de semana ou quando acontece alguma outra ação realizada pelos moradores, como o projeto Som na Praça que contempla pessoas da comunidade e outros convidados para se apresentarem artisticamente mostrando seus talentos a quem os visita nos dias de domingo, não chuvosos. Porém, sempre que possível, existem unidades da geladeira itinerantes que visitam outros lugares como aconteceu na Praça do Campo Grande, no Centro da Capital Baiana, em maio de 2015.



Foto 9 – Projeto Alimento Cultural, Campo Grande.
Fonte – Página de Antônio Jorge do Nascimento no Facebook, junho de 2015.

Devido à boa receptividade das comunidades contempladas pela presença dessa ação, além do expressivo desejo das pessoas em abraçar essa ideia, o número de geladeiras vem aumentando. Sendo assim, a ONG Projeto Cidadão, além de incentivar circulação dos livros, também, já procura parcerias para a doação de geladeiras usadas para atender outros espaços como sindicatos, associações, garagens de ônibus, praças públicas, escolas, hospitais, creches, e outras universidades além da UNEB.

Uma das oficinas que mais interessa o público atingido pelo Projeto Cidadão é a oficina de Arte Graffiti ⁹³. Segundo Denissena (2015), a arte grafite, ou graffiti, é uma das principais linguagens de arte contemporânea, pois é uma expressão urbana que nasce nos grandes centros, basicamente nas periferias de cidades como Salvador. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹⁴

A oficina foi a primeira atividade a ser desenvolvida pelo projeto cidadão logo depois que Denissena – como é mais conhecido – por também já ter sido contemplado por algumas de suas ações, resolveu aceitar o convite de Antônio Jorge Nascimento para ser o vice coordenador do Projeto Cidadão.

Além da amizade que existe entre os protagonistas deste projeto, a parceria se estende do ano de 2000 até os dias atuais, inclusive de forma voluntária, pois, conforme dito anteriormente, o projeto possui restrições financeiras e o arte educador não deixa de mencionar: o “Projeto Cidadão é a única instituição da qual ele é voluntário, as outras, eu sou parceiro”. (INFORMAÇÃO VERBAL) ⁹⁵

Para Rocha (2015), a ONG faz parte da sua formação política e socioeducativa, por esse motivo, considera que as ações que desenvolve a partir do Projeto Cidadão na/com a comunidade do bairro Estrada das Barreiras, Barreiras ou Cabula I é um agradecimento pelo que a ONG vem contribuindo para a formação de jovens que, assim como ele, buscam através da arte “libertar” seus anseios que são oprimidos na sociedade contemporânea.

Ainda conforme o arte educador, no início do Projeto Cidadão houve muitos parceiros como a PROEX/UNEB que doavam móveis, livros e outros materiais pedagógicos, mas atualmente existe dificuldade para receber doações e a maioria dos recursos para a manutenção das atividades promovidas saem do próprio bolso de Antônio Jorge. Por isto, Rocha (2015) sempre que possível destaca a importância das ações desenvolvidas pela ONG, faz isso em oficinas, entrevistas, shows, palestras, dentre outras realizações onde atua.

⁹³ De acordo com Denissena, a origem da palavra *graffiti* vem do Latim e significa “escrita com carvão”. Desta forma, para artistas como ele que propaga a arte com identidade, a esta nomenclatura é essencial. Correspondência Pessoal, maio 2015.

⁹⁴ ROCHA, Denis Sena. **Correspondência Pessoal**. Salvador: Cabula I. maio 2015.

⁹⁵ Idem.

Nesse sentido, uma vez a cada ano, o Projeto Cidadão em parceria com Projeto Turismo de Base Comunitária realiza a oficina sobre a Arte Graffiti abordando temáticas que dialogam com raízes afro-indígenas, o meio ambiente, a diversidade cultural, o racismo, os direitos humanos, dentre outras que agregam aos participantes um olhar positivo sobre as perspectivas de futuro, a autoestima e as potencialidades na demonstração de talentos. A atividade intenciona contribuir para o despertar da criatividade e a inserção produtiva de jovens, em especial aqueles que moram na comunidade da Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras.

No ano de 2015, buscando contemplar a pesquisa desenvolvida na Escola Municipal Cabula I, a temática abordada discorreu sobre diversidade cultural e o meio ambiente na perspectiva defendida por Leff (2001) que nos informa que a Educação Ambiental emerge como “um saber reintegrador da diversidade, de novos valores éticos e estéticos e dos potenciais sinérgicos gerados pela articulação de processos ecológicos, tecnológicos e culturais”.

Para o alcance do objetivo proposto, a metodologia empregada na atividade buscou a interação entre os participantes desde o primeiro encontro; abordou a origem e a história da arte graffiti; vertentes e tendências; noções básicas de desenho a partir de elementos geométricos; estilos e vocabulário peculiar à temática que sofre a influência do movimento Hip Hop; bem como, a prática de produções coletivas desenvolvidas em espaços públicos e/ou particulares e também na rua pelos alunos que participaram do workshop desenvolvido. Veja as fotos 9 e 10 que demonstram as primeiras atividades em sala de aula:



Foto 10 – Diálogo inicial do Workshop
Fonte – Arquivo Pessoal, maio 2015.



Foto 11 – 1ª atividade em sala de aula
Fonte – Arquivo Pessoal, maio 2015.

Considera-se que a técnica empregada durante as aulas, com cadeiras colocadas em semicírculo, favorece a realização de diálogos entre os seus participantes, auxiliando na troca de saberes e colaborando para a realização dos exercícios propostos pelo arte educador, que busca com a arte graffiti disseminar uma “mensagem política, de linguagem livre/autêntica e que expressa a identidade de quem a produz e do ambiente que a rodeia”. (Rocha, maio 2015)

Nesse sentido, acredita-se que a ideia de usar a arte graffiti como uma forma de expressão a ser utilizada pela Educação Ambiental é uma técnica libertadora, descontraída, que une saberes formais, informais para buscar alternativas que não somente possam salvar o Horto Florestal do Cabula, mas também auxiliar na formação de jovens cidadãos comprometidos com o bem comum.

3.4.2 Projeto Turismo de Base Comunitária

Segundo Silva e Sá (2012, p.9), o turismo de base comunitária constitui-se em um modelo de atividade com foco no “desenvolvimento local, orientado pelos princípios de economia solitária, associativismo e valorização da cultura local e, principalmente, protagonizado pela comunidade, visando à apropriação por parte dessa dos benefícios advindos da atividade turística.” Destaca, ainda, que o propósito principal da atividade é a criação de Roteiros Turísticos Alternativos, Responsáveis, Sustentáveis e Solidários (RTUARSS) desenvolvidos com e na comunidade.

Oportunamente, as autoras esclarecem a importância de poder contar com uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de diversas áreas, tendo em vista a diversidade cultural e ambiental existentes em comunidades urbanas, como também, o fortalecimento das relações entre as pessoas, as comunidades e o mundo que nos rodeia.

Nesse sentido, o Projeto Turismo de Base Comunitária, mais conhecido como TBC Cabula, conta com uma equipe multidisciplinar constituída de professores, técnicos e alunos de cursos de graduação e pós-graduação, além de representantes das comunidades envolvidas e pessoas que, de modo colaborativo ou por simpatia às causas defendidas, se organizam em 14 eixos temáticos: 1. Meio Ambiente, Desenvolvimento Local e Regional; 2. Políticas Públicas; 3. Educação, Formação e Cidadania; 4. Comunicação Comunitária; 5. Memória, História e Patrimônio Cultural; 6. Lazer, Esporte e Entretenimento; 7. Tecnologias

Educativas; 8. Inclusão Sociodigital; 9. Cooperativismo, Economia Solidária, Tecnologia Social e Inovação; 10. Turismo de Base Comunitária; 11. Território e Espaço Urbano; 12. *Design* e Sustentabilidade; 13. Saúde Coletiva e 14. Línguas, Culturas Afro e Afro-brasileiras.

O TBC Cabula é vinculado à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) e desenvolvido em 17 bairros localizados no bairro Cabula e entorno, todos situados no miolo de Salvador, na Bahia. Possui como principal objetivo a mobilização das comunidades para a criação de roteiros turísticos alternativos que possibilitem a responsabilidade, sustentabilidade e solidariedade nos bairros por ele abrangidos.

Uma das características marcantes do TBC Cabula é a realização de atividades que favorecem a interrelação de conhecimentos oriundos de todos os seus participantes, sendo eles: professores, técnicos, alunos de graduação e pós-graduação, participantes de instituições de ensino públicas e particulares, como também, os praticados pelos populares e nas comunidades que dialogam com projeto. Neste sentido, a proposta apresentada estabelece uma sinergia com a ideia de Pedagogia Moderna que postula “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (FREIRE, 1967, p. 19), considerando que o saber sendo democrático não deve ser uma imposição, mas uma conquista comum do trabalho do educador e do educando.

Por oportuno, a proposta para este estudo é questionar como a Educação Ambiental está sendo trabalhada pela Escola Municipal Cabula I e em que medida se dá a interação com a comunidade do bairro Estrada das Barreiras na construção de ações que possam salvaguardar o Horto Florestal do Cabula. Na medida em que os objetivos específicos forem alcançados, as ações converter-se-ão em um processo de educação coletiva que resultará em muitos benefícios para a comunidade do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, como também, no encontro de alternativas que possibilitarão o desenvolvimento sustentável da comunidade e a formulação de novas propostas que contemplem o diálogo entre as partes:

A gestão ambiental do desenvolvimento sustentável exige novos conhecimentos interdisciplinares e o planejamento intersetorial do desenvolvimento; mas é, sobretudo, um convite à ação dos cidadãos para participar na produção de suas condições de existências e em seus projetos de vida. O desenvolvimento sustentável é um projeto social e político que aponta para o ordenamento ecológico e a descentralização territorial da produção, assim como para a diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações que habitam o planeta. Neste sentido, oferece novos princípios aos processos de democratização da sociedade que induzem à participação direta das comunidades na apropriação e transformação de seus recursos ambientais. (LEFF, 2001, p. 57)

As ações realizadas pelo Projeto Turismo de Base Comunitária no bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras são oportunizadas através de rodas de conversas, oficinas, palestras, exposição de trabalhos – científico, cultural, artístico, etc. – confecção de cartilhas, informativos e outros meios de divulgação que visam envolver as pessoas nas atividades promovidas, sendo o diálogo foco de todas as atividades realizadas pelo TBC Cabula.

Outra forma utilizada pelo TBC para complementar as informações necessárias às atividades de discussão e facilitar o direcionamento de propostas é a organização de roteiros turísticos alternativos com o auxílio e participação da comunidade do entorno. Além de estreitar a relação dos pesquisados com a comunidade, os mesmos conhecem *in loco* os ambientes onde suas ações serão direcionadas. Adiante, em capítulo direcionado a falar sobre as “Práticas Socioambientais Realizadas pela Comunidade do Entorno à Escola”, se pormenoriza os roteiros alternativos desenvolvidos pelo TBC na comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras.



Ilustração 8 – Turismo de Base Comunitária
Autor – Denissena, março 2016

Finalmente, o próximo capítulo abordará como a Escola Municipal Cabula I desenvolveu ações socioambientais durante o ano de 2015; quais as ações extracurriculares desenvolvidas por esta autora, pelos parceiros e demais colaboradores durante a vigência desse estudo; e como/porque essas serviram de instrumento para a coleta de dados.

4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA CABULA I

4.1 Projeto Socioeducativo Sustentabilidade

Em janeiro de 2015 a Escola Municipal Cabula I propôs um projeto denominado “Sustentabilidade”, elaborado pela professora Eugênia Reis, onde foram oferecidas alternativas que, de acordo com ela, melhorariam o desempenho escolar dos alunos e as relações sustentáveis de trabalho e de autoconhecimento entre a comunidade escolar. Tal projeto foi elaborado a fim de atender exigências da Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECULT) - agora é SMED, que estabelece como visão estratégica:

Educação pública municipal de qualidade e integrada às comunidades locais, garantindo o acesso, a permanência e o sucesso dos alunos, promovendo a reparação das desigualdades raciais e de gênero, valorizando a cultura e a diversidade, contribuindo para uma sólida formação ética e cidadã. (SMED, 2015 p 3)

Durante as primeiras reuniões pedagógicas na Escola Municipal Cabula I no ano de 2015 foi definido um calendário preliminar, onde constavam atividades que, em comum acordo com os professores do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos, mesclavam a programação do currículo escolar comum – Páscoa, Dia da família, São João, e demais comemorações – e as atividades relacionadas ao Projeto Sustentabilidade.

Para o tema da sustentabilidade foram divididos dois eixos temáticos: 1) sustentabilidade do ser, tratando do desenvolvimento humano: saúde, educação, renda, e outros correlacionados, cujas ações aconteceriam no primeiro semestre de 2015; e 2) sustentabilidade ambiental: abordando temas como água, energia, reaproveitamento de resíduos, artes, cultura, saúde, bem estar animal, que aconteceriam no segundo semestre.

Em relação ao planejamento de aulas e demais atividades da escola, de acordo com Reis (2015, p. 5), “os conteúdos serão apresentados e construídos coletivamente através de pesquisas, vídeos, documentários, painéis, maquetes, desenhos, redações, tabelas, gráficos, textos de variadas tipologias para leitura e produção, de acordo com a maturidade e nível de cada turma”. Além disso, cada professor, com auxílio da coordenadora pedagógica, promoverá a interação, produção e socialização de saberes de acordo com o tema escolhido para ser desenvolvido com a turma sob a sua responsabilidade.

A escolha dos temas que eram direcionados para as turmas da pré-escola até o quinto ano faziam correspondência com a idade dos alunos, conteúdo didático, necessidades

existenciais e outros que eram percebidos durante o convívio na unidade escolar. No quadro 4 consta a divisão dos temas abordados por todas as turmas durante o ano de 2015, com destaque em negrito para o 5º ano, considerando que estas turmas foram parte do público da pesquisa:

SEMESTRE	TEMAS	TURMA
1º	Higiene pessoal e boas maneiras.	Pré-escola
	Atividade física: Importância e modalidades.	1º ano
	Alimentação e saúde: a) Você é o que você come; b) Doenças provocadas pela alimentação não saudável; c) A cura e prevenção de doenças através da alimentação saudável.	2º ano
	A Família – histórico e importância.	3º ano
	Nossas emoções: Medos, Desejos, Ansiedade, Amor, Saudades, Lembranças, Tristeza, Alegria, Fé, Esperança, Sorriso, Solidariedade, Altruísmo.	4º ano
	Nossas Virtudes: Disciplina, caráter, gratidão, respeito, caráter, ética, criatividade, comunicação, perseverança, tranquilidade e paz interior.	5º ano
2º	Energia: tipos, uso consciente.	5º ano
	A água: uso consciente, poluição.	4º ano
	Lixo: reciclagem, descarte consciente.	3º ano
	Direitos das crianças	2º ano
	Cuidados com a natureza (hortas e jardins)	1º ano
	Direitos dos animais	Pré-escola

Quadro 04: Temas abordados por turma.

Fonte: Criado pela pesquisadora proponente desse trabalho.

Segundo Reis (2015) a ideia do projeto partiu da compreensão de, que para mudar o mundo ao nosso redor, devemos começar a fazer a mudança dentro de nós mesmos. E, conseqüentemente, a salvaguarda do meio ambiente depende de reconhecemos o valor do outro, a partir de uma interrelação:

Porque a mudança que queremos ver na nossa organização social (na nossa escola), e do meio ambiente depende de uma mudança interna em nós mesmos quando somos capazes de refletirmos no modo como conduzimos os relacionamentos, o trabalho, a forma como produzimos, consumimos e lidamos com recursos naturais. No início, podemos temer que esta ideia de "mudança de dentro para fora" soe infantil ou ingênua. Mas conhecer a si mesmo é o saber mais potente do universo e sem hesitação posso afirmar: se queres transformar o mundo, é melhor começar por mudar o seu mundo. (REIS, 2015.p. 3)

O projeto Sustentabilidade possui como objetivo geral “desenvolver atitudes relacionadas à sustentabilidade social para elevar o autoconhecimento, a autoestima, o desempenho e a inteligência emocional da comunidade escolar”. Seus objetivos específicos são: promover a alfabetização na idade certa; estimular o desenvolvimento do autoconhecimento, autocontrole, capacidade de gerência diante de situações coletivas; desenvolver a responsabilidade para a conservação e na manutenção dos espaços públicos e dos recursos ambientais; garantir ações que produzam o desenvolvimento de bons hábitos referentes à alimentação, higiene e lazer; e incentivar o desenvolvimento de valores éticos e morais. (REIS, 2015.p. 4)

Ao ser perguntada sobre o porquê relacionava temas que abordam a sustentabilidade dos recursos naturais com o ser humano a professora Eugênia Reis (2016) respondeu que a escola sempre fala sobre o meio ambiente como se o homem não fizesse parte dele, mas para ela, o “ser” da pessoa precisa ser trabalhado antes de qualquer coisa:

E as crianças como são tratadas? As pessoas como são tratadas? Como está a emoção das pessoas? Por que menino está agressivo? Porque professora está triste? Porque aluno está triste? Porque está tendo muita confusão? Por que o ser da pessoa precisa ser trabalhado, não é? Eu não estou querendo dizer que seja obrigação da escola trabalhar o ser, eu entendo que primeiro tem que ver o ser e depois tem que ver o externo, pro meio ambiente. Porque não adianta você plantar árvore e você estar ali por dentro sem saber resolver seus problemas, não saber lidar com a emoção. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹⁶

Logo, a ideia inicial do Projeto Sustentabilidade era trabalhar com as temáticas interpessoais dentro da escola e melhorar as questões sociais e emocionais dos professores,

⁹⁶ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

alunos e funcionários. Também, falar sobre a sustentabilidade de recursos naturais, considerando que este tema estava sendo bastante utilizado pela mídia devido à escassez de água, excesso de lixo nas vias públicas, doenças endêmicas e outros problemas similares que se agravavam em muitas regiões do país. Ressalta-se que, em nenhum momento, na estrutura inicial do Projeto Socioeducativo Sustentabilidade, se pensou em trabalhar o meio ambiente da/com a comunidade do entorno à escola.

Porém, apesar de não referenciar a comunidade dos arredores da escola, se considera o meio ambiente contemplado no projeto elaborado pela Eugenia Reis (2015), pois, conforme o depoimento da professora, “para eu cuidar, para eu amar o outro eu tenho que primeiro me cuidar e me amar. Ai, se eu me cuido e me amo, eu vou saber amar o meio ambiente, eu vou saber o meu lugar no ambiente”. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹⁷

Em paralelo ao projeto “Sustentabilidade” foram realizadas - por intermédio deste projeto de pesquisa - ações extracurriculares com foco em intervenções práticas, planejadas para acontecer de preferência nas sextas-feiras e nos sábados, pois nesses dias as atividades do currículo escolar eram mais flexíveis, sendo assim a realização de ações dinâmicas e interativas colaboravam para manter a frequência escolar em um nível satisfatório. Os conteúdos abordados foram socializados com os professores, afim de que eles pudessem intercalá-los com as práticas realizadas em sala de aula.

As atividades foram desenvolvidas do mês de março até o mês de dezembro do ano de 2015. Tendo na conclusão de cada fase do projeto, a realização de uma culminância cuja programação aconteceu durante uma semana. A primeira aconteceu entre julho e setembro, a outra em dezembro. Na culminância realizada em dezembro cujos temas contemplaram a temática meio ambiente, alguns dos parceiros e colaboradores que ajudaram com ações práticas durante o ano estiveram na escola participando do evento.

A educação vista de uma perspectiva libertadora nos propõe que “é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe o da responsabilidade” (FREIRE, 2002, p 10). Segundo os autores Delizoicov e Delizoicov (2014), Paulo Freire é um dos mais frequentes nas referências de

⁹⁷ REIS, Eugênia da Silva. **Entrevista VI**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice F desta Dissertação.

estudos que abordam a temática de Meio Ambiente e Educação Ambiental, isso por que, para Freire a nossa responsabilidade não está condicionada apenas dentro da escola, ela, também, está fora dos seus muros, em contato com o outro. Nesse ínterim, os autores referenciam a proposta apresentada para este estudo, pois considera que:

O processo educacional possibilita a formação ética de agentes transformadores capazes de pensar e agir criticamente, o que, na especificidade da EA, significa transformar a escola em espaço de construção de cidadãos éticos também na dimensão ecológica, sujeitos capazes de realizar uma análise crítico-humanizadora entre homem e natureza. (DELIZOICOV; DELIZOICOV, 2014, p. 123).

Para tanto, as intervenções realizadas na escola foram planejadas de forma que promovessem a integração da comunidade escolar, do entorno à escola e os demais parceiros, para que juntos eles pudessem contribuir com o projeto de Educação Ambiental proposto, levando em consideração as experiências do cotidiano de cada um.

Oportunamente, com fito na proposta inicial do Projeto Sustentabilidade, Reis (2015) esclarece que para melhorar as relações de trabalho e o desempenho dos alunos na Escola Municipal Cabula I torna-se necessário desenvolver atitudes sustentáveis focadas no autoconhecimento, pois, para ela, muitos conflitos que ocorrem na escola interferem nos processos de ensino e aprendizagem, tornando o espaço escolar uma zona de desconforto:

Porque a mudança que queremos ver na nossa organização social (na nossa escola), e no meio ambiente depende de uma mudança interna. Nós mesmos quando somos capazes de refletirmos no modo como conduzimos os relacionamentos, o trabalho, a forma como produzimos, consumimos e lidamos com recursos naturais. No início, podemos temer que esta ideia de "mudança de dentro para fora" soe infantil ou ingênua! Mas conhecer a si mesmo é o saber mais potente do universo e sem hesitação posso afirmar: se queres transformar o mundo, é melhor começar por mudar o seu mundo. (REIS, 2015, p. 3)

Sendo assim, a proposta desta pesquisa se constituiu na inserção da EA na escola norteando seus princípios de acordo com a Resolução nº 2, datada de 15 de junho de 2012 e o que dispõe a Lei nº 9.795, de 1999, da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e utilizando-a como parte responsável pela construção de “sociedades justas e sustentáveis, fundadas nos valores da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade, sustentabilidade e educação como direito de todos e todas” (BRASIL, 1999; BRASIL, 2002).

Dessa forma, a autora desse projeto, os parceiros e os colaboradores que executavam as ações na/com escola - alguns que já tinham contribuído com a instituição – estavam alinhados em interesses comuns, uma vez que se objetivava encontrar alternativas que estabelecessem

um diálogo entre os conteúdos didáticos tradicionais da educação básica e a realidade cotidiana da comunidade escolar e do entorno.

Mais ainda, a proposta de Educação Ambiental discutida neste projeto inclui tanto a realização de práticas educativas desenvolvidas com o intuito de melhorar o desempenho escolar dos alunos, as relações sustentáveis de trabalho e de autoconhecimento entre funcionários, professores e alunos da escola, como também, indaga sobre a efetividade da interação da escola com a comunidade do bairro da Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras na construção de ações mais amplas e que possam, inclusive, salvaguardar o Horto Florestal do Cabula.

Desta forma, esta pesquisa procurou dialogar com o público escolar logo nos primeiros dias de 2015, a fim de inserir no calendário letivo ações que fossem desenvolvidas pela escola através do Projeto Sustentabilidade, mas também, contemplassem o objetivo geral deste estudo que se interessa por saber **como a Educação Ambiental está sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida.**

Depois das devidas apresentações e discussões sobre a metodologia que iria ser aplicada durante o ano, foi debatido os referenciais teóricos que iriam ser empregados, especialmente em relação ao conceito de Meio Ambiente e Educação Ambiental. Sendo assim, o conceito escolhido para ser norteador das atividades propostas foi o defendido por Leff (1998; 2003; 2010) que considera o Meio Ambiente uma totalidade composta por partes sinérgicas; e o de Loureiro (2003; 2004; 2006; 2014) que analisa a Educação Ambiental como transformadora, ativa e cooperadora de valores éticos.

As ações que foram desenvolvidas no 1º semestre de 2015 serviram como forma de estreitar a relação entre a pesquisadora, a comunidade escolar e a do entorno. Estes laços foram construídos através da participação em eventos escolares, como o dia da família na escola, bazares, reunião de pais e mestres, feiras para arrecadação de recursos e outros similares.

Em relação ao dia da família, houve uma grande satisfação da equipe gestora pela quantidade de pessoas que tinha ido prestigiar o evento (o público estimado foi de 150 pessoas) e para esta pesquisa serviu para certificar que a comunidade estava receptiva aos

convites realizados pela escola e desejava a parceria. Outro aspecto observado nessa oportunidade foi a comprovação da informação obtida durante as reuniões pedagógicas do início do ano de que na Escola Municipal Cabula I não é comemorado dia das mães ou dos pais, pois quando esses dias eram realizados, a escola tinha problemas com ocorrências comportamentais devido às modificações no padrão familiar. Muitos alunos são criados pelos avôs, tios, outros parentes ou até vizinhos; não possuem pai ou o desconhece; são abandonados pelas mães devido ao uso de drogas e demais situações que ajudam a agravar as condições de vulnerabilidade social.

A partir deste contato e das observações realizadas foi possível investigar como as questões de cunho social atingiam a sustentabilidade ambiental da localidade. Assim, durante o primeiro semestre foram realizadas, através das parcerias, as seguintes atividades: peça teatral “O Vaqueiro e o Bicho Froxo” e “O bicho”, oficina EMBASA, oficina de Arte Graffiti, Geladeira Cultural, contação de histórias sobre o bairro e ginástica corporal. As atividades, em maioria, contemplam além da temática do meio ambiente a temática proposta pela escola, a sustentabilidade do “ser”.

No segundo semestre as questões foram focadas na temática meio ambiente. E colocaram-se em análise algumas questões pré-concebidas por esta autora: a interação dos alunos durante as atividades, organização da escola para receber o público do entorno, adaptação da linguagem técnica à linguagem comunitária, interpretação dos conceitos de Meio Ambiente e Educação Ambiental e outras que viessem a surgir com o intuito de responder as questões desta pesquisa.

Uma das preocupações desta pesquisa foi informar aos parceiros que se apropriasse da necessidade de fazer adaptações na linguagem, geralmente técnica, empregada durante as ações realizadas. Visto que o intuito era dialogar e fazer com que as pessoas interagissem, sendo assim, não se poderia utilizar termos que não fossem compreendidos:

Um educador democrático, que é preciso saber ouvir uma criança negra com linguagem específica dele ou dela como a sintaxe específica dele ou dela, saber como ouvir o camponês negro analfabeto, saber como ouvir um aluno rico, saber como ouvir os assim chamados representantes de minorias, que são basicamente oprimidas. Se não aprender como ouvir essas vozes, na verdade não aprendemos como falar. (FREIRE, p. 90, 2014)

A partir desse entendimento começou-se a trabalhar com os alunos a fim de que percebessem que sua cultura, valores e modos de proceder tinham validade dentro da

sociedade que eles pertenciam, independentes de questões socioeconômicas. Desta maneira, as atividades pretendiam proporcionar que os alunos se apoderassem dessa ideia e passassem a contribuir com as atividades desenvolvidas. Mais ainda, preferencialmente, as ações práticas eram realizadas em círculo ou semicírculo⁹⁸, considerando que o intuito era formar diálogos e não passar conhecimentos.

Era preciso fazer com que as pessoas acreditassem que elas tinham algo a oferecer, pois, para esta pesquisa, Educação Ambiental é aproximar, é ação, é comunidade. Dessa maneira, foi feito no percurso deste trabalho o resgate da história do bairro, recordando a participação dos alunos, de pais, avós e antepassados na construção de estradas, dos prédios e do próprio Conjunto do ACM, reconhecendo-os como parte da pesquisa.

Além disso, a forma como as ações foram planejadas criou expectativas por parte dos parceiros e colaboradores, que acreditavam poder estreitar os laços com as pessoas a quem se destinavam as suas práticas de EA. Criou-se um envolvimento entre os participantes das ações de modo que cada um deles puderam opinar, recordar fatos de vida, ou desejar melhorias no seu dia-a-dia.

Ainda assim, a participação da comunidade do entorno à escola foi incipiente. Mesmo com todos os esforços empreendidos não tivemos êxito: os pais não eram comunicados; havia uma restrição de público por conta da insuficiência de profissionais; outros achavam que seriam mal recebidos por conta de questões religiosas; dentre outros fatores que causaram incompletude no resultado das atividades.

A atual gestão divulga entre seu público escolar a questão do reconhecimento do “lugar”, de “suas origens”, do “pertencimento”, mas sem a participação da comunidade essa prática torna-se nula. Ao ser questionada sobre como a instituição pretende trabalhar para diminuir a distância para com a comunidade, a atual gestão respondeu:

A escola fez muitas atividades significativas, muita coisa boa, mas a comunidade precisa participar um pouco mais! A comunidade precisa saber, se envolver, participar um pouco mais. Como nós temos um número muito reduzido de profissionais, que poderiam contribuir com isso aí se instaura a falha porque a gente acaba se sobre carregando demais. O que gente pensou: a gente pensou em

⁹⁸ Esta prática também se vale da cultura africana que tem a circularidade como um ponto chave na relação entre seus indivíduos. Esta característica pode ser observada em manifestações culturais afro-brasileiras como a capoeira e o samba de roda evidenciando que a circularidade representa no interior desta cultura uma forma particular de interação. (PETIT; CRUZ, 2008).

aproveitar os parceiros que a gente tem, inclusive você, para seres divulgadores, saírem para trazer. Por exemplo: você é uma pessoa que tem contato com determinado quantitativo, com determinado segmento da comunidade porque você faz parte, de certa forma, dessa comunidade. É importante ressaltar, que quando falo a respeito de auto avaliação e identificamos a possível melhoria na comunicação e diálogo com a comunidade e inserção da mesma na unidade, falo no sentido de pensar de quais outras, além das usadas, poderíamos fazer uso para melhor aproximar. Isso então não pode ser caracterizado como deficiência, pois ao meu ver, deficiência fala de um lugar do “não realizado”, e não foi dessa forma que aconteceu, pois todos os recursos e instrumentos, dentro de todas as possibilidades possíveis, foram utilizados inclusive com todas as dificuldades que se encontra no serviço público. (INFORMAÇÃO VERBAL)⁹⁹

Diante da realidade apresentada, procurou-se reduzir os entraves apresentados diante da falta de interação entre a escola e a comunidade do entorno através de ações oportunizadas com o público da EJA. Dentre elas destacam-se rodas conversas, palestras, exposições de imagens e trabalhos escolares, audição de vídeos e músicas, e outras que possibilitavam o desenvolvimento de ações de cunho socioambiental baseadas na ancestralidade dos povos africanos e indígenas que povoaram a localidade, bem como, em tecnologias alternativas desenvolvidas pela comunidade para minimizar as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. Veja a figura criada para representar essa relação:

Meio Ambiente

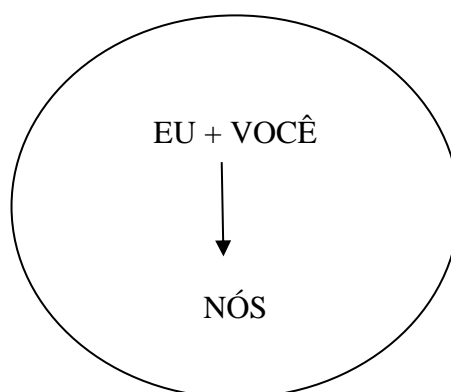


Figura 8 – Meio Ambiente somos todos nós
Autor – Própria autora, 2015.

⁹⁹ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

Esse processo gerou o reconhecimento de práticas já realizadas pela comunidade, mas que algumas vezes passavam despercebidas, visto que não tinham conhecimento sobre sua importância ou porque não haviam estímulos externos para a sua realização. Entre essas destacam-se: reaproveitamento de sobras de gorduras (peles de aves, sobras da fabricação de dandê, etc.) para a fabricação de sabão; fabricação de poços para coleta e armazenamento de água; fabricação de aromatizantes naturais, dentre outras.

Assim, essas reflexões foram promotoras de um sentimento de empoderamento, levando o público envolvido no trabalho a não somente contribuir na coleta de dados, como também, reconhecer que a escola precisava mudar e que eles deveriam ser sujeitos ativos para que essa mudança fosse efetivada.

No início de 2016, através de depoimentos feitos por alunos da EJA matriculados na Escola Municipal Cabula I à Secretaria Municipal de Educação, se verificou que a gestão da escola vinha enfrentando dificuldades na promoção de atividades que favorecessem a frequência desses alunos na instituição. Inclusive, pondo em risco as atividades para esse público, no que diz respeito ao oferecimento dessa modalidade de ensino devido a falta de matrículas. Tal situação levou a escola a reconhecer tal dificuldade e repensar novas formas de enfrentar essa problemática.

Após conseguir reverter à situação, a escola começou a colocar em prática algumas ações acordadas com os alunos, tais como: fazer aulas expositivas que incentivassem a criação de rodas de conversas. A primeira temática foi “A história que faz parte de nós”, proferida por esta autora a partir de dados desta pesquisa. Outras atividades desenvolvidas foram cursos profissionalizantes, como, o de serigrafia, ministrado pelo Projeto Cidadão e a exposição de ações nos murais, jornais, meios eletrônicos; dentre outras formas que venham a contribuir para a divulgação e o aumento da participação dos alunos.

Em relação ao conceito de meio ambiente, apesar das atividades serem focadas no princípio da totalidade Leff (2001), dos alunos do 5º ano do ensino fundamental que participaram dessa pesquisa, 65% acham que meio ambiente é preservar a natureza; 35% deles não sabem ou não compreendem o seu significado. Deles 85% não sabem responder sobre educação ambiental; 15% disseram ser o modo de tratar o meio ambiente.

Compreende-se a partir dos resultados que embora a instituição reconheça a dimensão do conceito de meio ambiente, tem-se a necessidade aprimorar técnicas para “controlar os efeitos contaminantes e dissolver as externalidades socioambientais geradas pela lógica do capital” (LEFF, 2001. p. 133). A professora do 5º ano do turno vespertino reforçou a compreensão anterior ao analisar as ações práticas realizadas durante o ano de 2015:

As dificuldades são na verdade tornar nosso educando autônomo nas práticas do cuidado com o outro (sujeito) e como o meio onde vive. Pois durante as aulas eles interagem, participam com ideias e até mesmo com práticas reais e possíveis desses cuidados, a questão é quando saem da sala de aula e essas práticas são esquecidas. Então esses conhecimentos precisam ser internalizados pra serem praticas autenticas no cotidiano dos nossos educandos cidadãos. Creio que as visitas e passeios potencializam muito a internalização dessa construção cidadã, porque é a expressão pratica das possibilidades vistas nos: livros, vídeos, texto, músicas em sala de aula. Então quero mais passeios! (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁰⁰

Em relação às visitas realizadas, boa parte dos alunos destacaram como pontos positivos e motivadores: a oportunidade de colher informações para que pudessem ser utilizadas em sala de aula, a possibilidade de ter contato com novos lugares, que nunca tinham visto, e desfrutar novas oportunidades de conhecimentos. Consequentemente, todas as parcerias estabelecidas em 2015 foram renovadas e outras já estão sendo efetivadas, como, por exemplo, uma oficina de reaproveitamento de sobras alimentares promovida por um chefe de cozinha internacional que mora no bairro do Beiru.

Todos os alunos consideraram que houve mudanças de atitudes a partir das ações de Educação Ambiental promovidas em parceria com esse projeto. Quando questionados sobre quem representa o meio ambiente na sua comunidade, eles responderam: a reciclagem, a escola Cabula I e a floresta. A partir da interpretação do Meio Ambiente pela ótica dos alunos, é possível inferir que alcançaremos a sustentabilidade socioambiental quando resolvermos a relação de conflito entre a natureza e a sociedade do capital.

Para auxiliar nas atividades socioambientais sugeriu-se convidar instituições que possuíam trabalhos desenvolvidos por seus funcionários com temas relacionados à sustentabilidade¹⁰¹ ambiental. Algumas dessas ações foram acordadas previamente nas

¹⁰⁰ JESUS, Ana Lúcia de. **Entrevista VIII**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice H desta Dissertação.

¹⁰¹ Aqui entendida como a capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras.

reuniões pedagógicas realizadas no início do ano de 2015, quando se discutia o Projeto Sustentabilidade.

A nossa proposta foi, que além desses temas, fossem considerados os aspectos ligados a colonização e a urbanização da localidade do Cabula, pois a mesma se enlaça com a história do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras, como também, a cultura e as tecnologias sociais utilizadas pela comunidade. Desta forma, o trabalho com o projeto compreendia uma Educação Ambiental, tal qual defendida por Loureiro (2015), que ao constituir o Ambiente como totalidade informa que ele é a própria síntese da relação entre sociedade e natureza.

Sendo assim, buscou-se relacionar as ações de parceria com a escola aliando a criticidade proposta por Freire (1996) quando o mesmo nos incitou a analisar a importância dos saberes dos educandos nas nossas práticas pedagógicas:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência entre as pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Apreendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 1996, p. 17)

Mais ainda, balizando-se nos pressupostos para a Educação Ambiental sugeridos por Loureiro (2006), que assim como Marx (1844), acreditava ser o homem complexo e parte da natureza:

[...] pensar em mudar comportamentos, atitudes, aspectos culturais e formas de organização, significa pensar em transformar o conjunto das relações sociais nas quais estamos inseridos, as quais constituímos e pelas quais somos constituídos, o que exige, dentre outros, ação política coletiva, intervindo na esfera pública, e conhecimento das dinâmicas social e ecológica. (LOUREIRO, 2006, p. 126).

Para Loureiro (2006) “o educador precisa atuar politicamente, exercer sua cidadania, conhecer e ter compromisso social para que se eduque, ou seja, se aprimore em sua condição humana produzindo cultura e meios para agir no mundo”. Neste sentido, as atividades que foram planejadas tinham por intenção fazer com que os participantes desta pesquisa compreendessem a importância de suas ações para/com o meio ambiente e lembrar de fatos,

muitas vezes esquecidos (ou ignorados), como, por exemplo, a importância da cultura dos povos afro-indígenas que povoaram a localidade. Com isso todos os envolvidos eram incentivados a contribuir através de suas indagações, sugestões, formas de pensar e outros posicionamentos que os colocavam a par de seus lugares no mundo:

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que, se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude. (FREIRE, 2002, p. 9)

Portanto, o trabalho foi desenvolvido em conjunto o que o reverberou em ações exitosas, possibilitando a realização dos objetivos propostos. A colaboração de sujeitos variados facilitou à execução das práticas, pois, mesmo as pessoas mais tímidas e aquelas que não possuíam facilidade para a realização de atividades dinâmicas, mostraram-se envolvidas e buscaram relacionar as suas características pessoais para somar esforços no grupo.

Além do mais, as demandas do mestrado acadêmico são melhores resolvidas quando existe a participação ativa do público da pesquisa – caracterizado como: comunidade escolar e do entorno, parceiros e colaboradores. Outro aspecto a destacar, é que como as decisões são tomadas em conjunto ou com a participação de outros envolvidos, a responsabilidade de se decidir por outras pessoas ou por uma instituição em particular não recai apenas sobre uma pessoa, isso facilita, inclusive, o trâmite com questões burocráticas.

Além disso, o público da EJA mostrou-se mais envolvido e, mesmo com a problemática enfrentada pela Escola Municipal Cabula I diante da ameaça de fechamento das turmas direcionadas a esse público em 2016, notou-se o envolvimento dos alunos no planejamento de atividades similares às desenvolvidas em 2015, especialmente aquelas que buscavam intercalar os conteúdos escolares a fatos comuns ao dia-a-dia dessas pessoas e que sugeriram temáticas para discussão.

Dessa forma, logo abaixo, descreve-se que instituições públicas e demais parceiros corroboraram no desenvolvimento de ações de Educação Ambiental em parceria com a Escola Municipal Cabula I e este Projeto de Mestrado.

4.2 Parceiros, Colaboradores e o Projeto de Pesquisa

4.2.1 Caixa Cultural: Projeto Gente Arteira.

Uma das parcerias que facilitaram as atividades de pesquisa, a partir do oferecimento de atividades culturais para os alunos da Escola Municipal Cabula I, foi o Projeto Gente Arteira, desenvolvido pela Caixa Cultural. A instituição é conhecida por assegurar a preservação e a democratização do acesso ao patrimônio cultural brasileiro por meio do patrocínio a instituições e atores culturais do Brasil e do mundo.

O projeto possui o objetivo de unir ações de arte-educação à programação da Caixa Cultural, oportunizando visitas monitoradas, mediação às exposições, transporte gratuito e lanche. Essa atividade ajudou na identificação de aspectos ligados ao folclore, símbolo da cultura popular e de grande importância para a identidade de um povo e de uma nação. Os temas desenvolvidos em atividades da Caixa Cultural eram evitados, estigmatizados e estereotipados nas discussões escolares, por exemplo, a sereia Iemanjá, Janaína Mãe D'Água e o diabo que foi ilustrado na peça “O vaqueiro e o bicho froxo”, por serem considerados de representações religiosas.

A peça teatral “O Vaqueiro e o Bicho Froxo” é uma remontagem do primeiro espetáculo da Pia Fraus, encenado em 1984, baseado no folclore brasileiro, possuindo no elenco quatro atores que se revesam para contar a história de um Vaqueiro que ver seu grande amor, Rosinha, sendo raptada por uma personagem vestida de diabo que se chamava bicho froxo. Para salvar Rosinha das mãos do bicho froxo, o vaqueiro percorria muitos caminhos onde encontrava personagens do universo místico brasileiro, como o Papa-Figo, Janaína Mãe D'Água, Miquelina do Jequitinhonha, até finalmente reencontrar sua amada e, juntos, numa grande festa, transformarem-se em Sol e Lua.

Em outra oportunidade, os alunos puderam conhecer o trabalho da dupla Cecília Soloaga e Ygor Marotta, criadores do movimento “mais amor, por favor,” que utilizam paredes de cidades onde há muita desigualdade social como São Paulo, para fomentar através de imagens a gentileza, o respeito e a educação. A exposição foi chamada de Folclore Digital, organizada a partir da criação de desenhos transformados em animação digital e, na sequência, usando técnicas de projeção, os personagens voavam e percorriam imagens que representavam a paisagem urbana, misturando história animada com a vida real.

A montagem “mais amor, por favor” foi feita em um espaço aconchegante onde alunos, professores e demais funcionários puderam se acomodar e assistir como os artistas deram vida à essa exposição multissensorial, promovendo uma interação entre obra e convidados, como se estivessem dentro das imagens que combinavam grafite digital, poesia, personagens animados, luzes que brilhavam, músicas compostas por sons gravados em lugares da nossa natureza e instrumentos nativos como o tambor.

De acordo com a Caixa Cultural (2015) os seres mágicos que eram apresentados nas imagens “nasceram dos contos e ditos brasileiros, da mistura de lendas indígenas, africanas e portuguesas que fazem parte de nossa cultura e da nossa sabedoria”. Segundo eles, os personagens eram criados para explicar fenômenos inexplicáveis, que aconteciam em nossas águas e matas e eram utilizados como heróis para proteger o que é nosso.

Desta forma, durante a exposição, em uma sala escura, era possível experimentar a sensação de animações passando por nós, do vento, da chuva e da natureza protegida por esses seres, dando a impressão de que os convidados estavam imersos nesse universo onírico.

Conforme já foi mencionado anteriormente, a apresentação de alguns personagens de nosso folclore, que são associados à religiosidade dos povos indígenas e africanos, causou estranhamento em algumas pessoas que acompanharam a atividade. Tais incômodos foram perceptíveis, pois eram verbalizados em frases do tipo: “ta repreendido”, “coisa do diabo”.

Essa reação causou constrangimento tanto a esta autora, quanto à equipe da Caixa Cultural, que mencionou a recorrência de situações como a demonstrada pelo público da Escola Municipal Cabula I. Vale ressaltar que as reações foram em número reduzido, pois, em maioria, se destacou a alegria e o encantamento de poder participar da ação e, também, o aprendizado sobre lendas, contos e o imaginário dos nossos antepassados sobre a defesa dos recursos naturais que pôde ser trabalhada pelo calendário escolar no Dia do Folclore.

4.2.2 Empresa Baiana de Águas e Saneamento - EMBASA

A EMBASA procurou a autora desse projeto em 2014 com o intuito de solicitar a indicação de escolas na localidade do Cabula, onde a sua equipe de Educação Ambiental pudesse desenvolver um trabalho de conscientização do uso da água. Desta forma, ao mencionar o trabalho que estava sendo desenvolvido na Escola Municipal Cabula I, a responsável pelo setor, Daniele Lago, se prontificou a ajudar no desenvolvimento das atividades com a comunidade *lócus* da pesquisa. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹⁰²

Sendo assim, o objetivo das oficinas realizadas pela EMBASA era discorrer sobre a situação da água em nosso planeta, abordando questões como saneamento básico, políticas públicas desenvolvidas, situações diárias de desperdício e controle, como também, tratar da responsabilidade social para a garantia do Desenvolvimento Sustentável.

Os temas e as atividades realizadas durante as explanações foram adaptados ao público infantil, que tinha de entre 03 a 13 anos de idade, no turno diurno; e a partir de 15 anos no público noturno (EJA). As palestras, exposições de painéis, quadros, sorteios para o público infantil e roda de conversa com o público adulto foram feitas no intuito de dinamizar o trabalho com a temática. A organização das atividades foi discutida com a autora deste trabalho e a representante da EMBASA para que os participantes interagissem durante todo o processo.

Durante a execução das atividades para o público infantil, os maiores ficaram acomodados no pátio da escola e os menores em salas de aula separados também por idade e nível de aprendizagem. Os recursos utilizados nas apresentações foram slides com explicações e conceitos relacionados às temáticas abordadas, filmes, desenhos e ilustrações específicas para o público infantil, além de jogos e brincadeiras, que eram utilizados para relacionar o conteúdo ao dia-a-dia de cada criança.

A principal dificuldade encontrada pela equipe da EMBASA, no turno diurno, foi a grande quantidade de alunos acomodados no pátio, fato este o que dificultou um melhor

¹⁰² Questionário respondido por Daniele Barreto Lago, parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade II**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta dissertação.

desempenho de algumas atividades, por exemplo, os jogos de adivinhação. Entretanto, a equipe da EMBASA demonstrou interesse em retornar à escola para trabalhar este tema, pois a atividade permitiu que fosse discutida a política de saneamento com as crianças de forma a pensar a realidade local, como também, desfrutar da troca de saberes e visões ampliadas da realidade.

Os alunos do ensino fundamental, turno diurno, consideraram as palestras da EMBASA “chatas”. Como as turmas do 2º ao 5º ficaram concentradas no pátio da escola, esta opção prejudicou a concentração dos alunos pela intensidade do barulho, que também foi notado pelos palestrantes. Nas últimas intervenções realizadas na escola houve a exibição de filmes e músicas durante as atividades, pois, para eles, com o intuito de prender a atenção do público infantil.

Já os alunos que pertenciam à Educação de Jovens e Adultos, que participaram da atividade e, nesta pesquisa representam a comunidade do entorno, gostaram da roda de conversa que foi realizada após a palestra explicativa:

[...] a palestra da água, da EMBASA eu gostei também, achei muito interessante! Muito interessante... tirei um monte de dúvidas minhas com a moça que deu a palestra e essas coisa a gente precisa. A gente precisa de novidade.... porque tem horas que dá um branco, a gente esquece as coisas, né? (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁰³

Durante a atividade, além das temáticas citadas anteriormente, houve explicações sobre a conta de consumo de água, serviços executados na comunidade pela Empresa, além de serem feitos esclarecimentos acerca das reclamações e sugestões feitas pelos alunos, professores, funcionários e demais convidados. Vale destacar, que os recursos tecnológicos e abordagens pedagógicas utilizadas pelos representantes da EMBASA foram adaptados a partir das interações que iam acontecendo de acordo com o público relacionado aos mesmos.

A equipe da escola, esta autora e a representante da EMBASA já começaram a planejar as atividades que irão ser desenvolvidas durante o ano de 2016, inclusive com ações que contemplem a comunidade do entorno de uma forma mais direta e tentando adequar essa programação ao solicitado pela empresa: “Sugiro que um próximo evento seja realizado em dois dias e que haja divisão de turmas e horários das oficinas”. A ministrante da oficina,

¹⁰³ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice B desta Dissertação.

Daniele Lago, mostrando interesse pelas questões inquiridas pelo público presente, convidou algumas pessoas a participarem de outros eventos promovidos pela EMBASA. Sendo assim, a parceria se estende até 2016.

4.2.3 Empresa de Limpeza Urbana do Salvador - LIMPURB

O intuito de convidar a LIMPURB para ser parceira da Escola Municipal Cabula I foi o reconhecimento do compromisso social que a Empresa possui no desenvolvimento de uma Educação Ambiental especialmente voltada a orientação e a sensibilização das pessoas nas questões relativas ao manejo de resíduos sólidos, bem como, para a orientação do consumo consciente e do reaproveitamento dos materiais e da coleta seletiva.

A equipe de Educação Ambiental da Limpurb já realizou atividades a convite da autora desse projeto, não somente em escolas da região do Cabula, mas em eventos realizados pelo Projeto Turismo de Base Comunitária no Cabula e Entorno - TBC Cabula/UNEB, bem como em outras escolas de Salvador e algumas da Região Metropolitana, o que facilitou a parceria que foi acordada logo no início das atividades do projeto na escola, em 2015.

Na escola Municipal Cabula I foram realizadas oficinas de reaproveitamento de materiais com a confecção de brinquedos com garrafa PET, bolsas com caixas de embalagem TETRAPACK, porta canetas com rolos de papel e jornais reciclados; também ocorreu, uma encenação teatral e contação de histórias baseadas nos malefícios do descarte inapropriado do lixo e a sua produção exagerada.

Apesar da LIMPURB ter gostado de participar dos eventos realizados na escola por considerar que é “através da sensibilização e educação das crianças, será possível perceber mudanças de comportamento significativas, tanto dessas, quanto dos seus familiares¹⁰⁴”. A Coordenadora de Educação Comunitária, Letícia Marques, demonstrou indignação em relação à organização prometida pela instituição escolar. Pois, além de não divulgar os eventos para a comunidade do entorno e para os alunos do turno noturno, como havia prometido, a escola,

¹⁰⁴ Questionário respondido por Letícia Marques, representante da LIMPURB e parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade III**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta dissertação.

nas duas ocasiões em que a Limpurb foi convidada, não garantiu a compra dos materiais solicitados para a realização das oficinas com a devida antecedência, gerando insatisfação.

Em conversa com a vice-diretora e professora Ana Lúcia Mendes a coordenadora desabafou: “sinto pela falta de compromisso com a atividade a ser ministrada. Se não houver a efetivação da parceria nosso trabalho é em vão”¹⁰⁵. E continuou o seu desabafo quando lhe foi perguntado sobre a principal dificuldade enfrentada pela equipe na condução dos trabalhos de Educação Ambiental:

Tivemos dificuldades devido à quantidade de alunos por turma, pois o trabalho que realizamos restringe a quantidade de alunos e tinham mais do que o permitido. Além disso, na oficina de bolsas existe uma idade mínima para participar e a maior parte dos alunos eram mais novos do que o informado. E para finalizar, fomos na escola no turno da manhã e o material solicitado não havia sido disponibilizado corretamente, impossibilitando a realização da atividade nesse turno e só ocorrendo no turno vespertino. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹⁰⁶

Apesar de considerar que os alunos foram prejudicados devido à falta de organização, Letícia Marques, considerou o evento e a forma como ele foi proposto de extrema importância para o desenvolvimento das crianças e adolescentes do local. Segundo ela “a sensibilização dos alunos quanto a importância do cuidado do meio ambiente, principalmente no que diz respeito aos resíduos urbanos”¹⁰⁷ foi um dos seus pontos mais positivos e disse que gostaria de participar de outros eventos em parceria com a Escola.

4.2.4 Revita Engenharia Sustentável

A Revita Engenharia é uma empresa do Grupo Solví que atua no mercado de soluções de engenharia e meio ambiente através de serviços de limpeza urbana, coleta de resíduos sólidos e indústrias de tratamento e valorização de resíduos.

A Empresa foi direcionada pela Limpurb para realizar uma atividade sobre reaproveitamento de materiais. Tal parceria se tornou efetiva a partir do conhecimento das atividades da empresa, que desenvolve projetos em comunidades e cidades, onde grupo possui

¹⁰⁵ Questionário respondido por Letícia Marques, representante da LIMPURB e parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avaliação de Evento/Atividade III**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta dissertação.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

filial. Mais ainda, ao verificar que a empresa não desassocia a questão ambiental, da social e econômica. As ações desenvolvidas na escola, além de gerarem conhecimento para os envolvidos, contribuíram para a geração de renda.¹⁰⁸

A Revita ministrou palestras sobre segurança de resíduos perfuro cortantes, separação de materiais recicláveis, reaproveitamento de sobras, além das oficinas de confecção de flores, jarros, caixas e outros utensílios fabricados através de matérias recicláveis. Porém, assim como as demais empresas que estiveram realizando algum trabalho de parceria com a escola, reclamou da ausência da comunidade do entorno nas atividades desenvolvidas.

O ocorrido levou a empresa a adaptar algumas de suas atividades, pois sua equipe estando acostumada em lidar com a recepção de públicos em grandes eventos, como as ações comunitárias realizadas por programas de televisão – Balanço Geral, TV Record e Jornal do Meio Dia, da TV Bahia – a perspectiva era que pelo menos os pais e outros participantes da comunidade do entorno viessem prestigiá-los.

Como resultado da ação, para o ano de 2016 foi firmado uma nova parceria entre a escola Cabula I e a Revita através do projeto denominado Revita nas Escolas: construindo cidadania. Neste projeto serão oportunizadas ações que terão o intuito de sensibilizar a comunidade escolar em relação à coleta seletiva. Porém, a Revita informou que espera uma participação mais efetiva da comunidade do entorno, inclusive, nas atividades de coleta de material reciclável e, para isso, espera poder contar com o apoio da escola.

A primeira etapa da ação – Diagnóstico e sensibilização - acontecerá em maio de 2016. As demais que compreendem encontros sócio educativos e a visita do Mascote acontecerão nas próximas sextas-feiras subsequentes.

A Revita solicitou que fosse escolhida uma turma de alunos para que os mesmos participassem das ações e servissem de multiplicadores dentro da escola e na comunidade do entorno. A escola também ficou responsável por verificar uma pessoa da comunidade que pudesse ser um multiplicador e organizasse a coleta de resíduos com os alunos. A comunidade escolar e esta pesquisadora também participarão da ação desde o primeiro momento.

¹⁰⁸ Ver fotos no apêndice W.

4.2.5 Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia – COELBA

A COELBA foi a empresa que mais chamou a atenção da comunidade escolar durante a explanação sobre consumo e tipos de energia. Seus monitores sempre prestativos e atentos a linguagem, adequando ao público participante. Souberam também aproveitar dos recursos multimídias para chamar a atenção dos alunos, professores e demais funcionários.

O contato com a empresa aconteceu em três oportunidades durante o ano de 2015: duas delas nas sedes da empresa em Pituáçu e na Praça da Sé¹⁰⁹ e a última durante a culminância realizada na escola, no mês de dezembro.

Criado em abril de 2012, o Centro de Visitação Pituáçu Solar (CVP) é fruto de uma parceria entre a COELBA e o Governo do Estado da Bahia. Sendo localizado no Estádio Governador Roberto Santos (Pituáçu), dedica-se a difusão do uso de tecnologias inovadoras e renováveis, como a energia solar e à conscientização sobre uso eficiente da energia elétrica.

A comunidade escolar conheceu durante a visita a história do Estádio Pituáçu, o primeiro da América Latina a ser autossuficiente em energia solar; ouviram explicações sobre a importância do sol enquanto fonte de energia renovável e geração de energia solar fotovoltaica. Estes conhecimentos foram transmitidos através de palestras com equipamentos interativos, tais como, vídeos, painéis e maquetes. Durante a visita foram distribuídas lâmpadas econômicas para os participantes que levaram suas contas de energia elétrica, manuais de consumo inteligente e folders explicativos.

O Centro de Eficiência Energética e Eletricidade da COELBA, mais conhecido por Museu de Energia Elétrica, foi fundado em 2007 e possui 50 experimentos científicos que tem o intuito de demonstrar, além da história da eletricidade, seus princípios e aplicações, oportunizando também, informações sobre o uso correto da energia elétrica.

Na visita à escola, a equipe da COELBA levou alguns dos brinquedos e jogos temáticos que foram instalados para fazer com que a comunidade escolar aprendesse os princípios da eletricidade e suas aplicações de forma interativa e lúdica. Na oportunidade os alunos

¹⁰⁹ Bairros da cidade de Salvador, Bahia.

apresentaram as maquetes confeccionadas depois da ida ao Centro de Visitação Pituaçu Solar, além de explicar aos monitores suas impressões e dúvidas sobre o assunto.

Para a equipe os eventos realizados proporcionaram a troca de conhecimentos entre os alunos e os funcionários que participaram das ações e destacou como um dos aspectos positivos o método de ensino aplicado, pois, segundo eles, o mesmo facilitou o desenvolvimento dos trabalhos. Veja o comentário da equipe sobre a experiência de visitação na escola:

O método de ensino desenvolvido para os alunos que fizeram tanto atividades teóricas quanto práticas, tais como apresenta es e maquetes relacionadas ao tema. Assim foi possível perceber o engajamento de cada aluno e a capacidade que adquiriram de multiplicar todo o conteúdo para os demais e durante o evento, inclusive. (INFORMA O ESCRITA)¹¹⁰

Os alunos do 5  ano do ensino fundamental também gostaram das a es promovidas pela COELBA e afirmaram a mudança de atitudes após algumas interven es da Companhia:

O primeiro passeio mim ajudou a ser mais responsável, tipo quando eu saia de algum c modo da casa, eu não apagava as luzes mais o passeio mim ajudou bastante e depois eu passei para minha família de dentro de casa. Ater as roupas que minha mãe secava atrás da geladeira agora   diferente. Apago as luzes quando sai do c modo, ater as roupas que minha mãe secava parou. (INFORMA O ESCRITA, ALUNO 5  ANO TURNO VESPERTINO)¹¹¹

Entretanto, assim como as demais institui es, a equipe COELBA demonstrou insatisfa o pela ausência da comunidade do entorno e considerou ser esse o aspecto menos positivo do evento:

Foi perceptível na apresenta o das crianças que o assunto foi absorvido por grande parte da institui o, dessa forma eles poderão e irão compartilhar suas experiências com seus familiares e, conseqüentemente esse conhecimento vai se multiplicando. Entretanto, acreditamos que a comunidade do entorno poderia ter uma participa o mais direta no próprio evento. (INFORMA O ESCRITA)¹¹²

A Companhia sinalizou que caso existisse uma divulga o e participa o maior da comunidade das áreas circunvizinhas a escola, haveria uma aproxima o mais ampla entre Escola/Sociedade e, conseqüentemente, o trabalho desenvolvido ganharia a amplitude

¹¹⁰ Questionário respondido pela Equipe COELBA, parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avalia o de Evento/Atividade IV**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta Disserta o.

¹¹¹ Será mantido sigilo das identidades dos alunos, a fim de atender as exigências do Conselho de  tica.

¹¹² Questionário respondido pela Equipe COELBA, parceira da Escola Municipal Cabula I. **Avalia o de Evento/Atividade IV**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta Disserta o.

desejada pela equipe. Por isso, para 2016, além dos passeios oferecidos, a COELBA sugeriu a implantação de uma base itinerante onde a comunidade poderá resolver questões burocráticas, participar de cursos e palestras, dentre outras atividades que a Companhia se dispõe a oferecer.

4.2.6 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia - IFBA

A Oficina de reaproveitamento de óleo ministrada pela Professora Iara Terezinha Queiroz Pereira dos Santos, que atua na área de engenharia química, do IFBA, *campus* Salvador foi a atividade que teve maior repercussão entre o público adulto da Escola Municipal Cabula I. Devido à periculosidade dos produtos que são utilizados na fabricação do sabão a oficina foi realizada apenas para os alunos da EJA e, oportunamente, esses alunos puderam além da assimilação de novas formas de elaboração de sabão em barra, relembrar uma prática desenvolvida por seus antepassados que aproveitavam sobras de gordura para confeccionar material de limpeza. Veja o depoimento da Aluna da EJA, representante da comunidade do entorno:

Eu gostei muito daquele dia que a moça veio e falou, explicou sobre o sabão. É que minha mãe já fazia desse sabão, só que eu nunca estava em casa para acompanhar pra poder aprender... Nunca estava presente. Ou eu tava trabalhando, ou tava na rua... Quando eu chegava, ela já tinha botado lá na vasilha para secar. Ai, eu nunca via, mas eu sabia que minha mãe fazia. Porém, eu nunca estava nunca e às vezes ela fazia no trabalho, pra patroa dela. Ela aprendeu lá. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹¹³

Para essa aluna a realização do sabão reciclando óleo uniu lembranças de suas vivências familiares - já que sua mãe fazia o sabão - e utilidade no dia-a-dia. Além de preservar o meio ambiente a atividade proporcionou a troca de experiência entre os alunos da escola e a professora, Iara Santos:

Porque às vezes a gente acha que só comprando as coisas, só indo no mercado...não! Às vezes a gente pode fazer também e rende até muito mais a gente fazendo, entendeu? O dinheiro que a gente gasta indo no mercado a gente pode fazer e durar um tempão. Mais do que aquele produto que a gente comprou no mercado, aquele

¹¹³ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II.** [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice B desta Dissertação.

pacote que a gente comprou, entendeu? Não gasta muito. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹¹⁴

A professora Iara Terezinha Queiroz (2015) relata que achou interessante passar o conhecimento sobre aproveitamento do óleo para a produção de sabão, interagindo com a comunidade, alunos e contribuindo para o meio ambiente. Ela informou que para interagir com eles buscou falar a mesma a linguagem da comunidade, além de fazer uso da escuta, ouvindo os relatos dos alunos sobre como seus antepassados quando fabricavam o sabão. Dessa forma, a professora, que foi convidada pelo seu reconhecido trabalho na área de reaproveitamento de materiais, se diz satisfeita, pois alguns alunos até fizeram a prática junto com ela e diz: “Envolver a comunidade é muito gratificante e envolvente!”. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹¹⁵

De acordo com professora Iara Terezinha Queiroz (2015) a atividade lhe permitiu entender o nível de absorção que cada um possui sobre a prática de produção de sabão, pois, cada pessoa contribui de forma diferente, desde crianças até adultos. A atividade agregou conhecimento a sua trajetória de vida, considerando que o público da EJA é diferente do público de suas atividades usuais:

O conhecimento de como conversar com um público diferente do usual, sem conhecimentos de química e que se interessaram em ver o que resultaria daquela reação química, que gerava calor, e tudo que eu comentava que poderia acontecer, realmente acontecia. Observei um grande deslumbramento ao confirmar que o que eu dizia era verdade. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹¹⁶

A oficina de reaproveitamento de óleo para fabricação de sabão ajudou a responder boa parte dos questionamentos dos participantes da oficina, como também, auxiliou no desenvolvimento de habilidades, que os capacitou para solucionar as demandas do dia-a-dia. Realizada para os alunos da EJA, público que representa a comunidade do entorno, foi a atividade que aliou ações de Educação Ambiental mais atuais, como: tecnologia mais limpa através da reutilização e reaproveitamento de matérias; consumo; responsabilidade ambiental, dentre outros, como também, costumes realizados pelos participantes e seus antepassados.

¹¹⁴ Questionário respondido pela Aluna A/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista II**. [dez. 2015]. Salvador, 2015. Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice B desta Dissertação.

¹¹⁵ Questionário respondido por Iara Terezinha Queiroz Pereira dos Santos, professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia - IFBA. **Avaliação de Evento/AtividadeV**. [jan. 2016]. Salvador, 2016. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta Dissertação.

¹¹⁶ Idem.

De acordo com a professora Iara Terezinha Queiroz (2015) a atividade desenvolvida em parceria com a escola atendeu a proposta desta pesquisa, pois segundo ela, a divulgação e propagação do conhecimento mostra a comunidade como fazer Educação Ambiental na prática. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹¹⁷

4.2.7 Museu Carlos Costa Pinto

De acordo com Pinto (2015), a Fundação Museu Carlos Costa Pinto que abriga o museu é uma instituição cultural particular mantida através de convênio com o Governo do Estado da Bahia. Sendo o espaço inicialmente destinado à residência da família Costa Pinto, que nunca a habitou, sofreu adaptações para comportar a sua nova função.

O museu foi inaugurado em 05 de novembro de 1969 pelo então Governador do Estado da Bahia, Luís Viana Filho. Posteriormente o governador Antônio Carlos Magalhães adicionou às suas instalações a biblioteca e o auditório, que são outros atrativos, além do acervo de peças do século XX colecionadas pelo patriarca da família e doadas à Fundação pela viúva Margarida de Carvalho Costa Pinto para a concretização do sonho de seu marido.

Conforme Pinto (2015), “o museu propõe andar em sintonia com os projetos pedagógicos das escolas e contribuir com a difusão da nossa cultura através deste acervo singular, que propicia uma reflexão sobre a nossa tradição cultural afro-brasileira”. (PINTO, 2015)

Em relação a este projeto, a demonstração de peças utilizadas pela sociedade brasileira, especialmente à baiana, divididos em 12 coleções: cristal, desenho, escultura, gravura, imaginária¹¹⁸, mobiliário, ordens honoríficas, ourivesaria, pintura, porcelana e prataria, permitiu que nos transportássemos ao estilo de vida no século XX, principalmente em relação às condições de saneamento básico – demonstração de escarradeiras, perfumadores, pinicos, bacias, dentre outros – como também, pelas joias utilizadas pelas escravizadas, damas de

¹¹⁷ Questionário respondido por Iara Terezinha Queiroz Pereira dos Santos, professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia - IFBA. **Avaliação de Evento/Atividade V**. [jan. 2016]. Salvador, 2016. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice J desta Dissertação.

¹¹⁸ Coleção de imagens de santos católicos.

companhia, que resistiram às condições degradantes da sociedade escravocrata e patriarcal e às leis repressivas de seu tempo.

Os alunos não demonstraram interesse pela história dos escravizados que era contada pelos monitores a partir de uma conversa preliminar com a responsável por esta pesquisa. Em vários momentos foi enfatizado o estilo de vida dos negros durante o período colonial e os alunos se mostraram desinteressados a ponto da monitora responsável pela visita mencionar: “eles reproduzem o que é transmitido a eles, não raciocinam.” (PINTO, 2015)

Durante a visita os alunos do 5º ano mostraram-se agitados e ansiosos em estar passando por lugares que eles ouviam falar, mas nunca tinham frequentado, como o Corredor da Vitória. Apesar dos monitores continuarem a fazer *links* com o projeto sustentabilidade, a Educação Ambiental defendida neste projeto e a descendência africana presente no nosso cotidiano, eles continuaram desinteressados pelas temáticas e expressaram: “preferia ir ao zoológico”; “esse povo não faz parte da minha história.”

Diante do ocorrido durante à visita realizada ao Museu Carlos Costa Pinto, percebe-se que as atitudes dos alunos refletem a falta de hábito em visitar espaços culturais, além de evidenciar que eles não tinham sentimento de pertença em relação a cultura afrobrasileira.

4.2.8 Arte Educador Denissena

O arte educador Denis Sena Rocha, mais conhecido por Denissena, ministrou as oficinas Arte Grafite em parceria com o Projeto Cidadão, com público diversificado e de vários bairros de Salvador. A pedido desta pesquisadora organizou a oficina de cerâmica que, além de contribuir difundindo novos conhecimentos para os alunos da EJA através da confecção de peças, também possuía a finalidade de resgatar a história de vida e a autoestima do grupo, já que muitos deles trabalharam na coleta do material que era utilizado na fabricação de tijolos e na construção de casas:

Pegar no barro me fez recordar minha infância em Madre de Deus onde eu trabalhei na fabricação de tijolos. Eu perdi meu pai muito cedo e eu ajudava no sustento da casa. Era muito difícil! A gente trabalhava por maré, acordava muito cedo, às vezes 4h da manhã e eles pagavam o que queriam porque a gente era criança, muito novo

não sabia se defender. Mas fazer o quê, nós precisava! E ai completava as coisas pescando. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹¹⁹

Logo depois, em 1974, o representante da comunidade do entorno que relata a experiência acima, chegou ao bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras para trabalhar na construção do Condomínio ACM e como encontrou uma realidade parecida com a localidade onde viveu sua infância, ajudou muita gente a construir suas casas de barro.

Mesmo sendo considerada por Denissena uma atividade experimental, em sua opinião, ela despertou vários sentimentos nos participantes, inclusive no arte educador, que lembrou da sua infância no Conjunto ACM. A troca de informações através dos diálogos e da confecção de peças, fez com que os envolvidos na atividade resgatassem as lembranças mais antigas e costumes desenvolvidos por eles e seus antepassados:

Observei muitos olhares durante a minha a minha fala e a interação gerou boas discussões entre os alunos, principalmente com produções voltadas ao temática Indígena-afro, nossas raízes e o respeito pelas diferenças. Na aula prática, no contato com o elemento argila, surgiram boas produções a mão livre. Sentimentos expressados e congelados/materializados pra uma mostra durante a semana na escola. O resultado foi bacana e inspirador. Uma troca memorável de conhecimentos naquela sexta-feira. Dá aula na escola aonde estudei é simbólico. Quem é educador nato, sabe dessa importância. (INFORMAÇÃO ESCRITA)¹²⁰

O artista Denissena informou que além da alegria que sentiu durante a atividade, também foi muito observador durante os questionamentos dos alunos, para ele, os alunos da EJA são pessoas que produzem arte inconscientemente, considerando que “a maioria dos alunos já tiveram contato com argila natural. Foi a transcendência da arte terapia”¹²¹

Em relação ao objeto de estudo desta pesquisa, o aspecto que Denissena (2016) considerou mais positivo foi o comportamento e o posicionamento político dos alunos ao abordar que suas raízes lhes ajudaram a afirmar quem eles eram e de onde vieram, principalmente quando se trata de Educação Ambiental: “O meu papel enquanto ser humano,

¹¹⁹ Questionário respondido pelo Aluno B/ EJA, representante da comunidade do entorno. **Entrevista III**. [dez. 2015]. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

¹²⁰ Questionário respondido por Denis Sena Rocha, arte educador e parceiro da escola. **Avaliação de Evento/Atividade VI**. [jan. 2016]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice O desta dissertação.

¹²¹ Idem.

político e espiritualista é gerar consciência ambiental na vida das pessoas. O primeiro passo é conscientizar o ser humano, através da educação, pois ele é o maior predador”.¹²²

Existem muitas ações de Educação Ambiental realizadas por agentes públicos e privados, aqui classificados como parceiros e colaboradores respectivamente, que podem beneficiar a comunidade do entorno à Escola Municipal Cabula I. No entanto, a escola precisa buscar esses auxílios, já que só começou a se interessar por parcerias com desenvolvimento do Projeto Sustentabilidade e durante a realização desta pesquisa.

Vale ressaltar que todas as atividades realizadas foram articuladas por meio deste projeto de pesquisa. Anteriormente, apenas o arte educador Denissena e colaboradores do Projeto Cidadão utilizava as dependências da escola para a realização de suas atividades. Deste modo, acreditamos que, assim como Denissena, outras pessoas da comunidade poderiam contribuir com a sua experiência de vida e práticas do dia-a-dia nas atividades realizadas pela escola.

A escola precisa oportunizar situações para que atividades similares se efetivem e, segundo Antônio Jorge (2016) “se despir dos preconceitos e aprender junto”, pois para ele “o aprendizado é uma mão dupla”.

4.3 Práticas Socioambientais Realizadas pela Comunidade do Entorno à Escola

As ações realizadas pela escola, parceiros e colaboradores que participaram desta pesquisa, em relação à comunidade do entorno, observou-se que são desenvolvidos hábitos e práticas cotidianas que intencionam diminuir as dificuldades enfrentadas por seus moradores e que poderiam, caso fossem bem direcionadas, contribuir para os projetos de Educação Ambiental promovidos pela Escola Municipal Cabula I.

No entanto, o temor provocado pelas atuais condições socioambientais que se encontra o Horto Florestal do Cabula fez com que a escola se distanciasse, não somente do local, como também, da comunidade onde está inserida, dificultando a socialização de informações que

¹²² Questionário respondido por Denis Sena Rocha, arte educador e parceiro da escola. **Avaliação de Evento/Atividade VI**. [jan. 2016]. Salvador, 2015. O questionário utilizado encontra-se no Apêndice O desta dissertação.

ajudariam na implementação de futuras ações que beneficiariam a todos os envolvidos neste projeto e, em especial, o próprio Horto.

Ao se distanciar da comunidade e do próprio do Horto Florestal a escola acaba negando o seu próprio PPP que reconhece o contexto social em que a escola está inserida. Considerando que o documento reconhece o risco social e a falta de acompanhamento como sendo as características que identificam o público assistido pela instituição: “famílias que são trabalhadores assalariados ou informais, como catadores de sucatas ou ambulantes que levam as crianças para ajudá-los no serviço comprometendo a formação das mesmas”. (PPP, 2014)

Além disso, a proximidade da escola com o Horto Florestal, com os trabalhos que eram direcionados a esse ambiente e com a participação da comunidade do entorno despertaram o interesse de várias instituições de ensino, como também, desta pesquisa. Até o ano de 2014, no Portal do Ministério da Educação, site Data Escola constavam uma lista de atividades complementares realizadas pela Escola Municipal Cabula I onde, algumas que eram recreativas, como o futebol e piqueniques, eram realizadas dentro do Horto, especialmente por serem direcionadas à temática ambiental. Ver as figuras 13 e 14.



Foto 12 – Atividade de recreação com alunos
Fonte – Arquivo MAPA, ano 2014.



Foto 13 – Futebol com alunos
Fonte – Arquivo MAPA, ano 2014.

A atual gestão reconhece que o Horto Florestal foi um grande parceiro da escola e da comunidade do entorno na disseminação de práticas de Educação Ambiental, pois considera que os recursos ambientais existentes dentro de seus limites possibilitavam a aproximação das crianças, da equipe pedagógica e da comunidade ao meio ambiente. No entanto, acredita que

quando as questões sociais se sobressaem, ou deixam de ter um controle necessário, compromete o processo pedagógico desenvolvido:

Quando as questões sociais elas gritam isso interfere no processo pedagógico e isso foi crucial! E te responde o porquê que a gente deixou de ir para o Horto. Porque as atividades no Horto deixaram de ser executadas, porque já passou a ser uma questão de segurança pública! A gente já não podia pegar os meninos, em 2005, em 2006... que ainda estava contemplado pelo PPP para expor no Horto porque já era um risco. Porque já haviam moradores, já havia constituição de algumas casas, de alguns barracos e a gente ficou sabendo que alguns meliantes já estavam frequentando o local; sabia que tinham famílias, mas sabíamos do risco... Então como a gente expor crianças de 7, 8, 9 anos em um lugar desses. Então, o próprio movimento fez com que a escola se recolhesse para a unidade. Entendeu? (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²³

Em consequência do relatado pela atual gestora o Horto Florestal do Cabula já não é mencionado nas discussões que abordam a temática ambiental. Durante o ano de 2015, mesmo abordando a temática da sustentabilidade, de acordo com relatos dos alunos, apenas a pesquisadora deste projeto realizou ações que falavam e incentivam a valorização do Horto Florestal do Cabula.

No entanto, também a pesquisadora ficou impossibilitada de executar algumas ações, tendo em vista a atual condição do Horto Florestal do Cabula. Dentre elas, cita-se a presença de pessoas da comunidade do entorno em visitas, que seguiam roteiros turísticos alternativos a fim de realizar atividades variadas. Esses roteiros atraíam também o público estudante de graduação, de pós-graduação, professores e pesquisadores oriundos de várias instituições de ensino, pessoas de terceira idade, e demais que se interessavam pelas opções socioculturais atribuídas em cada itinerário.

Dentre essas atrações, destacam-se construções ecológicas, tecnologias mais limpas, proteção animal e os roteiros turísticos alternativos que eram realizados nos bairros que tinham acesso ao Horto Florestal do Cabula, como Barreiras e Mata Escura.

¹²³ SANTANA, Alinne Duarte de Andrade. **Entrevista VII**. [mar. 2016]. Salvador, 2016. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice A desta Dissertação.

4.3.1 Construções Ecológicas

Construções ecológicas estão relacionadas “a técnicas de construção que utilizam materiais encontrados no próprio local da construção e propõe a menor interferência possível na paisagem” (FARIA 2015). Desta forma, um bom exemplo sobre o assunto é uma casa de dois andares construída pelo seu morador, mais conhecido por Galego. A casa foi feita com madeiras e outros resíduos sólidos e está localizada dentro do Horto Florestal do Cabula, na avenida de casas que fica próxima à entrada do Galpão do Ministério da Agricultura.

A casa inicialmente foi construída com o intuito de servir de moradia para o padeiro que, na época estava desempregado e não tinha como pagar um aluguel de um imóvel e ao mesmo tempo manter a alimentação de sua família. Diante da dificuldade e aproveitando-se da sua natural criatividade e habilidade para criar produtos a partir de materiais coletados no lixo, o padeiro construiu a casa que serviu de visita para grupos de alunos e outras pessoas que se interessavam na temática ambiental ou que estavam curiosas por conhecer os resultados das invenções de Galego que, como ele mesmo informou, são comuns desde a infância.

Além da construção, na área que estava sobre a responsabilidade de Galego existia um espaço para plantação de hortaliças, plantas medicinais, flores e frutas; criação de animais; oficina e varanda para recepcionar convidados. Tudo isso protegido por um portão eletrônico, também confeccionado com materiais coletados no lixo.

Todas as criações do padeiro nos faz imaginar o quanto se poderia obter de ganhos ambientais se pudéssemos aproveitar o potencial criativo de pessoas como ele. Visto que, um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade contemporânea é justamente o elevado índice de descarte e armazenamento de lixo.

Assim como os outros moradores que pertencem à invasão localizada na área, Galego aguarda definições judiciais para decidir o que irá ser feito do imóvel. Enquanto isso, na medida do possível, ele mantém a construção que já não recebe a mesma quantidade de visitas que no passado, pois a área onde está localizada é bastante frequentada por usuários de drogas e oferece risco a integridade física das pessoas. Ver Foto 14 da casa visitada no ano de 2014.



Foto 14 – Casa feita com Reaproveitamento de Resíduos Sólidos
Fonte – Arquivo pessoal, ano 2014.

4.3.2 Tecnologias Mais Limpas

A sociedade do capital descrita por Karl Marx (1844) e vivenciada até os dias atuais, gera retardos para sociedade e impossibilita o ser humano de fazer escolhas racionais, como atesta o PNUD (2014) ao afirmar que o desenvolvimento humano é um “processo de ampliação no qual as pessoas fazem escolhas que podem capacitá-las a serem aquilo que desejam ser”. Dessa forma, a falta de acesso a serviços básicos de saúde, educação, moradia, e outros, que comprometem à qualidade de vida, promovem condições de vulnerabilidade social e geram deficiência na capacidade de gerir formas próprias de sobrevivência.

O aprendizado em tecnologias de produções mais limpas auxilia na descoberta de ações que possibilita o sujeito em condição vulnerável a encontrar formas alternativas, que promovem a melhoria das condições socioambientais. Diante dessa questão, destaca-se a importância para que esses indivíduos sejam incentivados a desenvolver tais aprendizados dentro de suas comunidades.

Sendo assim, conceituada pelo Centro Nacional de Tecnologias Limpas (CNTL) como uma “aplicação de uma estratégia técnica, econômica e ambiental integrada aos processos e

produtos, a fim de aumentar a eficiência no uso de matérias-primas, água e energia, através da não geração, minimização ou reciclagem dos resíduos e emissões geradas, com benefícios ambientais, de saúde ocupacional e econômicos”, e tendo um forte apelo para uso industrial, as P+L podem ser utilizadas pelas comunidades para prover as deficiências mencionadas.

Os benefícios gerados pelo uso de tecnologias limpas perpassam ganhos ambientais e econômicos, considerando que, de acordo com o CNTL (2003), as tecnologias de P+L resultam em eficiência na eliminação dos desperdícios e reduzem o lançamento de resíduos no meio ambiente. Esta eficiência no trato com os recursos naturais pode ser obtida através de ações que podem ser praticadas dentro de comunidades como a das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras.

Sendo assim, durante as atividades desenvolvidas por este projeto de pesquisa descobriu-se que a comunidade do entorno à escola, mesmo existindo pessoas que nunca tinham ouvido falar do termo, já realizavam atividades que podem ser consideradas tecnologias mais limpas, especialmente, para suprir as deficiências vivenciadas pela maioria dos moradores que ganham salários reduzidos.

Dentre as ações realizadas pelos moradores, pode-se citar: a fabricação de sabão com sobras de gordura; compostagem e outras formas de adubação do solo com sobras de alimentos; diminuição de gastos com água e energia; minimização ou eliminação de matérias-primas e outros insumos impactantes para o meio ambiente, incentivando o consumo de produtos biodegradáveis, de baixo impacto; redução dos resíduos e emissões, ou, se necessário, buscar alternativas para a reutilização, evitando a utilização de copos, pratos, garfos e outros materiais descartáveis; diminuição do acúmulo de produtos sem utilização, dando-lhe outra finalidade, tal como as geladeiras destinadas ao Projeto Alimento Cultural.

4.3.3 Proteção Animal

A situação dos animais no Brasil está cada vez mais delicada e atualmente é considerada uma questão de saúde pública. De acordo com Schultz (2015) a relação entre homens e animais, que perdura há mais de 10 mil anos, tem se tornado cada vez mais complicada. Os animais exigem tempo disponível, gastos veterinários, ração, higiene, e outros cuidados.

Quanto ao ser humano, a falta de estrutura física e/ou psicológica para mantê-los faz com que eles terminem por praticar maus-tratos ou os abandonem os animais a própria sorte.

Em busca da sobrevivência, esses animais terminam revirando lixo atrás de comida, vivendo em situação de rua, tomando chuva e sol até, serem socorridos por pessoas de boa índole ou por instituições protetoras de animais. Caso contrário, por estarem magros, doentes e sujos sofrem outros descasos, como estupros praticados por usuários de drogas, mutilações, e outras práticas resultantes da falta de uma educação socioambiental e de leis mais duras.

Ainda de acordo com Schultz (2015) outro fator que contribui para o abandono de cães e gatos – animais que mais sofrem com o abandono, pois são domesticados e próximos ao homem, o que não exclui a ocorrência de maus tratos praticados a outros de espécies diferentes - é a reprodução indiscriminada, muitas vezes intermediada pelos próprios donos que visam lucrar com a venda de filhotes. Esses proprietários, desconhecem os benefícios causados pela castração ou acreditam em mitos como a alteração comportamental e engorda depois do procedimento, fatos que terminam por prejudicar o controle da reprodução.

Em Salvador, na Bahia, existem várias situações que coincidem com os fatos relatados. Porém, moradores, estudantes e profissionais solidários com a causa animal tentam modificar a realidade apresentada por meio de ações que minimizam a ocorrência de abusos e melhorem a condição de sobrevivência dos animais. Essas práticas não resolvem a questão em definitivo, mas produzem incentivos e auxiliam na condução de ações direcionadas à temática de proteção animal.

Considerando que são desenvolvidas por pessoas da comunidade, ganham respaldo e respeito necessários para a sua efetivação. Como exemplos, citamos: a] Adoção de animais comunitários: os animais são cuidados por moradores de uma mesma região ou rua, sendo os gastos e o trabalhos repartidos entre todos; b] Organização de Mutirões de castração: a comunidade busca o apoio de órgãos públicos que trabalham com esse tipo de auxílio, cadastra cães e gatos que estão aptos a serem castrados, cedem um espaço para a realização, dentre outras atividades que busquem facilitar a realização da atividade no bairro; e, c] Promoção de palestras de conscientização: convite a pessoas ligadas à causa animal com o intuito de promover a conscientização de crianças, jovens, adultos e idosos em relação à responsabilidade de ter um animal, bem como, orientá-las quanto aos riscos da compra de

filhotes em feiras de animais e pet shops; estímulo à adoção e a castração de animais, mostrando os benefícios oriundos das duas práticas.

No bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras existe um Senhor conhecido por Bethys, que mora em uma casa localizada dentro do Horto Florestal do Cabula. Ele cuida de mais de cinquenta cachorros que foram abandonados pelas ruas do Cabula, muitos oriundos da própria vizinhança que por motivos de mudança de endereço, de morte dos antigos donos, ou por não terem condição de manter a criação do animal, deixa-os abandonados.

Sendo ex-funcionário do IBAMA Bethys utiliza-se de sua aposentadoria para suprir suas necessidades e a dos animais que detém sob sua guarda. Cuidando de quase tudo sozinho, em algumas ocasiões tem ajuda de poucos estudantes de veterinária e de pessoas que compram ração, material de limpeza e outros produtos destinados à manutenção do local destinado aos animais.

Em conversa informal ocorrida no ano de 2014, por ocasião de uma visita ao Horto, o protetor¹²⁴ de animais demonstrou o quanto a solidariedade, a fraternidade e o compromisso com o outro devem ser compartilhados com todas as formas de vida. Tal fato fez com que esta pesquisadora relembresse momentos que fizeram parte de sua trajetória de vida, nos quais, se dedicou a proteção animal.

Vinculada a grupos de proteção animal na Bahia e em outras regiões do país, a autora dessa pesquisa pôde compreender a facilidade expressada por Bethys, que impressionou também os outros visitantes: ele citou o nome de todos os animais que surgiam em sua frente, assim como a circunstância em que os encontrou como se estivesse consultando um manual. Fato esse, que se explica, considerando que, apesar da existência de grupos de pessoas com interesses e práticas iguais a que são desenvolvidas por ele, o trabalho de um protetor de animais é quase sempre uma conquista individual e muitas vezes solitária.

¹²⁴ São sinônimos da palavra protetor: defensor, cuidador, zelador, tratador e vigiador. Porém a palavra protetor é a mais utilizada por estar relacionada à aquele que guarda. Este termo se relaciona com outro utilizado nas religiões afrodescendentes como o Candomblé: Exu. A entidade também é conhecida como guardião, aquele que dá segurança e está na frente em todos os rituais.

Quando um protetor de animais faz um resgate, ele se compromete com a ação de ter feito, com quem foi feito e com as consequências que virão pela realização do ato. Visto que, a delicada situação em que se encontra o país no que diz respeito ao trato com os animais, faz com que muitas pessoas, que praticam a salvaguarda, arquem com as despesas, se sobrecarreguem nos trabalhos domésticos para este fim, vivam instabilidades emocionais e outras mais, que modificam a sua estrutura de vida. Por essas questões, cada resgate é uma escolha que envolve dedicação e muito amor.

Embora seja uma temática bastante interessante para ser abordada em ações de Educação Ambiental, não obtivemos êxito no agendamento de atividades para este fim. Em relação às parcerias que procuramos, sendo algumas delas representantes políticos, tinham suas ações relacionadas à aprovação de projetos legislativos, planos e metas para castração de animais, resgates e apuração de denúncias, criação de hospitais públicos veterinários e não tinha a organização de palestras comunitárias como prioridade. O protetor de animais, conhecido por Bethys, não quis participar desta pesquisa em parceria com a Escola Municipal Cabula I, por considerar que a instituição não desenvolve ações que defende a temática praticada por ele e também não demonstra nenhuma preocupação com os problemas vivenciados pela comunidade.

4.3.4 Roteiros Turísticos Alternativos

Constituindo-se como uma atividade que se contrapõe aos roteiros turísticos convencionais, pois foge da prática habitual das operadoras de turismo que concentram suas atividades “predominantemente na faixa litorânea da cidade, contemplando o turismo de sol e praia” (Silva e Sá (2012, p. 10). O roteiro turístico alternativo visa mostrar as pessoas que visitam a comunidade o:

“[...] modo de vida local, ou seja, a sua memória social, cultural e histórica enriquecida pelos saberes, sabores e fazeres comunitários como a história oral, legado histórico, heranças culturais, origens do bairro, conhecimento popular, comidas típicas, festas e outras manifestações culturais e religiosas, músicas, danças, grupos culturais e recreativos, festivais, memoriais, arquiteturas, feiras livres, projetos sociais, atividades econômicas, os aspectos naturais e tudo mais que seja autêntico e capaz de fornecer experiências significativas aos visitantes”. (SILVA e SÁ, 2012, p. 14)

Nesse sentido, estas atividades vão envolvendo tanto à comunidade quanto as pessoas que a visitam na descoberta de soluções e práticas alternativas que possam contribuir para a melhoria das condições socioambientais dos locais e ambientes visitados. Através dos roteiros, as relações e vínculos se estreitam, considerando que as visitas são guiadas e organizadas com a ajuda de membros da própria comunidade. Por isso, em muitas ocasiões, as pessoas que participam dessas ações retornam para implantar ou participar de outras atividades com a comunidade, especialmente aquelas que se destinam a recuperação e conservação dos recursos naturais existentes, como ocorreu com esta pesquisadora em relação do Horto Florestal do Cabula. Ver depoimento de Antônio Jorge sobre a prática dos roteiros alternativos:

A importância do roteiro era as pessoas conhecer a área, saber que tão perto da UNEB havia uma reserva florestal, conhecer algumas espécies de eucalipto, tratador de cães, casas criativas com material reciclado, era aproximar os alunos com a comunidade e vice-versa, a comunidade participava falando do local, abria suas casas e etc. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²⁵

Além dos aspectos apresentados, os roteiros turísticos alternativos preveem que as comunidades melhorem as articulações entre seus membros, aumentem a participação popular nas questões relativas ao seu bairro, fomentem o coletivismo, despertem a valorização e o conhecimento da dimensão sociocultural do turismo, da história e da cultura local, além de compreender a diferença que existe no outro e a diversidade de gênero, etnia e geração, e demais. Fatores esses que compreendem a temática de Educação Ambiental e que favorecem a salvaguarda e melhoria das condições da sustentabilidade do Horto Florestal do Cabula. (SILVA E SÁ, 2012)

No início do projeto os roteiros na comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras tinham como principais pontos o terreiro dos zeladores de Santo Sr. José Paim e D. Itana, a casa de dois andares feita com materiais reciclados, a casa do cuidador de cachorros, a pedreira desativada, a antiga represa, além da mata que fica ao seu redor. No entanto, apenas o terreiro e a pedreira encontram-se disponíveis para a visitação por não oferecerem risco aos visitantes, considerando a insegurança provocada pelo abandono do Horto Florestal do Cabula, Veja o depoimento de Antônio Jorge sobre o acontecido:

¹²⁵ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

Vejo com muita tristeza tudo que deixaram acontecer o horto, diga as autoridades, se eles agissem desde o início da invasão as coisas não estariam sem controle, com centenas de casas já de alvenaria, sem que a maioria deixaram de pagar aluguel para ter seu teto, mas também sei que existe a especulação imobiliária e a área do horto é uma área nobre. Já ouvi inúmeros homicídios dentro do horto e o projeto cidadão não faz mais nenhuma ação por motivo de segurança, nem os alunos de graduação, mestrado e doutorado eu estou levando mais porque tudo pode acontecer a qualquer momento no horto, inclusive ação da polícia, como tem ocorrido constantemente. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²⁶

O caminho onde se encontra a pedreira e o terreiro é o mesmo. Em seu percurso notamos o avançado desgaste causado pela erosão ocasionada pelo descarte irregular do lixo nas lagoas que se formaram a partir da desativação das antigas pedreiras. Na visita ao terreiro *Unzo Bakisé Sasa Ganzua Gongará Kaiango*, liderado pelo Senhor José Paim, cuja fundação ocorreu em 1995, existe a contação de histórias sobre a origem do povo africano com foco nos terreiros de candomblé de nação Angola, as plantas sagradas que existem - ou existiam - no Horto, além de uma demonstração de confecções com panos, roupas e pontos de bordados *Richelieu* utilizados nas cerimônias religiosas e outras em ocasiões destinadas as cerimonias religiosas.

Ademais, o zelador de santo, José Paim (2016), não deixa de citar o respeito pela natureza necessário as pessoas que cultuam a religião do candomblé, pois, de acordo com ele, o respeito se dá principalmente porque é da natureza que o Candomblé vive e sem ela não existe a religião: “Nós vivemos da natureza. O candomblé não vive sem água; o candomblé não vive sem folha, então essa é a educação que você ensina”. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²⁷

Sabe-se que o conhecimento ancestral dos terreiros é de grande importância para a humanidade, pois através dos tempos eles têm reproduzidos hábitos, atitudes, ações e comportamentos, que fazem parte de nossa historicidade. A conversa com José Paim fez lembrar discursos do meu bisavô quando esse reclamava dos aterros que estavam acontecendo próximos ao mar: “A Cidade baixa em Salvador. Tudo era mar. Aterraram. Vocês lembram-se do tsunami? E a orla de Aracaju? A água está tomando o espaço que é

¹²⁶ NASCIMENTO, Antônio Jorge. **Entrevista XI**. [mar. 2016]. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016.. Arquivo nmp3 (120 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice C desta Dissertação.

¹²⁷ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

dela! Se tiver uma revolução e o mar se revoltar? Então, vai indo, vai indo...” Meu bisavô dizia: a água toma seu lugar. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²⁸

O culto aos orixás, especialmente aqueles que se identificam com a água doce e as com matas, fazem do Horto um local especial. Para os terreiros, ter próximo a eles uma reserva de recursos naturais de potencial considerável para a prática de seus cultos faz com que os mesmos viabilizem ações de Educação Ambiental, que preservem a área dentro de seus limites. Vejam, por exemplo, o que ocorre com a área do terreiro Bate Folha, tombado como patrimônio cultural, fundado no ano de 1916 e liderado pelo Senhor Eduarlindo C. de Souza, que garante a preservação da mata localizada ao seu redor, possibilitando o fornecimento de ervas para a prática de seus rituais. Ver a preservação da área do terreiro destacada na Foto 15:



Foto 15 - Horto Florestal, bairros do entorno e área do terreiro Bate Folha.
Fonte - Google Earth, dia 06/03/2015.

Oportunamente, José Paim (2016) deixa uma mensagem para que se tenha cuidado com a sustentabilidade dos recursos ambientais e que demonstra o quanto é necessário o homem e a natureza conviver em harmonia:

¹²⁸ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

Eu acho que o homem não deveria ocupar um espaço que não é dele. Que construa o que quer construir; tenha a evolução, mas que preserve mais. Que conviva com harmonia. Se você precisar tirar uma árvore; plante outra, vamos ver, mas não se tira uma floresta toda. O Horto tinha tudo... Então você constrói uma coisa e destrói outra para você não existir mais. A natureza suporta até onde pode e então ela então devolve em forma de estrago. (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²⁹

Em se tratando das trilhas que eram realizadas no Horto - quando as mesmas podiam ser realizadas - existiam duas que eram feitas com maior frequência: uma cuja entrada ficava próxima ao Conjunto ACM e ao galpão do MAPA e que não exigia esforço das pessoas que a realizavam; e a outra ficava em Mata Escura, no final do Conjunto Habitacional Recanto Verde e que era bem aproveitada por pessoas jovens ou acostumadas a práticas esportivas.

Os dois caminhos possibilitavam um contato muito próximo com diversidade natural existente no Horto do Cabula, local que muitos dos visitantes e até mesmo moradores da região não conhecem e tampouco sabiam da existência. Nessas trilhas eram incentivados hábitos de cuidado como, por exemplo, o manejo cuidadoso com a vegetação nativa e atenção ao descarte correto do lixo que por ventura viesse a ser produzido durante a visita, incluindo informações sobre o tempo de decomposição e prejuízos ocasionados pelos descuidos à fauna e flora comuns à localidade.¹³⁰

¹²⁹ PAIM, José Carlos. **Entrevista X**. [mar. 2016]. Salvador, 2015. Entrevistador: Débora Ribeiro Chaves. Salvador. 2016. Arquivo mp3 (60 min.). Roteiro da Entrevista encontra-se no Apêndice G desta Dissertação.

¹³⁰ Ver Fotos dos roteiros no Apêndice Z.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa iniciou tendo a intenção de investigar como a Educação Ambiental estava sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida. Este trabalho foi desenvolvido por intermédio da abordagem metodológica caracterizada por pesquisa ação eventualmente subsidiada por um estudo de caso, por pesquisa bibliográfica e documental.

Diante da questão central da pesquisa, do percurso metodológico adotado e no cumprimento dos objetivos específicos definidos, o primeiro deles, que foi *verificar a interação e o engajamento da Escola com a comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras*, concluiu-se que apesar da instituição pesquisada ter ações voltadas para a discussão de aspectos relacionados à sustentabilidade socioambiental e de considerar o ser humano parte do meio ambiente, a mesma **não insere a comunidade do seu entorno em suas ações**.

Neste sentido, a Escola Municipal Cabula I precisa descobrir formas que colaborem para a melhora dessa relação. Pois, no decorrer da pesquisa, na realização de entrevistas e na aplicação de questionários, tornou-se evidente que o impedimento para uma relação mais próxima entre comunidade externa e escola não está na comunidade e sim na falta de ações efetivas da instituição a fim de alcançar tal aproximação.

Ressalta-se que, a comunidade não considera que estar presente na instituição é ser convidada nos eventos festivos, exposições ou outras ocasiões parecidas que necessitem da formação de público para o reconhecimento do evento. Participar, para a comunidade, é opinar, ser ouvido, interagir sobre os problemas do bairro e achar soluções em conjunto. Estar na/com escola, para a comunidade, é não ver os muros como um isolamento ou um lugar que seleciona.

Talvez por isso, mesmo com todos os esforços empreendidos, não tivemos êxito para que a comunidade participasse das ações práticas que estavam ocorrendo na escola e, também, a escola mostrou-se deficiente em algumas situações, tais como: a falta de comunicação aos pais de alunos sobre as atividades que estavam sendo desenvolvidas; havia uma restrição de público por conta da insuficiência de profissionais; os alunos não eram avisados previamente sobre a ocorrência das atividades; falta de organização dos materiais que eram utilizados nas

oficinas, dentre outros fatores que causaram incompletude no resultado das atividades. Sem esse diálogo as práticas começaram a apresentar entraves e ficar desinteressantes. Mais ainda, os parceiros e colaboradores começaram a cobrar a participação de membros da comunidade do entorno. Desta forma, entendemos que a relação da comunidade com a Escola Municipal Cabula I e vice-versa precisa ser ressignificada.

Em se tratando da *socialização de práticas sustentáveis da comunidade, órgãos públicos e parceiros que se dispusessem a apresentar de forma colaborativa para o público assistido pelo projeto*, considera-se ter alcançado um resultado satisfatório, pois em um período de 10 meses, de março a dezembro de 2015, **tivemos em torno de 15 parceiros e colaboradores que nos auxiliaram com ações práticas na sede de suas empresas e/ou na própria escola.**

Houve uma mobilização e articulação de ações que envolviam a comunidade escolar e a do seu entorno – aqui representada pelos alunos da EJA, parceiros e colaboradores, especialmente por considerar que as atividades desenvolvidas por este projeto valorizaram tanto os conhecimentos técnicos, quanto àqueles que emergiam das práticas diárias dos participantes e que se relacionavam ao enfrentamento das dificuldades socioambientais dos mesmos.

Ainda assim, apesar da história da Escola Municipal Cabula I estar relacionada ao bairro Barreira, Cabula I ou Estrada das Barreiras e também ao Horto - especialmente, por esses locais fazerem parte da memória de muitas pessoas que passaram pela instituição, seja como colaboradoras, funcionários ou alunos - **as atividades que eram/são desenvolvidas pela escola tem pouca efetividade no incentivo a valorização e preservação do Horto Florestal do Cabula.**

Além disso, os conceitos utilizados para definir Meio Ambiente e Educação Ambiental pela escola são genéricos, baseados em pesquisas feitas através da internet sem nenhum critério científico ou fonte referenciada. Consequentemente, as ações planejadas pela escola são focadas em uma abordagem naturalista e não através de uma amplitude que engloba aspectos sociais, políticos, culturais e ambientais que o ser humano participa no convívio com os outros.

Salienta-se que existem ações de Educação Ambiental realizadas por agentes públicos e privados que podem beneficiar a comunidade do entorno. Porém, em se tratando das ações que foram organizadas no decorrer desta pesquisa, a escola não tinha conhecimento e também não possuía nenhum tipo de interação entre esses agentes.

Outro ponto a ser ponderado, considerado um entrave ao desenvolvimento da pesquisa, foi o fato da escola não ter registros oficiais e poucas documentações, sendo necessário buscar fontes alternativas a fim de encontrar registros sobre a história da instituição.

Desta forma, sugere-se que essa pesquisa seja um ponto de partida para novas práticas de registros e que essa instituição entenda a importância da memória para a construção da identidade. Afinal, estando a escola integrada ao surgimento do bairro ela deve assumir o papel de divulgação e salvaguarda de sua história, que se entrelaça com a do bairro Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras. Destaca-se que o registro da história que envolve a Escola Municipal Cabula I e da comunidade do seu entorno pode ser utilizado como referencial para futuras ações socioambientais

Ademais, deve-se reforçar o encontro de colaboradores e parcerias que trabalhem a temática na perspectiva da totalidade, defendida por Enrique Leff, aprimorando práticas e adaptando-as à história do bairro. Assim sendo, a partir do que foi pesquisado e analisado, sugere-se que as ações realizadas durante o ano letivo de 2015 sejam continuadas e aperfeiçoadas. Inclusive, concluindo parcerias estabelecidas e não efetivadas, como o caso da Secretaria Municipal Cidade Sustentável (SECIS) e com os representantes da proteção animal em Salvador.

Mais ainda, propõe-se que a escola melhore sua relação com a comunidade escolar e do entorno com o exercício da escuta. Esses diálogos podem ser estabelecidos através de rodas de conversas, palestras e oficinas assim como ocorreram em 2015, corroborando no reconhecimento do outro como um parceiro promotor de autoconhecimento. Também se recomenda que outras pesquisas desenvolvam temáticas que trabalhem a questão de gênero, raça e religiosidade na instituição, tendo em vista os comentários e opiniões expressadas nos meios para coleta de dados utilizados neste trabalho.

Durante o percurso de pesquisa, destacaram-se como pontos críticos: o não reconhecimento da etnia africana e indígena como sendo constituintes da identidade - em

especial do bairro das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras - e o preconceito em relação à religião do Candomblé. Uma vez que também não obtivemos êxito na formulação de uma proposta de intercâmbio de informações com terreiros de candomblé e a escola, pois se observa que a comunidade escolar sendo constituída por pessoas de práticas evangélicas, possui resistência em relação à presença de representantes ligados à religião do Candomblé. Vale ratificar sobre a importância do legado cultural e ambiental proveniente dos terreiros, especialmente no que se refere à descendência dos povos africanos que povoaram a localidade do Cabula, dentre outras que foram citadas no desenrolar desta pesquisa.

Além do mais, a cultura afro-brasileira, em especial a sua religiosidade, é marcada fortemente pelo respeito aos recursos naturais, já que para a realização de suas cerimônias e rituais faz-se necessário o uso da água e das ervas, fazendo parte da cultura de seus adeptos o incentivo a preservação de tais recursos. E sendo o Horto um ambiente onde esses dois recursos se fazem presente, o candomblé tem muito a contribuir em práticas de Educação Ambiental.

*Sobre se verificar a situação do Horto Florestal do Cabula frente aos órgãos públicos a fim de sugerir práticas sustentáveis que venham salvaguardá-lo com a participação da escola e da comunidade do seu entorno, esta pesquisa **não conseguiu vislumbrar nenhuma possibilidade que garantisse a sobrevivência do Horto Florestal do Cabula em harmonia com o seu maior destruidor: o homem.*** A cada dia que passa, diante da indefinição sobre o futuro da área, mais casas vem sendo construídas e menos árvores existem, especialmente na área próxima ao galpão do MAPA.

Desde modo, considerando a situação de vulnerabilidade socioambiental da área em destaque, também não houve a possibilidade de sugerir junto à comunidade que se encontra ocupando o local, práticas sustentáveis que venham salvaguardar o Horto Florestal do Cabula, além daquelas que os próprios moradores executam para diminuir as suas dificuldades diárias e que já foram comentadas nesta pesquisa.

Salienta-se também, que apesar de ser registrado nos depoimentos de alguns moradores da comunidade das Barreiras, Cabula I ou Estrada das Barreiras o sentimento de pertença ao Horto Florestal do Cabula, esta pesquisa não notou nenhum tipo de manifestação para defendê-lo, como acontece com a área que se localiza no bairro da Mata Escura.

Também os órgãos públicos não sabem ao certo qual o destino do Horto. Nem o MAPA quem tem a posse legal da área e almeja encontrar um órgão público que se responsabilize, tanto pela área de proteção de recursos ambientais, quanto pelo destino das pessoas que a ocuparam, uma vez que o mesmo não tem interesse de continuar sendo responsável pela APRN. E nem a Prefeitura que intencionou no seu PPDU fazer do Horto um Parque Urbano.

Por fim, destaca-se que o Horto Florestal do Cabula é percebido nesta pesquisa como um espaço cuja importância transcende os limites territoriais e temporais que o delimitam. Isto porque, na medida em que guarda a memória de um povo e de uma localidade, se configura como um espaço detentor de uma identidade, por outro lado, sua riqueza natural e biodiversidade faz com que sua importância ultrapasse os limites do Cabula. Desta forma, a escola e a comunidade do entorno devem valorizar a riqueza natural do Horto, compreendendo que ele faz parte da nossa identidade.

Em suma, este trabalho não se finda com o término deste projeto, pois a memória ainda permanece viva com o Horto, com a comunidade e com àqueles que têm a ancestralidade indígena e africana dentro de si. Esta pesquisa envolveu diversos sujeitos e no exercício da escuta resgatou várias histórias, tendo-se a compreensão que homem faz parte do ambiente e, portanto existe uma sinergia entre os dois.

Espera-se que a pesquisa em questão venha contribuir para a continuidade do trabalho desenvolvido pela escola, pelos colaboradores, pelos parceiros e pela comunidade em prol da melhoria das questões de cunho socioambiental; que surjam outras ações e projetos que nos auxiliem nessa empreitada; que a Educação Ambiental seja uma ação mediadora desta relação e que o Horto Florestal do Cabula seja enfim salvo.

REFERÊNCIAS

- A TARDE: **Movimento ecológico quer salvar o Cabula**. Salvador, 28 out. 1987.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL (Brasil). Programa das Nações Unidas Para O Desenvolvimento Humano (PNUD). **Perfil Socioeconômico de Salvador, Bahia**. 2010. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/salvador>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9284**: Equipamento Urbano. 1 ed. 1986. 4 p. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA_a8AG/nbr-09284-equipamento-urbano>. Acesso em: 24 mar. 2016.
- BAHIA. Cid Teixeira. Secretaria de Saneamento e Desenvolvimento Urbano (Org.). **A cidade de Salvador**: posses e usos de terras. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 1978.
- _____. Guia Geográfico da. **Theodoro Sampaio**: Biografia de Baianos Ilustres.. 2016. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/historia/teodoro-sampaio.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, p.01-22, ago. 2001. Disponível em: <<http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- BARRETO, Ângela. Dos laranjais aos conjuntos. **A Tarde**. Salvador, p. 01-01. 14 jan. 1984.
- BOCCHIET, Silvia Cristina Manginiet al. **Métodos Qualitativos de Pesquisa**: uma tentativa de desmistificar a sua compreensão. 2008. Disponível em: <http://www.emv.fmb.unesp.br/publicacoes/enfermagem/pesquisa_qualitativa_2008.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2014.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. **INDICADOR DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO (Inse) DAS ESCOLAS**. Brasília: Inep, 2016. 7 p. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2011_2013/nivel_socioeconomico/nota_tecnica_indicador_nivel_socioeconomico.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2016.
- _____. Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999. **Dispõe Sobre A Qualificação de Pessoas Jurídicas de Direito Privado, Sem Fins Lucrativos, Como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, Institui e Disciplina O Termo de Parceria, e Dá Outras Providência**. p. 1-19. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9790.htm>. Acesso em: 18 mar. 2016.
- _____. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm.
- _____. Lei nº. 6.938, de 31 de agosto de 1981. **Política Nacional do Meio Ambiente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L6938org.htm>.

_____. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. . Projeto Mais Educação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>>. Acesso em: 15 mar. 2016

CARNEIRO, Rúbia Marluzaet al. **MÓDULO EXPERIMENTAL 1: A construção do projeto político pedagógico da escola.** 2015. Módulo faz parte do acervo do Moodle/UFBA.

Disponível em:

<<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=14550&chapterid=10905>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

CATRACA LIVRE. **'Folclore Digital' promove reflexões sobre a natureza.** 2015. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/curitiba/agenda/gratis/folclore-digital-promove-reflexoes-sobre-a-natureza/>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

CAIXA CULTURAL (Salvador). Caixa Econômica Federal. Folclore Digital. In: MAROTTA, Ygor; SOLOAGA, Ceci. **Exposição Folclore Digital.** Salvador: Caixa Cultural, 2015. p. 1-17.

CARDIM, Priscila HortélioSturaro. **PRÁTICAS EDUCATIVAS E PLURALISMO RELIGIOSO.** 2010. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-PRISCILA-HORTELIO-STURARO-CARDIM.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

COORDENADORIA DE ENSINO E APOIO PEDAGÓGICO (CENAP). **SALVADOR, CIDADE EDUCADORA: novas perspectivas para a educação municipal.** Salvador: SECULT, 2010. 65 p. Prefeito João Henrique de Barradas Carneiro. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/diretrizes-pedagogicas-SSA.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

COSTA, Flávio. **Ocupação ilegal ameaça Horto Florestal do Cabula.** 2008. Fonte: Correio 24h. Disponível em: <http://www.liderancadaoposicao.ba.gov.br/noticias_completas.cfm?identificador=1371>. Acesso em: 21 maio 2014.

DELIZOICOV, Demétrio; DELIZOICOV, Nadir Castilho. Paulo Freire: uma proposta pedagógica ético-crítica para a educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende (Org.). **Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire.** São Paulo: Cortez, 2014. Cap. 4. p. 116-154.

DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI.** São Paulo: Cortez, 1998. 281 p.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Significado de étnico-racial.** 2016. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/étnico-racial/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

ESCOLA MUNICIPAL CABULA. **PPP: Projeto Político Pedagógico.** Salvador: Edição Própria, 2014. 23 p.

FERNANDES, Rosali Braga. **Las políticas de laviviendaenlaciudad de Salvador y losprocesos de urbanización popular enel caso del Cabula.** 2000. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia Humana, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2000.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Paz & Terra, 2014. 398 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. 63 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOMES, Antônio Aderbal de Souza. **Cabula: A história de um bairro e de sua população**. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 1984. 27 p.

GOUVEIA, Anneza Tourinho de Almeida. **UM OLHAR SOBRE O BAIRRO: ASPECTOS DO CABULA E SUAS RELAÇÕES COM A CIDADE DE SALVADOR**. 2010. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS: uma análise das condições de vida da população brasileira**. 29. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 293 p. (ESTUDOS E PESQUISAS).

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL DO BRASIL (ITS BRASIL). **Conceito de Tecnologia Social**. 2016. Disponível em: <<http://www.itsbrasil.org.br/conceito-de-tecnologia-social>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, mar. 2003.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 239 p.

_____. **A Complexidade Ambiental**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2003. 342 p.

_____. **Saber Ambiental**. 1.ed. Petropolis: Vozes, 1998. 327 p.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 224 p. (Cultura negra e identidades).

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educar, participar e transformar em educação ambiental**. Revista Brasileira de Educação Ambiental, Brasília, v. 1, n. 0, p.1-144, nov. 2004. Trimestral. Publicação da Rede Brasileira de Educação Ambiental. Disponível em: <http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/revbea_n_zero.pdf#page=13>. Acesso em: 27 fev. 2015.

_____. Karl Marx: história, crítica e transformação social na unidade dialética da natureza. In: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (Org.). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação / Unesco, 2006. p. 125-137. (Educação para Todos). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao4.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

_____; TORRES, Juliana Rezende (Org.). **Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2014. 184 p.

_____. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 8, p.37-54, 14 mar. 2003. Texto elaborado a partir da palestra "Educação Ambiental numa ótica transformadora". Disponível em: <https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=PuSBVYugMYiq8wek2YFQ&gws_rd=ssl#q=educação+ambiental+proposta+por+Carlos+Frederico+Loureiro>. Acesso em: 30 jul. 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. 2014. Ed. RidendoCastigat Mores (www.jahr.org). Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

MATTA, Alfredo. **Licenciatura em História: História da Bahia**. Salvador: Eduneb, 2013. 100 p.

MESZAROS, Istvan. **A Educação para Além do Capital**. Disponível em: <http://revista-theomai.unq.edu.ar/NUMERO15/ArtMeszaros_15.pdf>. Acesso em: 15 out. 2013.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 115 p. (Edições UNESCO Brasil). Revisão Técnica de Edgard de Assis Carvalho. Disponível em: <www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1035842&key;>. Acesso em: 02 jun. 2014.

NICOLIN, Janice de Sena. **A Sociabilidade Cabuleira**. 2015. Disponível em: <http://www.artebagacodeart.art.br/page_3.html>. Acesso em: 05 jan. 2015.

NICOLIN, Janice de Sena. **ArtebagaçoOdeart: Ecos que entoam a mata africano-brasileira do Cabula**. 2007. 450 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação e Contemporaneidade, Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <http://www.ppgeduc.com/dissertacoes/turma_4/2004_11_janice_de_sena_nicolin.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2014.

NUNES, Eduardo José Fernandes. **Agenda 21: estratégias de desenvolvimento local sustentável local na periferia de Salvador**. Educação e Contemporaneidade. Revista da FAEEBA, v. 16, n. 28, p. 57-76, jul/dez, 2007.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. ARKHÉ: CORPO, SIMBOLOGIA E ANCESTRALIDADE COMO CANAIS DE ENSINAMENTO NA EDUCAÇÃO. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 31., 2008, Caxambu. **Anais...**. Caxambu: Anped, 2008. v. 1, p. 1 - 13. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT21-4159--Int.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PINTO, Fundação Museu Carlos Costa. **Informações sobre o Museu Carlos Costa Pinto**. 2015. Disponível em: <<http://www.museucostapinto.com.br/capa.asp>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

PNUD BRASIL. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Desenvolvimento Humano**. 2015. Disponível em:

<http://pnud.org.br/IDH/DesenvolvimentoHumano.aspx?indiceAccordion=0&li=li_DH>. Acesso em: 13 jan. 2015.

RIOS, Renato. **Homem fica preso na "Pedreira" do Arraial do Retiro**. 2013. Sobre Pedreiras Omacil que se localizam próximas ao Horto Florestal do Cabula. Disponível em: <<http://arraialnarede.blogspot.com.br/2013/04/homem-fica-presos-na-pedreira-do-arraial.html>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

ROCHA, Denis Sena. **Correspondência Pessoal**. Salvador: Cabula I. maio 2015.

SALVADOR. Lei Municipal nº 6586, de 03 de agosto de 2004. **Dispõe sobre o Plano Diretor do Município do Salvador (PDDU) e dá outras providências**. p. 1-64.. Disponível em: <http://portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-legislacao/GERAL/LOCAL/lei%20n%C2%BA%206586-2004%20pddu.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SANTOS, Antônio Jorge Nascimento dos. **Correspondência Pessoal**. Salvador: Cabula I. junho 2015.

SANTOS, Elisabete et al (Org.). **O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes**. Salvador: Ciags/ufba; Sema, 2010. 245 p. (Coleção Gestão Social). ISBN - 978-85-60660-08-7.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18ª edição Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, Railton Lopes dos. **RELATÓRIO: histórico inicial e levantamento sobre invasões e danos causados na área de preservação ambiental do Horto Florestal DO Cabula – Salvador/BA**. Salvador: SFA/BA, 2016. 24 p.

SANTOS NETO, Manoel Antônio. Os Quilombos de Salvador. **Princípios: Revista teórica, política e de informação**, São Paulo, v. 8, p.01-60, 01 maio 1984. Trimestral. Editora Anita Garibaldi. Disponível em: <http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_50_92.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2015.

SCHULTZ, Silvia. **Abandono de animais: a dura realidade da vida na rua**. 2015. Disponível em: <<http://www.portalnossomundo.com/site/mais/artigos/abandono.html>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

SEC-BA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Educação Quilombola: A ocorrência de quilombos na história da Bahia**. 2015. Disponível em: <escolas.educacao.ba.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2015.

SIGNIFICADOS. **Significado da palavra folclore**. 2015. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/folclore/>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

_____. **Significado da palavra cultura**. 2016. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/cultura/>>. Acesso em: 15mar. 2016

SILVA, Alberto da Costa e. **A espada e a lança: A África antes dos Portugueses**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 647 p.

SILVA, Francisca de Paula Santos da; SÁ, Natalia Coimbra Silva de (Org.). **Cartilha (In) Formativa sobre Turismo de Base Comunitária: "O ABC do TBC"**. Salvador: Eduneb, 2012. 34 p. Disponível em: <<http://www.tbc.uneb.br/sobre/>>. Acesso em: 21 maio 2014.

SOLVÍ SOLUÇÕES PARA A VIDA (São Paulo). **Revista Engenharia Sustentável**. 2015. Disponível em: <<http://www.solvi.com/residuos-publicos/revita-engenharia-sustentavel/>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

YURI ABREU (Bahia). Tribuna da Bahia. **Moradores do Cabula reclamam de devastação em horto: O local está sofrendo com a devastação a cada ano que passa**. 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/2015/07/20/moradores-do-cabula-reclamam-de-devastacao-em-horto>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. Tribuna da Bahia. **SUCOM embarga invasão no Cabula e imóveis podem de ser demolidos: Segundo os moradores, o local pertence ao Ministério da Agricultura e tem uma área de cerca de 380 mil metros quadrados**. 2015. Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/2015/10/21/sucom-embarga-invasao-no-cabula-imoveis-podem-de-ser-demolidos>>. Acesso em: 21 out. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista - Alinne Duarte de Andrade Santana

Entrevista Sra. Alinne Andrade – Diretora da Escola Municipal Cabula I

Data: 26/01/2016

Local: Na Escola Municipal Cabula I

1. Segundo alguns relatos de pessoas da comunidade e funcionários, você chegou à escola por volta dos anos 2000. Fale um pouco de sua trajetória na escola.
2. Você falou na questão de parceria com a comunidade e também nos projetos que eram realizados, e um dos motivos que me fizeram trabalhar na escola foi justamente a proximidade da escola com o Horto Florestal do Cabula. Alguns projetos eram direcionados a esse ambiente, inclusive, em 2014, no Portal do Ministério da Educação, no Data Escola, constavam essas ações ligadas à Educação Ambiental; ao desenvolvimento delas com a comunidade e a escola. Eu quero que você me fale um pouco dessas ações e o porquê que elas deixaram de ser realizadas.
3. Você falou do PPP de 2004. Esse Projeto Político Pedagógico é o que rege a unidade atualmente? O que está sendo modificado?
4. Você falou em uma mudança na questão pedagógica da escola. Pelo que eu entendi, ela foi iniciada a partir de janeiro de 2015, inclusive durante a jornada pedagógica que eu participei quando foi apresentado o Projeto Sustentabilidade. Como surgiu a idéia do projeto? Ele já contemplava as questões que foram mencionadas na questão anterior? E o que mudou de 2015 para 2016 na experiência do projeto sustentabilidade?
5. Durante a pesquisa foi relatado pela comunidade a ausência de uma participação nas ações da escola. Você falou da questão do “pertencimento”; e também questões relacionadas a afro descendência, sendo essa uma área onde se constataram a presença de quilombos, inclusive no Horto, como tem sido trabalhado pela escola a historicidade e o diálogo com essa comunidade? E como a escola tem trabalhado para diminuir a distância que a comunidade reclamou?
6. Então na verdade você está reconhecendo que houve uma falha na questão da informação? Está reconhecendo a deficiência em a comunidade saber o que acontece na escola? Digo isso, pois houve uma unanimidade das empresas parcerias em reconhecer a ausência da participação da comunidade do entorno nas atividades que eles desenvolveram na escola?
7. Em alguns momentos os professores e até mesmo a gestão encontraram dificuldades em participar de algumas ações por conta da demanda de atividades burocráticas; demandas estas que vão continuar em 2016, como é comum em instituições públicas, talvez um pouco diferenciadas por ser um ano eleitoral. Além de corrigir a comunicação com a comunidade, o que a escola busca fazer para que essas tramitações burocráticas não interfiram com as ações do projeto?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista - Alunos da EJA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – EDUCANDO

Como aluno da EJA / PARTICIPANTE DA COMUNIDADE você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I: valorizando saberes e práticas por meio do turismo de base comunitária no Horto Florestal do Cabula**” que tem por objetivo verificar como a Educação Ambiental está sendo desenvolvida pela Escola Municipal Cabula I, considerando a sua interação com a comunidade onde está inserida. Esta pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora Débora Chaves, mestranda em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia.

Data da Aplicação: _____

Série: EJA / Ensino Fundamental

Turno: Noturno

1. CARACTERIZAÇÃO DO EDUCANDO

1. Sexo:

Feminino

Masculino

2. Qual sua idade?

8 anos ou menos

12 anos

9 anos

13 anos

10 anos

14 anos

11 anos

15 anos ou mais

3. Cor/raça como você se declara?

Branca

Negra

Amarela

Parda

Indígena

4. Em que bairro você mora?

Barreira / Cabula I

Estrada das Barreiras

Arraial do Retiro

Engomadeira

Beiru / Tancredo Neves

Outro. Qual? _____

5. Onde você mora existe coleta regular de lixo?

Sim.

Não

6. Caso NÃO EXISTA coleta regular, o que é feito com o lixo produzido?

Queimado

Jogado em terreno baldio

Jogado em Caçamba/container próximos

Jogado no rio, lago ou mar

Enterrado

Outro. Qual? _____

7. Alguém em sua residência faz coleta seletiva?

Sim

Não

8. Onde você mora existe esgotamento sanitário?

Sim

Não

9. Você considera que o esgotamento sanitário de onde você mora adequado?

() Sim () Não () Não se aplica

10. Como é feito o abastecimento de água em sua residência?

() Rede de abastecimento () Chuva
() Poço / Nascente () Outra forma. Qual? _____

11. Alguém em sua residência faz reaproveitamento de água?

() Sim () Não

12. EM CASO POSITIVO, como é feito esse reaproveitamento?

13. Além das práticas já citadas, você ou alguém de sua família fazem alguma ação que ajude a preservar a natureza?

() Sim. Qual (is)? _____
() Não

2. SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

14. Para você o que é Meio Ambiente?

15. O que você entende por Educação Ambiental?

16. Você notou ações de Educação Ambiental desenvolvidas pela sua professora na sua escola?

() Sim. () Não

17. Que ações foram essas?

18. Como as atividades de Educação Ambiental são desenvolvidas pela sua professora?

	1. Sim	2. Não
Discussão em grupo (Falar)		
Atividades artísticas (apresentação teatral, desfiles, etc.)		
Produção de textos		
Elaboração de mural, cartazes, maquetes, etc.		
Exibição de filmes		
Outro. Qual? _____		

19. Você acha importante a inclusão de atividades de educação ambiental no currículo de sua escola?

() Sim. () Não

20. Você sabe o que foram os quilombos?

21. Você sabe que a localidade do Cabula foi uma área de Quilombos?

() Sim. () Não

22. Como atualmente você identifica traços da cultura negra em sua localidade?

- Pelo modo de vestir
 Pelo modo de falar
 Pela religião
 Pela comida
- Pela dança
 Outros. Quais? _____
 Todas as questões anteriores

23. Sua professora já falou sobre cultura negra em sala de aula?

- Sim. Não

24. Como esse assunto foi abordado?

	1. Sim	2. Não
Discussão em grupo (Falar)		
Atividades artísticas (apresentação teatral, desfiles, etc.)		
Produção de textos		
Elaboração de mural, cartazes, maquetes, etc.		
Exibição de filmes		
Outro. Qual? _____		

25. Alguma vez você já notou algum tipo preconceito (Racial, religioso, etc.) em sua escola?

- Sim. Não

26. Como esse fato aconteceu?

27. Você acha importante abordar a cultura negra no currículo escolar?

- Sim. Não

28. Por favor, justifique a sua resposta?

3. SOBRE O HORTO FLORESTAL DO CABULA

29. Você conhece o Horto Florestal do Cabula?

- Sim. Não

30. Já participou de alguma atividade promovida pela escola no Horto Florestal do Cabula?

- Sim. Qual? (is) _____
 Não

31. A escola desenvolveu durante o ano de 2015 um projeto denominado “Sustentabilidade”, em algum momento sua professora falou do Horto Florestal do Cabula?

- Sim. Não

32. Você considera importante que sua professora fale do Horto Florestal do Cabula? Por quê?

33. Você gostaria que ações de Educação Ambiental fossem desenvolvidas no Horto Florestal do Cabula?

- Sim. Não

34. Para você qual a importância que o Horto Florestal do Cabula tem para a Comunidade?

4. RELAÇÃO DA ESCOLA COM A COMUNIDADE

35. Seus pais participaram das atividades promovidas pela escola no ano de 2015?

- () Sim. () Não

36. Como foi (ram) a participação de seus pais na escola?

- () Bazar
 () Conselho de classe
 () Festas comemorativas (Dia da família, festa junina, etc.)
 () Oficina/Cursos promovidos pela escola (Escola Aberta)
 () Palestras
 () Reunião de pais e mestres
 () Outros. Qual (is)? _____
 () Não houve participação

37. Você gostaria que seus pais participassem das atividades promovidas pela escola?

- () Sim. () Não

38. Como você vê a relação da escola com a comunidade do entorno?

- () Ótima () Razoável
 () Boa () Péssima
 () Ruim

39. Você acha importante a participação da comunidade do entorno nas atividades promovidas pela escola?

- () Sim. () Não

40. Você acredita que a comunidade pode ajudar a escola no desenvolvimento de suas atividades?

- () Sim. Como? _____
 () Não

5. SOBRE AS PRÁTICAS REALIZADAS

41. As atividades práticas de Educação Ambiental desenvolvidas pela mestrandia Débora Chaves te ajudaram a entender o conteúdo passado por seus professores em sala de aula?

- () Sim () Não

42. Qual atividade prática desenvolvida pelo projeto de educação ambiental da mestrandia você MAIS gostou?

- () Oficinas () Visitas
 () Palestras () Rodas de conversa
 () Exibição de Filmes () Outra. Qual? _____

43. O que você considerou de diferente nesta atividade?

44. Qual atividade prática desenvolvida pelo projeto de educação ambiental da mestranda você MENOS gostou?

- () Oficinas () Visitas
() Palestras () Rodas de conversa
() Exibição de Filmes () Outra. Qual? _____

45. Pelo (s) qual (is) motivo (s) você não gostou desta atividade?

46. O que mudou no seu comportamento depois das ações realizadas em conjunto com a mestranda e o Projeto Sustentabilidade?

47. Você acha importante que a escola desenvolva atividades de Educação Ambiental em parceria com outras instituições?

- () Sim
() Não

48. O que mais te motivou nas visitas realizadas nas instituições parceiras?

- () Colher informações para apresentação em sala de aula
() Conhecer como é trabalhada a temática ambiental fora da escola
() Conhecer as instalações dos parceiros
() Ver coisas que nunca tinha visto em sala de aula
() Desfrutar de novas oportunidades de conhecimento
() Outro. Qual? _____

49. Você acha que a comunidade deve participar das atividades promovidas por instituições parceiras?

- () Sim
() Não

50. O que você acha que irá acontecer quando a comunidade tiver maior participação nas ações da escola?

- () Os problemas serão resolvidos com mais facilidade
() Os alunos ficaram mais motivados
() A comunidade ficará mais receptiva aos eventos realizados pela escola
() A convivência entre professores, pais e membros da comunidade será mais harmônica
() Outro. Qual? _____

51. Para você, o que mais representa o meio ambiente na sua comunidade?

MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO

APÊNDICE C- Roteiro de Entrevista - Antônio Jorge Nascimento

Entrevista Sr. Antônio Jorge Nascimento – Presidente de honra / Idealizador de Projeto Cidadão

Data: 15/03/2016

Local: Em sua residência.

1. Jorge conte-nos um pouco de sua trajetória. Eu soube hoje que até com um grupo de escoteiros você trabalhou! Como e quando foi sua chegada no Conjunto ACM? Quais foram as primeiras impressões sobre o que viu? Sua história de vida e como começou o desejo de trabalhar com/pela comunidade?
2. Para você qual a maior importância do projeto Cidadão para a comunidade?
3. Instituições públicas como a UNEB devem retribuir/fazer algo para a comunidade do seu entorno? Justifique.
4. A maioria das atividades desenvolvidas por você - principalmente sobre educação ambiental - envolvia o Horto Florestal do Cabula. Que ações foram essas? Fale-nos um pouco de sua relação com o local e de como você se sente ao ver a situação de depredação que ele se encontra.
5. Eu lembro que a primeira vez que estive no Horto Florestal do Cabula foi através de um roteiro oferecido pelo Grupo de Pesquisa Turismo de Base Comunitária que você dirigiu. Como eram feitos esses roteiros? Qual o objetivo? De que forma a comunidade se envolvia na atividade?
6. Em se tratando da proximidade da comunidade e da escola ao Horto Florestal do Cabula como as ações de educação ambiental poderiam ter uma maior abrangência?
7. Desde a sua fundação a escola teve gestões que tinham uma relação mais próxima à comunidade outras não. Para você o que favorece o diálogo entre a escola e a comunidade? Você acha que a gestão influencia? Qual o papel dos professores nesse contexto?
8. Todos os parceiros que desenvolveram uma parceria com a escola em 2015, e tiveram uma ligação com o meu projeto de pesquisa, reclamaram de uma maior participação da comunidade do entorno. O que falta para que a escola volte a estabelecer uma parceria com a comunidade?
9. Você acredita que para ter uma relação boa com a comunidade a pessoa tem que vivenciar o contexto?
10. Em relação à historicidade da região do Cabula, considerando a ancestralidade de povos africanos e indígenas, você acha importante que as escolas incentivem alunos e professores a relembrar esses contextos como uma forma de valorização da cultura local?
11. Em sua opinião, quais os principais impedimentos para que essa prática seja efetivada nas escolas e, em especial, na Escola Cabula I?
12. Você acredita que existe uma perda de identidade quando as escolas não valorizam a cultura local e os contextos históricos da área em que está localizada?
13. A maioria das ações que desenvolve são práticas. Por que você dá uma ênfase maior no desenvolvimento dessas atividades?
14. Você que acompanhou algumas das ações realizadas pelo projeto de pesquisa na Escola Municipal Cabula I, para você qual (is) a (s) principal (is) benefício (s) que atividades como essas fazem em comunidades?
15. Você acredita que a comunidade reconhece as atividades desenvolvidas por você?

MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista - Clemilda Santana da Silva

Entrevista Sra. Cremilda – 1ª Diretora da Escola Municipal Cabula I

Data: 19/12/2105

Local: Em sua residência.

1. Como aconteceu a sua indicação para a Escola Municipal Cabula I?
2. A escola foi construída para atender os moradores do Conjunto ACM que era constituído inicialmente por servidores públicos. Nesse sentido, houve alguma recomendação inicial e/ou especial por parte da pessoa que lhe indicou considerando que o público atendido pela escola era prioritariamente os servidores que moravam no Conjunto?
3. Como era a relação da escola com a comunidade, com as pessoas que já estavam aqui e os estabelecimentos que eram instalados, a padaria Panical, por exemplo, que segundo alguns moradores foi um dos primeiros a se implantarem aqui?
4. Então a Senhora acredita que os funcionários morarem no mesmo local onde é localizada a escola facilita a relação entre a escola e a comunidade?
5. A escola, a partir dessa relação existente, que ações ela desenvolvia com a comunidade? A senhora falou que a escola fazia atividades no Horto, como isso era feito? Que atividades eram essas?
6. Já ocorreu da escola não ter vaga para os residentes do Conjunto? Se sim, o que era feito quando isso acontecia?
7. Um das características que eu mais ouço ressaltar na convivência com a comunidade é justamente a generosidade, a parceria que essa comunidade, esses moradores possuem com o outro. E o que a senhora ressalta como dificuldade sendo gestora e moradora desse Conjunto?
8. Hoje tem um projeto em ação na escola que é chamado Agente da Educação que tem uma pessoa, um profissional vinculado que, a depender da dificuldade, vai nas casas dos pais dos alunos conversar com eles. Na época que a Senhora supervisionava a escola como esse trabalho era feito?
9. Então a Senhora está me dizendo que quando foi supervisora da escola, naturalmente, por morar no Conjunto, pela relação de respeito, a Senhora desenvolvia essa relação escola x comunidade?
10. Depois que a senhora saiu da escola já foi convidada para participar de alguma atividade lá?
11. A Senhora se aposentou quando?
12. Quais as ações que a senhora considera as mais importantes, ou pelo menos, as ações que a senhora destaca, desenvolvidas pela senhora na escola?
13. A senhora falou do Horto, houve alguma ação de educação ambiental que a escola desenvolvia?
14. Isso era feito toda semana? Qual a periodicidade?
15. E esses projetos como eram criados?
16. Então, pelo que a senhora está me falando, a relação da escola com o Horto durante o tempo que a senhora supervisionou, era bem próxima?
17. E a divulgação? Como a comunidade era chamada para participar das ações da escola?
18. A senhora sabe que esta localidade possuía quilombos, alguns moradores falam disso. A senhora tem conhecimento disso?
19. Acredita que a reação deles foi por se sentirem ameaçados?

20. A senhora me perguntou por que eu estava fazendo essa questão, dos quilombos. A pesquisa que eu desenvolvo trata da relação escola x comunidade e no desenvolver da minha pesquisa eu descobrir que um quilombo se constituiu dentro do Horto. Então, gostaria de saber como a escola tratou essa questão?
21. A senhora se considera negra?(D. Clemilda riu muito quando fiz essa pergunta e então expliquei que muitas pessoas mesmo tendo o tom da pele escuro não se assumem negras. Ela tem o tom da pele escuro)
22. E como a senhora como negra, gestora da escola, moradora do Conjunto ACM está se sentindo falando sobre esses fatos que ocorreram com os descendentes de negros? Como a senhora vê esses fatos hoje, em 2015?
23. E a senhora acha que essas pessoas vinham morar aqui por quê? Em busca de quê?
24. Nós já estamos perto de terminar a nossa entrevista e a Senhora está dando informações muito boas! A senhora começou a falar do Horto como Geógrafa... Como Pedagoga, a senhora gostaria que ações de educação ambiental, em parceria com a comunidade, fossem desenvolvidas no Horto?
25. A senhora falou de toda a sua história na escola Cabula I, mesmo depois que a senhora se aposentou. O que fez a Senhora sempre voltar à escola? O que faz a Senhora desejar voltar à escola?
26. Na sua gestão, o que a senhora gostaria de ter feito, não fez e acha que deve ser feito hoje?
27. O contato com a natureza, por causa do Horto era mais direto, talvez por conta da comunidade ser mais rural. E agora, as pessoas precisam voltar a ter essa relação?

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista - Denis Sena Rocha

07/05/2015 – Entrevista Denissena

1. Defina educação.

Professor – classificação de classe

Educador – essência e prazer em educar

Manifestação cultural na educação – Paulo Freire.

2. Para você como o Graffiti pode ajudar na formação dos Jovens?
3. Você vive na comunidade da Estrada das Barreiras, antigo quilombo do Cabula, onde existe a proximidade com terreiros de candomblé, do horto florestal do cabula, e tudo isso no meio de centro financeiro da cidade que é a Avenida Antônio Carlos Magalhães. Esse contexto todo é o responsável pela linguagem que você desenvolve na sua linguagem artística, nos desenhos que representam os orixás, o preconceito da cor relacionado à raça negra, como você analisa esse contexto de conflito entre a comunidade da Estrada das Barreiras e a pressão existente na atualidade entre comunidades que preservam laços ancestrais e a realidade do Capital / capitalista?
4. Como você iniciou suas atividades o TBC? Fale sobre o TBC.
5. Como você relaciona as ações de educação ambiental com a arte graffiti?
6. O que significa o Horto para você?

APÊNDICE F - Roteiro de Entrevista - Eugênia da Silva Reis

Entrevista Sra. Eugênia Reis – Ex-Diretora da Escola Municipal Cabula I e idealizadora do projeto sustentabilidade

Data: 26/01/2016

Local: Em sua residência.

1. Como você começou a desenvolver suas ações na escola? Você foi direto assumir o cargo de direção?
2. Você falou em mudanças na escola; que a comunidade procurou a escola querendo mudanças. Que mudanças foram essas?
3. E como você começou a fazer a inclusão da comunidade na escola?
4. Você ficou na escola de 2000 a 2006, como diretora; depois de 2006 até 2010, como vice diretora; de 2010 a 2013, coordenadora do mais educação; de 2006 a 2013, coordenadora da escola aberta. E como coordenadora pedagógica? Eu lembro que quando eu fui apresentada em janeiro de 2015 você estava como coordenadora pedagógica?
5. Até 2014, no site da Plataforma Brasil, vinculado ao Ministério da Educação, dentro das atividades complementares, continham informações relacionadas a ações de Educação Ambiental feitas na escola. Esse projeto – Sustentabilidade - que foi proposto por você tem alguma relação com essas ações?
6. Na entrevista com a primeira diretora da escola, Sra. Cremilda, a mesma falou que a escola tinha uma relação excelente com a comunidade, pois ela e também os professores moravam próximos à escola. Você que também desenvolveu um trabalho/uma relação próxima à comunidade, em sua opinião o que fez a escola “quebrar” a relação de mais proximidade com o conjunto ACM?
7. Você acha que a comunidade não influencia? Esse ir à escola, como a comunidade fez na sua gestão, não ajuda? O que você acha que precisa ser feito para que essa relação seja mais estreitada?
8. Eu lembro que quando nos conhecemos, em janeiro de 2015, eu falei com você em relação ao meu trabalho, que iria ser desenvolvido no Horto, você tomou um susto! Eu quero que você me fale dos projetos que você desenvolveu em parceria com o Projeto Cidadão no Horto e me diga o porquê desse estranhamento, daquela atitude de desagrado em relação ao local?
9. Você acha que caso tenha alguma política pública, alguma ação dos órgãos competentes no Horto Florestal do Cabula a escola ainda pode aproveitá-lo para o desenvolvimento de atividades?
10. A reforma da escola aconteceu nessa época, em 2004. Como aconteceu, como foi que eles te procuraram para falar da reforma?
11. Você falou da questão do Horto, você falou da relação da escola com a comunidade e como a escola na sua gestão trabalhava a questão da descendência de negros e índios?
12. As professoras chegaram pra você para falar para você dessa resistência em lidar com as questões relacionadas á afro descendência? Ou você percebeu o estranhamento?

13. Qual foi o posicionamento da direção quando você fez essa queixa?
14. Além do programa escola aberta a escola teve um problema em relação à EJA, no turno noturno, a escola chegou a fechar por falta de aluno. Qual a sua opinião em relação a isso?
15. Eu conheço o seu projeto. Nós o discutimos. Realmente ele trata das questões relacionadas com o meio ambiente, mas relacionadas com o ser humano. Porque você achou que deveria focar nessa abordagem?
16. Então na verdade, a idéia do projeto Sustentabilidade foi trabalhar o meio dentro da escola, ou seja, questões sócio emocionais e não o meio ambiente do entorno da escola?
17. O seu projeto não abrange a comunidade, apenas dentro da escola. O projeto foi feito para trabalhar dentro da escola?
19. Então você está voltando à questão: o papel da escola na comunidade depende da gestão?
20. E o papel do professor e das outras pessoas da escola?
21. E os programas Escola Aberta e Mais Educação, a escola procura ou o governo oferece?
22. Então você acha que a gestão tem que buscar recursos para lincar essa questão entre escola e comunidade? Não é só o governo que tem que impor?
23. Eu tenho ouvido de muitas diretoras, não só a da Cabula I, que tem alguns projetos com dificuldades para serem implantados, pois os professores colocam empecilhos. Qual a sua opinião sobre isso?
24. Como você acha que os professores devem se comportar? O que devem fazer?
25. Porque você acha que tem essas atitudes: e acompanhar, de apadrinhar seus alunos? Você acha que é um pouco responsável por eles?
26. O Cabula cresceu, a Estrada das Barreiras, o Cabula I e com isso alguns problemas sociais como a violência, o desemprego, o saneamento básico... A invasão do Horto veio agravar algumas dessas situações. A escola está no meio do “fogo cruzado” e como está a relação da escola com a violência? Como você tem “sentido” essa questão?
27. Eu tive a impressão que quanto mais próximas a realidade dos alunos as professoras se tornam mais sensíveis àquele aluno. Em sua opinião, isso realmente acontece na Cabula I?

APÊNDICE G - Roteiro de Entrevista - José Paim

Entrevista Sr. Antônio Jorge Nascimento – Zelador de Santo, Terreiro Nzo Bakisê Sasa ganzuá Gongará Kayango

Data: 15/03/2016

Local: Em sua residência.

Mesmo antes de começar a fazer as perguntas o Zelador de Santo começou a falar:

- O Conjunto inaugurou no dia 04, algumas pessoas vieram no dia 05 e eu me mudei 20 de setembro de 1974. Na minha rua só tinha poucas pessoas; como não tinha nada para fazer a gente ficava arrodando o condomínio.
 - No Horto a gente não podia entrar porque tinha Senhor Florisvaldo que era o administrador e não deixava ninguém entrar. Só entrávamos quando os escoteiros estavam lá. Eles chegavam na sexta-feira, passavam o sábado e abriam os portões no domingo. Ai, a gente entrava. Quem coordenava os escoteiros: Antônio Jorge.
 - Entrávamos, às vezes de manhã, para pegar mangaba, pois o Horto tinha muitos pés e aproveitávamos as frutas para fazer suco. Também tinha pé de Ingá... era maravilhoso! Mas tudo que o homem faz é destruir!
 - Os terreiros de candomblé vivem da relação com a natureza. Da água e das ervas.
1. Como o Senhor tem sentido essa transformação, principalmente em relação ao Horto?
 2. Então quando o Conjunto foi instalado ainda tinha resquícios de chácaras?
 3. E com todas essas mudanças, como fica a questão da religião?
 4. Então o senhor desistiu do Horto? O Senhor acha que ainda tem uma solução para o local?
 5. O terreiro foi fundado em 17 de maio 1995. Com 21 anos de fundação, o terreiro pedi um pouco de sua identidade, a ligação com o Horto em relação a busca de materiais para seus cultos?
 6. Em relação a educação ambiental, do contato com a natureza, como a religião do candomblé para outras pessoas?
 7. Eu sinto uma sensação de desesperança no Senhor em relação ao homem com a natureza. O Senhor acha que não tem mais solução?
 8. O candomblé de Angola, a religião, como firma a descendência dos povos originários?
 9. Além da persistência, o que o Senhor dos ancestrais de Angola para ser utilizado no século XXI como benefício à natureza?
 10. Qual a mensagem que o senhor deixa em relação a salvaguarda da natureza?

- () Letras Vernáculas com ênfase em Língua Estrangeira () Outro.Qual? _____
 () Não possuo graduação

7. Há quanto tempo atua como Professora nesta escola?

- () 01 a 03 anos () 04 a 06 anos
 () 07 a 10 anos () mais de 10 anos

8. Em que bairro você mora?

- () Barreira / Cabula I () Estrada das Barreiras
 () Arraial do Retiro () Engomadeira
 () Beiru / Tancredo Neves () Outro. Qual? _____

9. Antes de trabalhar na Escola Municipal Cabula I você já frequentava a Comunidade do Entorno?

- () Sim. () Não

10. Em caso afirmativo, como você avalia essa experiência?

11. E hoje, você participa de eventos na comunidade do entorno?

- () Sim () Não

Justifique:

2. SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

12. O que você entende por Meio Ambiente?

13. O que você entende por Educação Ambiental?

14. Tem experiência com temáticas ambientais?

- () Sim. _____
 () Não

15. Em caso afirmativo, como/onde foi feita essa formação?

- () Disciplinas na Graduação
 () Formação Continuada /Secretaria de Educação
 () Formação Continuada /Curso de Extensão Acadêmica
 () Pós- graduação Lato Sensu (Especialização)
 () Pós-graduação Stricto - Sensu (Mestrado)
 () Pós-graduação Stricto - Sensu (Doutorado)
 () Outros cursos por iniciativa pessoal . Qual? _____
 () Não se aplica

16. Você tem conhecimento da legislação que regulamenta a Educação Ambiental?

- () Sim () Não

17. Você se pauta na legislação que regulamenta a Educação Ambiental na condução dos seus trabalhos pedagógicos?

- () Sim () Não () Não se aplica

18. Quais os documentos que você utiliza como referencial para a Educação Ambiental?

	1. Sim	2. Não	3. Desconheço
Constituição Federal			
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental			
Política Nacional de Educação Ambiental			
Cadernos de Orientações Didáticas			
Lei de Diretrizes e Bases para a Educação			
Legislação Estadual (Política de Educação Ambiental / Programa de Educação Ambiental)			
Legislação Municipal (Política de Educação Ambiental / Programa de Educação Ambiental)			

19. Existe proposta pedagógica destinada a EA, vinculada ao sistema de ensino que a escola pertence?

Sim Não Desconheço

20. Como o sistema de ensino que a escola pertence auxilia nas atividades socioambientais na instituição?

21. A escola recebe livros didáticos que tratam de questões socioambientais?

Sim Não Não se aplica

22. Você acha que o Projeto Político Pedagógico da escola contempla a educação ambiental?

Sim Não

Justifique:

23. Você acha importante a inclusão de atividades de socioambientais no currículo escolar?

Sim. Não

Justifique:

24. Qual o recurso pedagógico que você MAIS utiliza em suas aulas?

Livro didático Filmes e/ou documentários
 Jornal e/ou revista Internet
 Caderno e quadro Outro. Qual? _____

25. Em sua opinião, de que forma os educandos aprendem com mais facilidade?

Realizando exercícios para internalizar os “conteúdos” dados Realizando pesquisas para aprender novos conteúdos
 Estudando no livro em casa Prestando atenção às aulas
 Experiências cotidianas Outra forma. Qual? _____
 Atividades em grupo

26. Você tem conhecimento que a localidade do Cabula foi uma área de quilombos?

Sim. Não

27. **Alguma vez esse assunto (Quilombo do Cabula) já foi abordado em sala de aula?**
- () Sim. () Não () Não se aplica

Em caso positivo, como o mesmo foi abordado?

28. **Você acha importante abordar a cultura negra no currículo escolar?**

() Sim. () Não

Por favor, justifique a sua resposta?

29. **A localidade do bairro da Barreiras e seu entorno possuem muitos terreiros de candomblé que promovem ações ligadas à cultura afro descendente como danças, cursos de bordados, penteados e outros que abordam temas que falam desde o respeito ao meio ambiente quanto ao relacionamento com pessoas de maior idade, dentre outros que coincidem com a proposta pedagógica da escola. Você conhece essas ações?**

() Sim () Não

30. **Em algum momento você ou a escola pensou em convidá-los para explanar sobre esses assuntos com seus alunos, professores e/ou funcionários?**

() Sim () Não

Em caso afirmativo, explique como:

Em caso negativo, porque não o fez?

3. SOBRE O HORTO FLORESTAL DO CABULA

31. **Você já ouviu falar/conhece o Horto Florestal do Cabula?**

() Sim. () Não

Em caso afirmativo, de que forma?

32. **Você tem conhecimento da ocupação/invasão localizada dentro do Horto Florestal do Cabula?**

() Sim () Não

Em caso afirmativo, informe como:

33. **As visitas orientadas promovidas pela escola incluem o Horto Florestal do Cabula?**

() Sim () Não

Justifique:

34. **Já participou de alguma atividade promovida pela escola no Horto Florestal do Cabula?**

() Sim. Qual? (is) _____
() Não

35. **A escola desenvolveu durante o ano de 2015 um projeto denominado “Sustentabilidade”, em algum momento você mencionou o Horto Florestal do Cabula nas atividades**

desenvolvidas com seus alunos?

Sim.

Não

Justifique:

36. Você considera importante que o Horto Florestal do Cabula seja relacionado às atividades socioambientais desenvolvidas na/pela escola? Por quê?

37. Você acredita que o Horto Florestal do Cabula poderia contribuir em ações de educação ambiental?

Sim.

Não

Justifique:

38. Para você o Horto Florestal do Cabula tem alguma importância para a Comunidade do entorno da escola?

Sim.

Não

Justifique:

39. Para você, as ações realizadas pela escola contribuem para a salvaguarda do Horto Florestal do Cabula?

Sim.

Não.

Por quê?

40. Você já desenvolveu com seus alunos ações que contribuíssem para a salvaguarda do Horto Florestal do Cabula?

Sim. Qual (is) _____

Não. Por quê? _____

41. Você acha possível o desenvolvimento de atividades de educação ambiental no Horto Florestal do Cabula? Por quê?

42. Em sua opinião, o que é necessário para que um lugar como o Horto Florestal do Cabula seja um parceiro da escola e da comunidade em ações de educação ambiental?

4. RELAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

43. Os acontecimentos e projetos da escola são prontamente divulgados e organizados para atender à Comunidade escolar e a do entorno?

Sim

Não

As vezes

44. Qual a forma MAIS frequente de comunicação, relacionada aos projetos da escola?

Mural

Verbalmente pelo(a) gestor(a)

Rádio comunitária

Verbalmente pela coord. pedagógica

- () Verbalmente pelos professores () Outra. Qual? _____
 () Verbalmente por outros profissionais

45. Para você, os projetos da escola são bem divulgados entre a comunidade escolar?

- () Sim () Não () As vezes

Por favor, comente sua resposta.

46. Para você, quais as principais dificuldades da equipe gestora na divulgação dos projetos da escola entre a comunidade escolar?

47. Para você, quais as principais dificuldades da equipe gestora na divulgação dos projetos da escola na comunidade do entorno?

48. Você desenvolve atividades educativas que favorece a resolução de conflitos e o enfrentamento de questões de discriminação (racial, religiosa, sexo, etc.) dentro e fora da escola?

- () Sim. () Não () As vezes

49. Em caso afirmativo, justifique como:

50. Como você identifica esses conflitos?

51. Como você trabalha são trabalhadas questões ético-raciais com seus alunos?

52. Alguma vez você já presenciou algum tipo preconceito (Racial, religioso, etc.) entre os alunos da escola?

- () Sim. () Não

53. Como esse fato aconteceu? O que fez a respeito?

54. Em sua opinião, as ações relacionadas ao Projeto “Sustentabilidade”, por parte da escola, favorecem a diminuição de conflitos (raça, religião, sexo, etc.). De que forma?

55. Você recebeu orientações sobre a forma que poderia desenvolver as atividades dos professores relacionadas ao Projeto “Sustentabilidade”?

- () Sim. () Não

56. Com que frequência você recebeu as orientações relacionadas ao Projeto “Sustentabilidade”?

- () Diariamente () Bimestralmente
 () Semanalmente () No início do ano, na jornada pedagógica
 () Quinzenalmente () Não foi existe planejamento prévio
 () Mensalmente () Não se aplica

57. Em caso afirmativo, assinale de que forma você recebeu a orientação:

- () Individualmente () Individualmente/ coletivamente
 () Coletivamente () Não se aplica

58. De que forma você mais trabalhou as ações relacionadas ao Projeto “Sustentabilidade”?

5. RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

59. A escola faz campanhas junto à comunidade com o objetivo de divulgar práticas socioambientais realizadas pela escola?

Sim Não

60. Em caso afirmativo, explique como:

61. Você já realizou visitas orientadas no bairro e na região do entorno identificando equipamentos públicos?

Sim Não As vezes

Em caso positivo, qual (is) atividade (s)?

62. Os espaços, equipamentos públicos e saberes locais da comunidade do entorno da escola foram utilizados por você para desenvolver alguma atividade? Como?

63. Você já desenvolveu atividades que colaboram para minimizar problemas identificados na comunidade?

Sim Não As vezes

Em caso positivo, qual (is) atividade (s)?

64. Com que frequência?

Anualmente Não se aplica
 Semestralmente Outro. Qual? _____

65. Qual a forma de comunicação mais utilizada por você para difundir práticas socioambientais realizadas por seus alunos?

Faixas/cartazes Mural
 Rádio comunitária Outro. Qual? _____

66. Você acha que a escola é receptiva à comunidade?

Sim Não

Justifique:

67. Para você, as atividades culturais, recreativas e esportivas promovidas pela escola contemplam a participação da comunidade do entorno da escola?

Sim Não

Em caso positivo, informe de que forma:

6. RELAÇÕES COM PARCEIROS

68. Em sua opinião, qual (is) atividade (s) prática (s) desenvolvida(s) pelas instituições parceiras MAIS auxiliou no processo de ensino aprendizagem dos seus alunos?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Oficinas | <input type="checkbox"/> Visitas |
| <input type="checkbox"/> Palestras | <input type="checkbox"/> Rodas de conversa |
| <input type="checkbox"/> Exibição de Filmes | <input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____ |

Por quê?

69. Em sua opinião, qual (is) atividade (s) prática (s) desenvolvida(s) pelas instituições parceiras MENOS auxiliou no processo de ensino aprendizagem dos seus alunos?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Oficinas | <input type="checkbox"/> Visitas |
| <input type="checkbox"/> Palestras | <input type="checkbox"/> Rodas de conversa |
| <input type="checkbox"/> Exibição de Filmes | <input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____ |

Por quê?

70. De que forma as ações extracurriculares desenvolvidas pelos parceiros lhe ajudaram no planejamento de ações relacionadas ao projeto político pedagógico da escola?

71. Quais as principais dificuldades enfrentadas por você durante desenvolvimento das ações extracurriculares?

72. O que você fez para sanar as dificuldades enfrentadas?

73. Você acha importante que a escola desenvolva atividades de Educação Ambiental em parceria com outras instituições?

- Sim Não

Justifique:

74. Em sua opinião, qual (is) o (s) aspecto(s) no (s) qual (is) as visitas realizadas nas instituições parceiras mais contribuiu para a aprendizagem dos seus alunos?

- Colher informações para apresentação em sala de aula
- Conhecer como é trabalhada a temática ambiental fora da escola
- Conhecer as instalações dos parceiros
- Ver coisas que nunca tinha visto em sala de aula
- Desfrutar de novas oportunidades de conhecimento
- Outro. Qual? _____

75. Você acha que a comunidade do entorno deve participar das atividades promovidas por instituições parceiras?

- Sim
- Não

Por quê?

76. O que você acha que irá acontecer quando a comunidade tiver maior participação nas ações da escola?

- () Os problemas serão resolvidos com mais facilidade
- () Os alunos ficaram mais motivados
- () A comunidade ficará mais receptiva aos eventos realizados pela escola
- () A convivência entre professores, pais e membros da comunidade será mais harmônica
- () Outro. Qual? _____
- () Não terá contribuição

7. RELACÃO COM O PROJETO DE MESTRADO

77. Como a proposta a ser executada pela mestrandia Débora Chaves chegou a seu conhecimento?

78. De que forma você recebeu a proposta para o projeto de pesquisa desenvolvido pela mestrandia Débora Chaves?

79. Em sua opinião quais as principais contribuições das ações extracurriculares propostas em parceria com o projeto de pesquisa da mestrandia?

80. Você acredita que as ações extracurriculares desenvolvidas em parceria com o projeto de mestrado contribuíram para o estreitamento da relação entre a escola e a comunidade do entorno? Explique.

81. Quais as dificuldades encontradas por você na condução das ações desenvolvidas pelo projeto da mestrandia? Essas dificuldades foram superadas? De que forma?

82. Em sua opinião, qual o aspecto MAIS favorável que o projeto de mestrado desenvolvido em parceria com a escola proporcionou? Por quê?

83. Em sua opinião, qual o aspecto MENOS favorável que o projeto de mestrado desenvolvido em parceria com a escola proporcionou? Por quê?

84. Para finalizar, para você o que mais representa o meio ambiente na comunidade do Entorno da Escola Municipal Cabula I?

MUITO OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

Observação: as questões acima possuem o intuito de responder o objetivo principal da pesquisa, citado em epígrafe. Por isso, queira responder as questões e, caso necessário, fazer os comentários pertinentes logo abaixo das mesmas, com uma cor de texto diferente das perguntas para que possamos evidenciá-los.

APÊNDICE I - Roteiro de Entrevista – Representante do Ministério da Agricultura na Bahia

Entrevista Sr. Railton Lopes dos Santos – Chefe da Divisão de Apoio Administrativo / Preposto do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-Superintendência Federal de Agricultura na Bahia - SFA/BADData: 04/04/2016

Local: Superintendência Federal de Agricultura na Bahia - SFA/BA

1. De acordo com informações dadas por esse Órgão, e também pela comunidade, sabemos que no dia 22.03.2016 teve uma visita à área do Horto Florestal do Cabula localizada próxima ao Conjunto Antônio Carlos Magalhães para verificar denúncias de devastação na área de preservação ambiental. Como/O que ocorreu essa visita?
2. Tenho acompanhado as denúncias em relação à ocupação na área do Horto Florestal do Cabula desde 2008. Quando de fato elas começaram a ser feitas por esse Ministério aos órgãos competentes?
3. O que mudou agora? Se as denúncias foram feitas a esses mesmos órgãos e eles nunca atenderam?
4. E como o acordo foi feito? Pois, no acordo com a Prefeitura a SFA/BA iria ficar com o Galpão e o IBAMA com 8.000 m². E agora?
5. Vocês não irão ficar com o Galpão? Por quê?
6. Quem fez o primeiro contato? A CONDER nos procurou.
7. E realmente vão tirar todas aquelas famílias de lá? Tem gente que mora mais de dez anos na área. Como vocês irão resolver essa questão?
8. Você que foi morador do bairro das Barreiras, o que senti em relação à essa situação do Horto Florestal do Cabula?
9. Onde você morou no bairro?

APÊNDICE J - Formulário de Avaliação de Evento/Atividade

FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE EVENTO

Em 2015, você foi convidado (a) a participar da pesquisa: **“EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL CABULA I: valorizando saberes e praticas por meio do turismo de base comunitária no Horto Florestal do Cabula”**, de responsabilidade da pesquisadora Débora Chaves, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem por objetivo verificar como a educação ambiental está sendo desenvolvida pela Escola, considerando a sua interação com a comunidade onde a mesma está inserida. A ação participativa que foi desenvolvida por você favoreceu alunos, professores, funcionários, comunidade do entorno e demais envolvidos a ter uma maior compreensão sobre questões socioambientais. Desta forma, queremos saber suas impressões, opiniões, comentários e sugestões sobre a experiência no desenvolvimento da atividade e com o público que o (a) assistiu.

NOME DO (A) PARTICIPANTE: _____
 PROFISSÃO/ÁREA QUE ATUA: _____
 INSTITUIÇÃO/LOCAL DE TRABALHO: _____
 ATIVIDADE DESENVOLVIDA: _____
 DATA DE REALIZAÇÃO: _____ Turno: _____
 PÚBLICO ASSISTIDO: _____

1. Você já participou de outras atividades com a mesma proposta sugerida pela mestranda?

Sim (). Quais? _____
 Não ()

2. Você gostou de participar desta atividade? Sim () Não ()

Justifique.

3. O que fez para que público assistido participasse de uma forma mais efetiva da atividade desenvolvida por você na Escola Municipal Cabula I?

4. Como se sentiu, durante os questionamentos e intervenções realizadas pelo público assistido na atividade desenvolvida por você na Escola Municipal Cabula I?

5. Qual (is) o (s) aspecto (s) lhe chamou mais atenção durante a realização da atividade?

6. A participação na atividade desenvolvida na Escola agregou conhecimento na sua trajetória de vida? Justifique.

7. Durante a sua participação, qual a principal dificuldade enfrentada por você na condução da atividade desenvolvida na escola?

8. Quais os aspectos que considerou MAIS positivos durante a realização da atividade? Por quê?
9. Quais os aspectos que considerou MENOS positivos durante a realização da atividade? Por quê?
10. O que você entende por Educação Ambiental?
11. Em sua opinião, a atividade que você desenvolveu na escola atendeu a proposta do projeto de pesquisa da mestranda Débora Chaves? Por quê?
12. Gostaria de participar de outros eventos em parceria com a escola?
Sim () Não ()

Justifique.

13. Para você a atividade conseguiu contemplar a comunidade do entorno?
Sim () Não ()

Justifique.

14. Comentários opcionais (sugestões e outros que queira mencionar)

APÊNDICE K – Fotos da visita da equipe COELBA.



Foto15 – Troca de conhecimentos
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015



Foto16 – Jogos eletrônicos
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015

CONSUMO MÉDIO MENSAL				
EQUIPAMENTO	POTÊNCIA	PREÇO (MENSAL) R\$	MÉDIA UTILIZAÇÃO horas	CONSUMO MÉDIO MENSAL (kWh)
TV LCD	120 W	30	30	23,75
Ar-condicionado	1000 W	25	30	148
Refrigerador	150 W	30	20	1,58
Máquina de lavar	110 W	30	20	1,75
DVD	10 W	1	20	0,14
Lâmpada LED	10 W	10	30	1,50
Lâmpada fluorescente	20 W	10	30	3,75
Lâmpada incandescente	60 W	20	30	6,00
Geladeira	100 W	30	100	34,40
Secador	2000 W	30	20	20,00
Microondas	2000 W	30	20min	10,00
Chuveiro Elétrico	6000 W	30	20min	21,15
Secador de Cabelo	800 W	20	20min	8,00
Chuveiro de Cabelo	800 W	20	20min	8,00
Máquina de Costura Digital	1000 W	12	20	12,00
Forno de panela Digital	1000 W	12	20	12,00
Ar-condicionado	600 W	20	30	228,10
Ventilador	20 W	20	30	10,00
Ventilador de Teto	100 W	30	30	30,00
Notebook	90 W	30	30	27,00
Computador de celular	4,0 W	30	2h	0,24
Bateria D'água	600 W	30	20min	6,00

Consumo = (potência em watts/1000) x (tempo) número de horas = total em kWh

Foto17 – Jogos eletrônicos
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015



Foto18 – Jogos eletrônicos
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015

APÊNDICE L – Fotos da visita da EMBASA.



Foto19 – Palestra Saneamento Básico
Fonte – Arquivo pessoal, maio, ano 2015



Foto20 – Roda de conversa
Fonte – Arquivo pessoal, maio, ano 2015



Foto 21 – Roda de Conversa
Fonte – Arquivo pessoal, maio, ano 2015



Foto 22 – Banner Rede de Água e Esgoto
Fonte – Arquivo pessoal, maio, ano 2015

APÊNDICE M – Fotos da visita da LIMPURB.



Foto 23 – Oficina de bolsa / caixa treta pak
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015



Foto 24 – Oficina de bolsa / caixa treta pak
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015



Foto 25 – Oficina de bolsa / garrafa pet
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015



Foto 26 – Palestra / Contaçon de história
Fonte – Arquivo pessoal, dezembro, ano 2015

APÊNDICE N – Fotos da oficina de reaproveitamento de óleo para fabricação de sabão

Foto 27 – Oficina Reaproveitamento de óleo
Fonte – Arquivo pessoal, julho, ano 2015



Foto28 – Oficina Reaproveitamento de óleo
Fonte – Arquivo pessoal, julho, ano 2015



Foto 29 – Oficina Reaproveitamento de Óleo
Fonte – Arquivo pessoal, julho, ano 2015



Foto 30 – Oficina Reaproveitamento de Óleo
Fonte – Arquivo pessoal, julho, ano 2015

APÊNDICE O – Fotos do Museu de Energia COELBA



Foto 31 – Aparelhos de simulação de energia
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 32 – Aparelhos de simulação de energia
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015

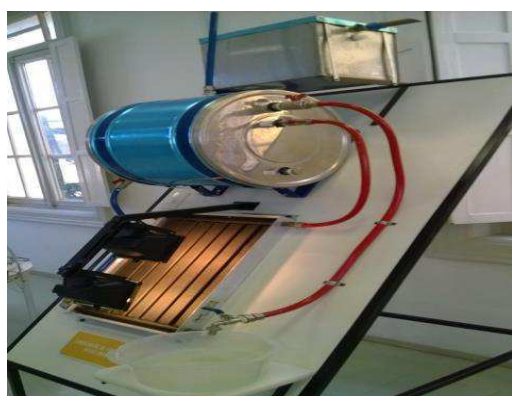


Foto 33 – Aparelhos de simulação de energia
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 34 – Aparelhos de simulação de energia
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015

APÊNDICE P – Fotos do Pituáçu Solar

Foto 35 – Maquetes Pituáçu Solar
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 36 – Maquetes Pituáçu Solar
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 37 – Aula Expositiva Sobre Energia Solar
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 38 – Aula Expositiva Sobre Energia Solar
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015

APÊNDICE Q – Fotos do Museu Carlos Costa Pinto

Foto 39 – Maquetes Pituaçu Solar
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 40 – Maquetes Pituaçu Solar
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015

APÊNDICE R – Visita da Revita



Foto 41 – Palestra Revita
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 42 – Palestra Revita
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 43 – Palestra Revita
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 44 – Palestra Revita
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 45 – Palestra Revita
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015



Foto 46 – Palestra Revita
Fonte – Arquivo pessoal, outubro, ano 2015

APÊNDICE S – 1ª Culminância realizada



Foto 47 – Desfile da Sustentabilidade
Fonte – Arquivo pessoal, setembro, ano 2015



Foto 48 – Desfile da Sustentabilidade
Fonte – Arquivo pessoal, setembro, ano 2015



Foto 49 – Desfile da Sustentabilidade
Fonte – Arquivo pessoal, setembro, ano 2015



Foto 50 – Desfile da Sustentabilidade
Fonte – Arquivo pessoal, setembro, ano 2015

APÊNDICE U – Fotos dos roteiros no Horto Florestal do Cabula



Foto 35 – Roteiro Mata Escura
Fonte – Arquivo pessoal, novembro, ano 2014



Foto 35 – Roteiro Mata Escura, Represa
Fonte – Arquivo pessoal, novembro, ano 2014



Foto 36 – Roteiro Mata Escura
Fonte – Arquivo pessoal, novembro, ano 2014



Foto 37 – Roteiro Conjunto ACM
Fonte – Arquivo pessoal, novembro, ano 2015



Foto 38 – Roteiro ACM, Guine
Fonte – Arquivo pessoal, novembro, ano 2015



Foto 39 – Roteiro ACM, Avenida de Casas
Fonte – Arquivo pessoal, novembro, ano 2015

APÊNDICE V - Relatório Fotográfico da SFA/BA, 2016

Foto 40 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016

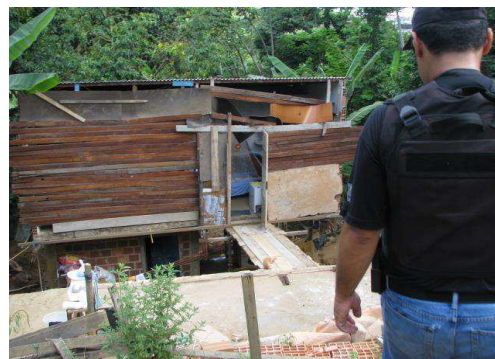


Foto 41 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 42 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 43 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016

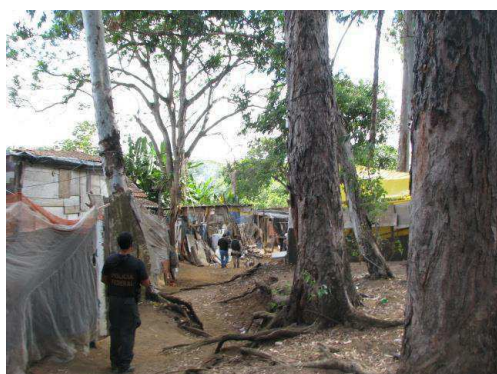


Foto 44 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016

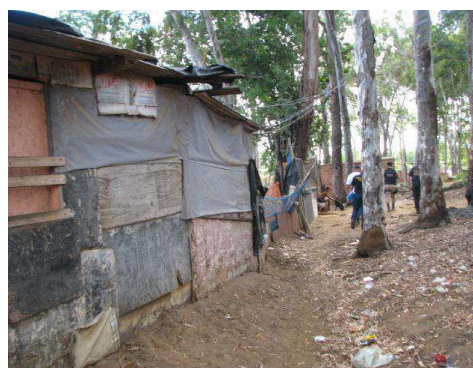


Foto 45 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 46 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 47 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 48 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016

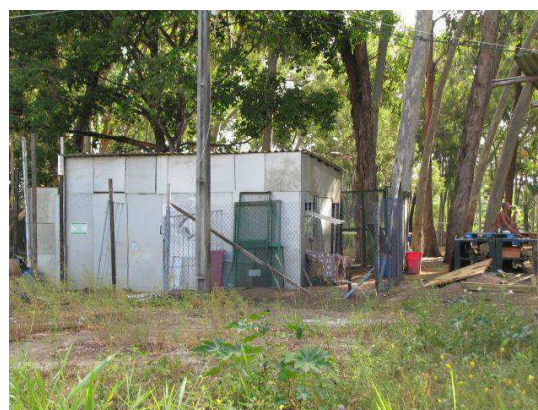


Foto 49 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 50 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 51 – Invasão Horto
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 52 – Invasão Horta
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 53 – Invasão Horta
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 54 – Invasão Horta
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 55 – Invasão Horta
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 56 – Roteiro ACM, Guine
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016



Foto 57 – Roteiro ACM, Avenida de Casas
Fonte – Arquivo pessoal, março ano 2016